



Inês Pedrosa

Publicações Dom Quixote

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

A INSTRUÇÃO DOS AMANTES

Inês Pedrosa

à memória do avô Domingos e para os meus amigos.

"...O meu jardim continha um só farrapo de sol limpo desdobrado sobre o verde do relvado como nos piqueniques se lançam as toalhas.

O meu jardim tinha aquelas árvores todas. Pelo suor das tardes ásperas mãos de jogos indolentes, eu subia.

Do terceiro ou quarto ramo horizontal eu abarcava a rua. Tudo era assim e tinha só trezentos metros.

Quão longe esta baía está do céu, mau grado o vento."

Jorge Colombo, Poemas

1

Se Cláudia fosse uma rapariga dada aos delírios românticos próprios da sua idade, teria escolhido um outro cenário para princípio de paixão. Mas Cláudia trazia os ânimos desprevenidos, e deu-lhe para entontecer por Dinis no funeral de Mariana.

Tratava-se, aliás, de uma bela cerimónia. O pai da morta explicou que a pequena se tinha desequilibrado da varanda, e o padre lá fez de conta que o Senhor escreve direito por linhas tortas. Assim, a pobre alma passou oficialmente ao convívio dos anjos com um visto de vertigem involuntária.

Os suicídios são excelentes estimulantes da solidariedade humana. Viva, Mariana não despertara maior entusiasmo que o das chalaças de circunstância. Nunca ninguém cuidou de averiguar quem ela era, porque ela trazia sobre o corpo o único antídoto de curiosidade eficaz numa mulher de dezasseis anos: a gordura. Mariana era realmente tão gorda que podia permitir-se passear pelas ruas do bairro às três da madrugada sem despertar o dente certo das porteiras ou o álcool fegoso dos rapazes. Nunca :, ninguém disse mal dela, como normalmente ali se dizia das pessoas a quem se queria bem.

Agora, pela primeira vez, Mariana tinha a importância da culpa. Mas nem aquela gloriosa culpa parecia pertencer-lhe por inteiro; os vizinhos culpavam o pai, a família culpava a morte precoce da mãe, os velhos culpavam os novos. Só os novos, liderados pelo namorado de Cláudia, faziam a devida vénia à defunta: "Ela matou-se porque quis", disseram. Ela tinha ousado enfrentar a morte, e isso lhes bastava. Era por isso que estavam todos ali, aperlaltadíssimos. Os rapazes puseram gravata e pentearam os cabelos. As meninas prenderam com ganchos as franjas enormes e rezaram convictamente as orações esquecidas. Até Luísa e Laura, as gémeas escandalosas, apareceram de saia pelos joelhos, com olheiras de martírio.

Como os grandes santos e os grandes criminosos, eles preferiam as vaidades profundas às verdades aparentes.

Teresa, a lírica, viria a escrever um poema intitulado "Lágrimas por Mariana", combinando a chuva daquele enterro com os gritos da senhora do

34 que vinha do café e descobriu o corpo desfeito no cimento. Mas o grupo havia de ler o poema em voz alta e no meio de grande galhofa, para que Teresa percebesse que aqueles floreados piedosos eram de um despudor indigno.

Eles não tinham senão a sabedoria pura dos afectos brutos.

Surripiavam os espelhos dos elevadores só pelo prazer de os esmigalhar pelas escadas, de se observarem multiplicados neles, e de esperar que algum estranho acabasse por se ferir.

Estragar os adereços do mundo trabalhador e roubar-lhe pequenas utilidades, como carros e dinheiro, era cumprir uma missão de rigor e limpeza. Nunca eram descobertos e toda a gente sabia que eram eles. Esta impunidade provava-lhes que eram temidos, e que o mundo adulto era feito do palavroso convívio com o medo. Ouviam sermões imensos, pasmavam de ver a quantidade de palavras que os velhos eram capazes de arranjar para embrulhar os caminhos que não tinham tido coragem de seguir. Era só por isso que odiavam as escolas e faziam questão de prescindir das palavras. Para proteger essa pureza radical a que se tem chamado, consoante os tempos e as conveniências, loucura ou lucidez.

A tragédia de Mariana foi corriqueira e morna como todas as grandes tragédias: amaram-na tanto que se esqueceram de reparar nela. A mãe morrera-lhe ao primeiro ano de vida. O único facto que com ela partilhara, para além do parto, foi a febre tifóide que pouco depois a mataria. As mães têm normalmente uma vantagem sobre os pais: precisam menos dos filhos do que do exercício do amor que os filhos lhes proporcionam. Dedicam-se às crianças como os marinheiros antigos se dedicavam ao mar: com susto, surpresa e doidice.

Privada de mãe, Mariana foi condenada a ser, desde a infância, adolescente. Uma estátua parada no tempo para proteger do envelhecimento o pai, os avós, a família. Alimentaram-na e protegeram-na (do frio, do calor, das correrias, do mundo) como se ela não fosse mais do que uma boneca de porcelana ou um monstruoso bibelot. Mariana foi demasiado mimada para poder suportar o mundo. Sofreu a infância com a terrível maturidade de um adolescente e decifrou a adolescência com a impiedosa infantilidade de um adulto. O pai amou-a com o amor absoluto, sufocante, que era a memória do seu próprio desamor.

Encontrou-se assim precocemente confrontada com o desajuste dos espelhos e com a sôfrega cegueira dos olhares.

Mariana soubera escolher o seu destino, despojara-se do grosso véu de invisibilidade, era agora um deles. Estavam todos no patamar do 45-A quando se ouviu aquele baque seco. Foi ao princípio de uma tarde de domingo. O frio era tanto que não havia maneira de arranjar uma casa livre. As famílias estavam coladas aos aquecedores e à televisão. Para piorar a situação, a diva do chefe tinha voltado a levar com o cinto do pai, e estava incapaz de subir para a mota.

Ninguém ousaria propor uma volta sem Cláudia e despertar a fúria de Ricardo Luz. As iras do chefe eram raras e definitivas. Ganhara o lugar de comando com um pontapé e dois murros: a Cravo e Canela estrebuchava debaixo do bruto corpo do Traficâncias, que tentava violá-la ali mesmo, em cima da mota, à entrada da garagem do 41. Eles estavam no costumeiro poiso do 45-A, e espreitavam, muito calados, encolhidos contra a porta. A rapariga desatou a gritar, o Traficâncias tapou-lhe a boca, e Ricardo irritou-se:—Embora. Vamos mostrar-lhe quem é que é homem, pessoal.

— Deixa estar, que a miúda já vai descobrir o que é um homem. — bichanou o Radar, num tremor de excitação.

— E se ela não ficar satisfeita, a malta vai lá depois dar-lhe o resto.— acrescentou o João, com um sorriso meigo, acendendo um cigarro.

— Cambada de cães cobardes, é o que vocês são. Então vem mafioso de fora abusar das miúdas da nossa quinta, e vocês ficam a rir-se, borrados de medo, é, seus tarados?

— Oh Luz, tangareasy, pá! O Traficâncias não é para brincadeiras, sabes bem.—recordava o Linhos, em voz de falsete.

— Tu nem conheces a miúda. Vamos que ela seja amiga do homem, hem?—aventava o Filipe, a dar lustro ao capacete da mota.

— Bem. Já vi que convosco não me governo. Até já, galinholas.

Vou ali e já venho.

Nessa noite os rapazes descobriram duas coisas: que a Cravo e Canela afinal se chamava Cláudia, e que Ricardo Luz passava a ser o chefe do grupo. Aperceberam-se desta mudança de vida no breve minuto que mediou entre a saída de cena do Traficâncias, praguejando agarrado à braguilha, e a entrada fulgurante de Ricardo, com a beleza do bairro ao colo, desfeita em lágrimas.

— Pronto, boneca, já passou. O Lobo Mau não volta mais.

— E se voltar, estamos cá nós para lhe limpar o sebo, beldade.

— avisou o Radar, adejando em redor do casal.

— Xô! Vê se ganhas vergonha na cara, maricôncio.—rosnou Ricardo, enquanto secava as lágrimas à sua protegida.

— Muito prazer em conhecê-la, apesar das circunstâncias infelizes. Filipe, para as amigas Marlon Brando. Como é que a menina se chama?

— Chama-se Cláudia, e não está para aturar os vossos desmandos imbecis. Não percebem que a rapariga não está bem, seus broncos?

— Calma, ó chefe! A gente só quer animar a pequena, com sua licença.—explicou o João, lançando um dos seus sorrisos de encantador desprotegido.

— Obrigada pelos cuidados, chefe.—disse Cláudia, com uma gargalhadinha nervosa.

A partir daquele instante, a liderança de Ricardo Luz tornou-se inquestionável. Não era o mais forte: os músculos mais evidentes pertenciam a Filipe do Carmo, autoproclamado Brando das Avenidas. às vezes chamavam-lhe o Apertos, por causa da roupa, que escolhia sempre um número abaixo, para uma melhor exposição das saliências. O maior desgosto de Filipe era andar a pé; quando o vinha visitar, o pai prometia-lhe uma mota, mas acabava sempre por trocar de carro e ficar sem dinheiro.

— O teu pai só pensa nele, Filipe Manuel, vê se te convences disso. Ele nem os teus estudos paga, filho. Sou eu que me mato para tu andares a chumbar anos a fio, e tu só pensas no homem, que Deus Nosso Senhor me valha!

— O homem, o homem. Até parece que não foi ele que me fez.

— O que é que tu estás a insinuar, Filipe Manuel?

— Nada, mãe. Só me espanta que tu, que até és bruxa, não consigas ganhar a lotaria.

Neste ponto da conversa a mãe de Filipe Manuel atirava-se para o sofá a gemer, ameaçando desmaios transcendentais, e o filho abraçava-a, com pedidos de perdão e juras de eterno amor.

Desde que o marido saíra de casa, a mãe de Filipe dedicara-se à causa espírita e aos espoliados do Ultramar.

Afirmava-se eternamente devedora do espírito do bisavô Anselmo, que lhe aparecera em sonhos, seis meses antes do revirvalho, exortando-a a sair de Lourenço Marques, porque os turras iam ganhar. O bisavô Anselmo só não lhe contara, talvez por falta de intimidade com a bisneta, que o marido

havia de mandar vir, com o resto das bagagens, uma mulata vinte anos mais nova do que ela, e grávida dele. Filipe nunca quis conhecer a meia-irmã e ficava com os cabelos em pé só de ouvir falar em esquerdas ou liberdades. Almoçava com o pai no primeiro e no último sábado de cada mês, se tudo corresse bem.

A maior parte das vezes, não corria: os negócios estavam difíceis, o trabalho no Partido era muito, o país mudava devagar.

— Compreendes, não é, meu filho?

Filipe fazia voz grossa e dizia que sim. Pensava que com o tempo se habituaria à indisponibilidade do pai, mas não conseguia, e o ódio às liberdades crescia-lhe na proporção directa da saudade. Um senhor. Filipe insistia:—à uma em ponto, pai. Não te atrases, por favor.

Mas ele atrasava-se sempre. Uma e meia, desastre completo: os outros já estavam todos a almoçar, não o viam chegar no Mercedes prateado. Se ele ao menos lhe desse a mota. Filipe estava farto de andar com o capacete debaixo do braço. Dizia que era para as boleias, mas ninguém acreditava. Até no comboio para o liceu, usava o capacete em vez de livros:—Gastame o músculo, que foi feito para outras matérias.

Mas precisava de grandes audiências e muita companhia para dar aplicação aos famosos bíceps. Quando o provocavam a solo, fazia que não ouvia, e estugava o seu passo largo de forçado imaginário. Contava mil e cem vezes a pega que fizera a um touro bravio, numa festa ribatejana. Esquecia-se invariavelmente de contar que o touro em questão era uma vaca escura, e sentada.

Ricardo Luz era pouco dado a narrativas, e menos ainda a relatórios de feitos. Escondia o tronco rijo em camisas largas. Tinha uma vulgaríssima Honda 50. A Kawasaki 750 era do João de Brito, que dormia numa cama de dossel. Os outros escarneciam-lhe a casa barroca e o dinheiro da família.

— Não tens vergonha de ser novo-rico, ó Jonas?

— Novo-rico, com um pai que podia ser avô dele?

— E, calhando, é mesmo!

João batia duas vezes as longas pestanas, lançava-se em voo picado sobre os difamadores e restaurava em meia dúzia de safanões a fachada da honra. Depois sacudia a poeira do blusão e compunha os caracóis acetinados numa olhadela discreta ao espelho retrovisor. Os setenta e cinco anos do pai não o incomodavam; a mãe ainda não atingira os quarenta e ofuscava qualquer garota de vinte. Adoravam-se: João e a mãe faziam um

belo par. O velhote, era como se não existisse; falava sozinho, não se sabia de quê. Só se calava enquanto preenchia cheques, e a família fazia por multiplicar estes agradáveis momentos de silêncio.

— Então, o que é que se faz hoje?

Era Radar, o anão, a pôr a voz nos bicos dos pés. Nutria uma paixão funda por Cláudia, a partir daquele primeiro :, instante, já lá iam dois anos. No entanto, estaria disposto a alimentar paixões igualmente fundas por qualquer outra rapariga, desde que fosse um bocadinho correspondido. E desde que a garota tivesse pelo menos treze anos.

Infelizmente, a única apaixonada que recenseara festejara há pouco o décimo aniversário, usava aparelho nos dentes e era sua prima direita.

— Então, pessoal? O que é que se faz?—repetia o mal amado.

Ainda por cima, as pastilhas elásticas tinham-se acabado, e ninguém se sentia com paciência para ir lá abaixo ao Kuanza comprar mais. João tirou o último pedaço da boca e ofereceu-o, num gesto magnânimo. Teresa corou e aceitou.

Gostava dele há cinco meses inteirinhos, com uma constância desesperada.

Lembrava-se do momento exacto em que ele lhe tinha feito aquela festa no queixo. O sol transbordava os contornos do céu. João estava sentado na mota e as luvas ampliavam-lhe a forma das mãos. A luz reflectia-se nos metais da máquina, fulgia-lhe nos olhos verdes, mergulhava-o numa ilusão de celulóide. Ela roubara de casa metade de um pão-de-ló para distribuir pelo grupo. Como de costume, toda a gente devorou o bolo a troçar dela: "Olha a Santa Teresa, protectora dos famintos", e coisas assim. Teresa ficava triste. Parecia-lhe que o cabelo e os olhos acompanhavam, num progressivo embaciamento, a invasão daquela tristeza. Pedia a Deus milagres cada vez mais pequenos e profanos: cinco centímetros a mais de altura, dez centímetros a menos de largura, um ondeado, por ligeiro que fosse, no cabelo. Dava prendas para se tornar famosa no coração dos outros, mas os outros eram rapidíssimos a desmontar-lhe o engenho, numa gargalhada.

Queria alcançar a sublime vulgaridade de Cláudia, que ganhava sempre. Mas daquela vez, há exactamente cinco meses e seis dias, o João fizera-lhe uma festa no queixo e dissera: "Tão querida."

E depois tinha ficado de boca aberta à espera que ela pusesse lá a fatia do bolo. Duas palavras bastaram para disparar nela esse passatempo

terrível. Teresa fazia de qualquer obstáculo um pretexto para o mistério, uma ponte de glória para a solidão. Apaixonara-se já por quase todos os rapazes do grupo, um a um e para a eternidade.

Estavam muito encostados uns aos outros, magicando em alternativas confortáveis ao gelo da tarde, quando se ouviu aquele ruído seco, e depois o grito da senhora que vinha do café. Foi no dia seguinte, no funeral de Mariana, que Cláudia se tornou outra.

Dinis parou junto dela em frente da campa aberta e ela quase desmaiou. Era um odor de terra húmida e de sal e de chuva e de rosas queimadas em álcool. Pareceu-lhe que era a morte, aquilo que assim a entontecia. Nem sequer lhe viu o rosto. A morte é a única testemunha da paixão. Tem ciúmes dos corpos e queima-os devagar. Quando os corpos se entregam ao império dos seus lumes é a morte que os ilumina. Depois rouba-os, como se perpetrasse um crime perfeito, esquecendo-se de que os corpos deixam traços.

Escusado será dizer que nenhum destes pensamentos turvou, por um momento que fosse, a cabeça de Cláudia. Mais tarde houve quem comentasse que lhe faltava naquela época idade e experiência. A própria Cláudia gosta de repetir que nessa altura era demasiado jovem e irreflectida, como se a vida nos concedesse um prémio de serenidade em troca dos nossos perdidos quinze anos. O que faltou a Cláudia naquele instante parado no tempo foi o que sempre lhe faltaria: esse elementar instinto de defesa que disfarçamos sob o nome de razão. Há seres assim, irremediavelmente unos, incapazes de isolar partes dentro do seu próprio corpo e de as estruturar como castelos autónomos e armados.

O comum dos mortais reage à queda de uma das suas praças-fortes redobrando o armamento da outra. Os monumentos espalhados pelas cidades evocam os que levaram esta técnica aos limites da perfeição humana. Em menor ou maior grau, quase todos recebemos no sangue uma capacidade de separação interna que nos habilita para as obras da sobrevivência. Cláudia não sabia dessa distinção nem de distinção nenhuma. Deixava correr os dias e precisava do espelho para se entender como peça solta. As inquietações da literatura faziam-na rir porque lhe pareciam artificiais. A beleza e a ausência de imaginação punham-lhe laivos de mulher fatal. Desde que Ricardo Luz a elegera rainha ela convencera-se simplesmente disso mesmo: "Sou uma mulher fatal". O seu corpo era a tradução perfeita das linhas ideais. Nos dias em que o pai lhe batia, Cláudia

aparecia com uma fita métrica no bolso, para medir a cintura e as ancas das outras, por vingança. Teresa invejava-a, Isabel admirava-a, e a fusão destes dois sentimentos criara-lhe uma aura que a tornava segura do mundo. Todos os rapazes sonhavam obviamente com ela. Cláudia via nesse excesso de sonho a prova física da sua inteira realidade. O cérebro de Cláudia pensava tanto como os seus braços, o seu estômago ou o seu coração. Formava uma unidade resplandecente. Nada a podia proteger da fissura sem centro que a mudou de uma só vez, como um abalo sísmico.

Nem lhe viu o rosto. Aliás, Dinis não tinha propriamente o tipo de semblante que se recordasse. Vira-o já centenas de vezes, de passagem, e não saberia dizer de que cor eram os olhos do irmão de Isabel Marta. Havia fotografias de James Dean nas paredes do quarto dele, mas Isabel dizia que o Dinis nascera velho, porque passava a vida a ir à Gulbenkian ver filmes a preto e branco, muito antigos. Ou então fechava-se no quarto a ouvir música clássica. O grupo via-o passar, muito sério, com uma pasta de cabedal na mão, e só não o hostilizava abertamente por respeito para com Isabel.

Nessa mesma noite, depois do funeral, Cláudia adormeceu a tentar lembrar-se de um qualquer pormenor visual que a sossegasse, e não conseguiu mais do que a memória daquele cheiro pesado e quente. Decidiu que a culpa era do corpo da morta, da chuva sobre a terra, do cansaço dela, e entrou pelo sono a sonhar com perfumes num rapaz que tinha a cara do namorado dela e que a beijava doidamente sobre a relva molhada.

Mas, reparando melhor, ao fundo do sonho havia o cemitério, e um ser, lá muito ao longe, agarrado a uma enorme pedra tumular em forma de ursinho de peluche. Não se percebia se aquela figura parda metida numa capa de plástico era homem ou mulher.

O ser permanecia imóvel e curvo como um fantoche esquecido sobre o tempo, e olhava.

2

Nessa mesma noite, voltaram a brincar às escondidas por entre os túmulos, no cemitério. Quando saltavam o muro do território sagrado já não eram senão um feixe de corações estereofônicos; chegavam a temer que os mortos acordassem a rir às gargalhadas daquela orquestra cardiológica. Faziam-se muito heróicos. Os rapazes içavam as pequenas que ainda cheiravam ao quente da cama onde se tinham enfiado todas vestidas. Eram exímias em abrir a porta da rua sem o mínimo ruído. Treinavam-se a olear dobradiças como a pintar os olhos, nas horas desertas das casas. Faziam ginástica pelos corredores para se tornarem leves nesse momento em que eles as tomavam nos braços, sobre o muro.

Teresa às vezes sonhava que estava excessivamente pesada e que o seu par a abandonava do lado de cá, no chão. "Salta, Comanecci!", ordenava-lhe agora o seu príncipe João, e ela fechou os olhos e voou para o colo dele tonta de alegria, a acreditar que ele via mesmo nela a aura da estrela romena.

"Salta, Comanecci!", repetiu ele, como numa canção, mas Teresa olhou para trás e viu o corpo de Cláudia ascendendo, radioso, às mãos de João. Teresa decidiu então que os rapazes se repetem para melhor se ocultarem. João recordara-se de Nadia Comanecchi em honra dela. A frase transbordara da sua viril timidez, e ele apressara-se a banalizá-la para que ninguém entendesse o que ela queria dizer. E evidentemente, o que a frase queria dizer era que João amava Teresa.

Cláudia nunca atribuiria àquela frase outro significado que não o literal. Literalmente, o que a frase dizia era: "Vá lá, não tenhas medo, sobe!". Eventualmente, em post-scriptum, poderia também querer dizer: "Sou tão engraçado, não sou?".

Mas era só isso. Mesmo que estivesse apaixonada por João, Cláudia não levaria mais longe aquelas palavras. Mas nunca lhe passaria pela cabeça apaixonar-se por João. Nem sequer se apaixonara por Ricardo. "Traio-te enquanto te atraio", era o seu lema secreto. Não por uma especial resolução de infidelidade, mas porque lera nos olhos tristes da mãe que os homens têm em geral a fatalidade de se prenderem ao desapego.

Cláudia não era capaz de inventar romances e torná-los reais.

"Não tenho imaginação", confessava ela, com uma inveja simpática, quando lia os poemas de Teresa. "Onde é que tu vais buscar estas coisas?" Depois ria-se: "Que grande romântica que tu me saíste!" O rosto de Teresa iluminava-se, e começava a pensar na grande tragédia amorosa que ia criar para si.

Cláudia era tão bonita e tão prática que estava definitivamente arredada desse grandioso destino.

O jogo tinha regras precisas: sorteava-se a vítima, que contava até trinta para que os fantasmas corresse a esconder-se atrás das campas. De olhos vendados, a vítima tinha que procurar, agarrar e nomear o fantasma, sem falar com ele.

Todas as partes do corpo serviam para o jogo; e, uma vez agarrado, o fantasma tinha que ficar quieto a deixar-se identificar. Se a vítima errasse o nome, continuaria a sua peregrinação de morto-vivo até ao reconhecimento. Então, o fantasma revelado tornar-se-ia a próxima vítima humana.

Tratava-se de um jogo muito simples.

Ricardo Luz estava atrasado, e os outros hesitavam em jogar sem ele. Diziam que era chato, que não tinha graça, mas na verdade tinham sobretudo medo de provocar a ira do deus, porque Cláudia estava ali. Viam-no já atroando os ares de insultos e acusações temíveis, bramando que o que eles queriam era pôr as mãos no corpo da rainha, entre outras coisas. As raras zangas de Ricardo Luz desencadeavam tremores de terra.

Sem ele, punham-se a andar à toa, a irritar-se uns com os outros, a deixar de ter ideias divertidas, a pensar no mundo.

Filipe sussurrava agora meiguices pueris ao ouvido de Isabel.

Beijava-a muito e com muito aparato, como sempre que os outros estavam por perto. Isabel fechava os olhos e encolhia-se-lhe nos braços para fingir que estavam sozinhos e que ele continuaria a ser assim extremo se não houvesse ali mais ninguém. Mas sentia-lhe nos ombros um perfume horrivelmente alheio. Durante muito tempo Isabel não percebera que odor era aquele. Até que um dia a criada entrou no quarto e ajoelhou-se ao seu lado a arrumar as camisas na gaveta. Desde então, Isabel recusava-se a ir a casa de Filipe quando a criada estava lá. Não suportava a memória do sorriso maternal que a mulher lhe lançara, acariciando devagar as camisas do namorado :, dela. Estava tudo dito, e Isabel calara-se uma vez mais.

Jurara a si própria que o corpo de Filipe nunca retiraria do seu um perfume parecido. Desinteressou-se do sexo antes mesmo de o conhecer, por causa de um cheiro a água-de-colônia barata misturada de suores. A intimidade não podia compadecer-se da desordem dos sentidos. Para Isabel, o amor pertencia ao reino da absoluta inacção. Filipe podia fazer tudo o que quisesse, desde que continuasse a preferi-la num só olhar. O resto—os beijos, as prendas, os chocolates que ele lhe dava—eram legitimações exteriores, apetites momentâneos, que não tinham mais significado do que os gritos, os amuos e o tal perfume de criada. Se alguém ousava defendê-la da ocasional brutalidade do amado, revelava-se feroz: "Não te metas. Ninguém tem nada a ver com isto." Depois fazia-se um grande silêncio.

Isabel sabia tornar-se invisível como ninguém. Teresa passava horas a olhar para ela, meditando no desperdício de tamanha beleza.

Neste mesmo instante, Teresa é Isabel, recebendo o beijo de João da boca de Filipe. Mas não é João nem Filipe nem sequer Radar quem agora a descobre. "Este fantasma chama-se Teresa!"

— o grito da vitória vem de Cláudia. O jogo recomeça, Teresa treme de pavor, para dizer a verdade odeia andar ali entre túmulos, está sempre a pensar que vai tropeçar e cair e tornar-se ridícula. Concentra-se, mas é difícil achar o cheiro de João naquela terra húmida, confunde-o com os outros, ainda agora agarra nas mãos do Linhos e desata a tremer, percorre-lhe devagar os braços e o peito, o nariz e os olhos, dedo a dedo, toca-lhe os

lábios e sussurra: "João". O Linhos fica feliz, por uma vez tomaram-no por um homem como os outros, se ao menos Deus Nosso Senhor lhe concedesse a voz de João, por um segundo, só para ele poder dizer que sim. Vê-se obrigado a berrar "Querias!", Ricardo faz "Schuu, ainda acordam a mortandade!", Teresa volta a contar até trinta e depois, que remédio, acaba por identificar Cláudia.

Mas hoje Cláudia não corre, leve e eficiente, como de costume.

Demora-se e afasta-se cada vez mais para os confins do cemitério, onde nunca ninguém se esconde. Há entre eles um acordo tácito de susto que delimita a área do jogo. Para lá do primeiro quarteirão é campo implicitamente proibido. Esta noite Cláudia passa a fronteira dos jazigos de família, avançando às cegas, perdido o medo e a coragem dele, perdida a bússola brilhante e a certeza dos passos, perdido tudo o que não seja o aroma a rosas queimadas em álcool e terra molhada.

Parecia sonâmbula. Talvez fosse isso. Talvez o objecto áspero em que o pé de Cláudia bateu não fosse mais do que uma alucinação. Mas ela juraria que o objecto se ergueu de um pulo e correu com todas as forças para longe dali. Não sabia como é que tinha ido parar justamente àquele sítio. Lembrava-se apenas de um embate e de um corpo fugindo pela noite, a resfolegar.

3

Enquanto o ciclo de cinema pornográfico decorria à porta fechada na sala de Ricardo Luz, as donzelas cavaqueavam na varanda. Mas Cláudia estava cada vez menos pelos ajustes, e incitava à rebelião. Começou por declarar que sentia um frio desgraçado e que aquela cambada de tarados sexuais não tinha o direito de as deixar ali especadas a tarde inteira, capazes até de apanharem alguma gripe. A Isabel ainda puxou dos berlindes que trazia no bolso, numa tentativa de conciliação.

Cláudia ficou danada e pôs-se a clamar contra a submissão feminina:

— Esta agora anda-me de berlindes para se entreter, onde é que já se viu.

Clamou tanto que a cabeça do Radar acabou por aparecer do lado de lá do vidro, entre as cortinas, com as sobranceiras franzidas e um dedo à frente da boca. Cláudia pôs-se a abanar a porta e a despejar palavrões. A cabeça eclipsou-se, mas Cláudia teimava furiosamente na porta e no discurso metafórico. Então deixou de se ouvir o ruído compassado da máquina de projecção, e Ricardo Luz surgiu de rompante. Isabel começou a roer as unhas e Teresa pôs-se a olhar para a rua com toda a atenção, como se a gritaria não existisse.

Aliás, foi tudo muito rápido. De repente, Cláudia já tinha proclamado a igualdade de direitos das mulheres, Ricardo Luz já tinha tentado beijá-la e logrado esbofeteá-la, e agora ela ali estava, muito digna, ainda a sacudir da mão a dor da bofetada de resposta:

— Então, meninas, vão continuar presas neste galinheiro ou vêm comigo?

Teresa pediu-lhe que se acalmasse. Isabel limitou-se a corar tudo o que podia, e era muito. Quando Cláudia saiu feita furacão, juntaram-se as duas a segredar, preocupadas, acerca da saúde mental dela e do que iria acontecer a seguir. Os rapazes sorriam-lhes e abriam uma cerveja para Ricardo Luz.

— Queres beber qualquer coisa, Isabelinha? E a Teresoca, também não? Então até já, bonequinhas.

Isabel fez-se outra vez vermelha, e pensou duas coisas: primeiro—o Filipe fica tão ridículo quando se esforça para ser bonzinho; segundo—o

Ricardo às vezes é um bocado parvo.

Teresa não se fez vermelha, e só pensou que a Isabel e a Cláudia eram as pessoas mais felizes do mundo.

às vezes cresce-se para trás, para o sítio onde se guarda a infância, iluminada pelas luzes trémulas das experiências que depois vieram. Cláudia passeava pelos prédios em construção. Adorava trepar pelos andaimes, subir até lá acima e ficar sentada sobre uma tábua estreitíssima a olhar para a rua.

Os guindastes estavam parados, os homens lavavam os automóveis enquanto ouviam os relatos no rádio e os miúdos jogavam à bola. Do alto daquele prédio inacabado os barulhos da rua pareciam sons de pássaros, intermitentes e agudos. O sol estava ainda arrefecido mas o ar azul falava dos próximos dias de Verão, e subitamente ela viu-se triste. Entrou pelo apartamento sem portas nem janelas nem divisões e pôs-se a imaginar como seria aquela casa quando as pessoas lá morassem.

Desejou que os operários não voltassem e que o prédio ficasse sempre assim, vago e oco, só para ela. Tinha começado a desenhar uma cidade com bocadinhos de tijolo quando ouviu passos atrás de si. Voltou-se e estremeceu. Não precisou de lhe distinguir os grandes olhos castanhos, o nariz arrebitado ou os lábios carnudos para perceber que aquele recorte em contraluz era Dinis Marta.

O irmão de Isabel Marta não pertencia a grupo algum. Se fosse malparecido ou acanhado o seu isolamento não seria desconcertante. Mas Dinis era um rapaz normalíssimo. É certo que estava entre os melhores do liceu em Português e Filosofia, mas também brilhava em Educação Física, o que o livrava do estigma da debilidade. Dizia-se que tinha uns amigos em Lisboa. Viam-no sair do autocarro ao fim da tarde.

Passava por eles e cumprimentava-os com um sorriso tão seguro que nem sequer podiam zombar-lhe a reverência. Não havia meio de encontrar uma alcunha para aquele enervante Dinis, que ainda por cima era da família de Isabel. Limitavam-se por isso a retribuir-lhe os "olás" distantes com um mutismo desdenhoso.

Cláudia nunca o vira senão de longe, quando passava, e não lhe dava mais importância do que qualquer um dos outros. Até ao momento daquela proximidade, no funeral de Mariana. A terra a cair sobre o caixão, o céu a desfazer-se em chuva e de repente um perfume terrível, o braço dele a raspar no ombro dela.

Passara mais de um mês sobre esse segundo, e Cláudia reparava nisso agora que Dinis avançava lentamente para ela.

— Desculpa. Vou-me já embora. Julgava que não estava aqui ninguém.

Exactamente assim? Ou teria sido:—Vou-me já embora. Julgava que não estava aqui ninguém.

Desculpa.

A ordem das palavras não é arbitrária, nunca. Sobretudo a ordem das palavras banais, impensadas. Cláudia reteve apenas duas: "Desculpa" e "Ninguém". E guardou-as soltas, com o eco que elas nunca teriam irradiado na sequência da frase. Dinis disse que se ia embora mas ficou. Perguntou-lhe se estava a desenhar uma base espacial e ela explicou-lhe que era uma cidade de outro planeta, com arranha-céus em forma de estrela.

— E as estrelas são todas envidraçadas e encaixam umas nas outras, para as pessoas poderem saltar de janela para janela quando lhes apetecer, estás a ver?

A Dinis parecia-lhe aquela arquitectura indesejavelmente indiscreta, mas Cláudia argumentava que a bisbilhotice não era menor nos prédios de cimento armado.

— Nestes prédios de estrelas não há porteiras, e pode-se sair de uma casa para outra sem que ninguém fique a saber. É muito mais secreto.

Dinis mencionou então um filme chamado "Janela Indiscreta", mas Cláudia não conhecia. Fez-se um silêncio embaraçoso.

Cláudia não tinha jeito nenhum para o silêncio.

— A Isabel disse-me que tu querias ser maestro. Contou-me que uma vez chegaste a partir o jarrão de porcelana da sala com uma colher de pau, quando estavas a reger a orquestra, ao som da nona sinfonia de Beethoven.

— Era Wagner.

Em circunstâncias normais, Cláudia teria encolhido os ombros e continuado a rir. Mas desta vez sentia-se apenas pequena e humilde. Repetia para si mesma "Hitchcock. Wagner.", furiosa por não possuir um qualquer nome pesado e estrangeiro que a pudesse distinguir. Humilde, mas ainda assim furiosa por inteiro. Fitou-o com a expressão de uma tristeza infinda.

Talvez Cláudia soubesse que tudo quanto se diz é a mentira de uma verdade apenas pressentida, e os seus olhos revelavam, sem que ela o suspeitasse, que a humildade não é mais do que uma das múltiplas formas

da compaixão. Dinis não sabia o que fazer daquele olhar tão cheio de mágoa e desamparo. E largou num riso estranho, contagioso, fora do tempo.

Lá em baixo, a banda dos bombeiros marchava, trajada a rigor, ao som de uma cantiga muito antiga. Era uma cantiga muito simples que lembrava a Dinis aquela madrugada em que a Adélia tinha ido bater à porta dos pais dele, aos gritos: "Oh minha senhora, Deus nos valha, anda aí uma revolução! Os homens estavam agorinha mesmo a dizer ali na rádio que as Forças Armadas estão a acabar com o regime! Até falaram de arrombamentos de sangue e tudo, minha Nossa Senhora!". O rapaz saltara da cama mais do que depressa e corra a perguntar se a revolução era feita pelos bons ou pelos maus, mas os pais estavam tão aflitos como ele e também não sabiam. Naquela madrugada de quinta-feira, Dinis obteve uma informação inédita e preciosa: afinal de contas, os pais também não sabiam tudo. Eram iguais a ele. A princípio não gostou muito da novidade. Sentia que a qualquer momento lhe podia cair uma bomba na cabeça ou entrar um nazi pela sala de jantar e dar-lhe um tiro, sem que a família pudesse fazer nada para o evitar.

Claro que antes da revolução ele já tinha percebido que havia pessoas tão poderosas que até os crescidos tinham medo delas.

às vezes o pai barafustava contra o chefe do Governo, e punha-se aos gritos: "Desliga-me essa porcaria, que faz mal à vista!" quando o senhor aparecia na televisão. Então a mãe dava em tremer e pedia-lhe que falasse mais baixo, porque as paredes tinham ouvidos. "Com esse teu feitio, filho, com essa mania que tu tens de ferver em pouca água, ainda um dia vais parar à prisão." O rapaz não alcançava o motivo que levava as mães a tratarem os pais por filhos, mas achava piada. Cogitava que não era possível vir um polícia para levar o pai para a prisão só porque ele não gostava daquelas conversas em família, que eram realmente muito chatinhas, e parecia-lhe que a mãe só dizia aquelas coisas para calar o pai. Era o mesmo estratagemas que a Adélia usava para o fazer comer a sopa: "Se o menino não come, vem o homem do saco e leva-o."

Ora. O pior é que um dia o pai decidiu mesmo vender a televisão. Disse: "Não quero mais fascismo dentro da minha casa", e acabaram-se de vez os desenhos animados e as tardes de domingo com a Shirley Temple. E de outra vez, estava ele entretido a pintar bigodes e chifres e cabeleiras de mulher e assim nas caras dos senhores que apareciam nos jornais quando a

mãe entrou na sala aos berros: "O que é que tu estás a fazer, miúdo? Queres desgraçar-nos a todos? Tu nunca mais me voltes a fazer isso, ouviste? Se esses senhores sabem que tu estás a fazer pouco deles vêm cá a casa e levam-te preso, ouviste?" E depois a mãe enfiou os jornais no lava-louça e queimou-os, para ninguém ver.

Mas a partir daquele dia 25 de Abril a mãe não voltou a fazer "chiu!". Agora ela também rezingava, alto e bom som, que o ministro X era um parvo e que o secretário de Estado Y ficava ridículo com aquele capachinho na cabeça. Afinal não houve arrombamento de sangue, como dizia a Adélia. Ao fim da tarde, o pai levava-o pela mão até à rua, para ver as pessoas a rir e a chorar de alegria. Havia tanta gente na cidade que o pai acabara por o içar para os seus ombros: "Olha bem para esta festa, meu filho. Nunca te esqueças deste dia."

Quando deu por isso, Dinis estava a lembrar-se em voz alta, e Cláudia sorria-lhe. Por isso tratou de mudar de assunto muito depressa, como se não tivesse dado por nada. Contou-lhe peripécias do liceu, respostas impertinentes que punham os professores encabulados. Nem todos aqueles episódios tinham acontecido, mas isso só os tornava mais verdadeiros.

Cláudia e Dinis ainda estavam a rir-se quando as luzes da rua se acenderam, lá em baixo. De repente ela olhou para o relógio e assustou-se. Já devia estar em casa há mais de uma hora, ia ouvir outra vez do pai, e o Ricardo é que ia ficar com as culpas. Abandonaram rapidamente a cidade das estrelas, andaime a andaime. Estava escuro e o ar ameaçava grandes turbulências.

Cláudia vacilava. Dinis segurava-lhe a mão e avançava a passo firme, indicando-lhe o caminho, o que a punha cada vez mais trémula. O irmão de Isabel quis levá-la até casa e ela estava mesmo para dizer que sim quando a voz do Radar surgiu do Além, mais precisamente do patamar do 45-a, atroando os céus de estrofes sexuais em honra de Murinelo.

Murinelo vinha hoje de Severa, com o xaile negro a bater nas pedras da calçada. Podia vir de Napoleão ou de Cinderela, de bobo da corte ou de sheik do petróleo, que os versos eram sempre os mesmos, ou quase. às vezes introduzia-lhe umas variações subtis, substituindo os pormenores anatómicos ou trocando o adjectivo belo por vocábulos de idêntica rima, tais como amarelo, chinelo, vitelo, marmelo e martelo. Da primeira vez, o homem do cartão ofendeu-se e respondeu-lhes num complexo arrazoado que metia uma Dona gueda de Sousa Peres :, Murinello, Sá-Carneiro e um

insulto incompreensível, que parecia "avaros", mas que depois a Teresa explicou ser "ignaros", sinónimo de ignorantes. A Teresa esclareceu-os ainda quanto ao tal Sá-Carneiro, que não era o político mas sim um poeta já morto, por sinal de suicídio, cuja mãe era a tal D. águeda. O que o homem queria portanto dizer era que Murinelo era um nome ilustre, daqueles que se escreviam com dois ll, e que eles eram todos uns analfabetos. Foi um fartote de rir. E as gargalhadas mais estridentes eram as de Teresa, porque os outros tinham precisado dela para perceberem aquela história que tanto os fazia rir.

Pela primeira vez, Cláudia afligia-se com a brincadeira. Pela primeira vez, olhou para dentro dos olhos de Dinis e viu que ele também não achava graça. Teve vontade de chorar muito e de soprar sobre o coração dele até o lançar à deriva das suas lágrimas e disse-lhe que não, que não valia a pena, que era melhor ir sozinha, que estava atrasadíssima, adeus. Depois virou-lhe as costas e correu com quantas forças tinha, rezando para que Ricardo Luz não tivesse tempo para a ver e vir a correr atrás dela, quando passasse pela horrível zona do patamar 45-a.

A hora de atraso valeu-lhe dois dias de clausura, que Cláudia nem tentou quebrar. Ouviu incontáveis vezes aquele disco velho da Amália que o pai tanto amava e que sempre lhe parecera insuportavelmente choroso. Além disso, devorou todas as reservas de bolachas que havia na despensa, sem sequer pensar que faltava menos de um mês para os campeonatos de ginástica. Colou o nariz à janela do quarto e deixou-se ficar assim, a olhar para as pessoas que saíam do autocarro, até o céu ficar cor-de-rosa e vermelho e lilás e preto. A mãe pôs-lhe a mão na testa, disse que ela devia estar com febre.

Nesses dois dias, Dinis Marta não foi para Lisboa de autocarro nem atravessou o bairro. Murinelo vestiu-se de mendigo e de militar. Cláudia não acreditou que aquele oficial distinto pudesse ser o velho do cartão.

Murinelo possuía um guarda-roupa prodigioso; em tempos, dizia-se, tinha feito fortuna e fama a alugar fatos para teatros. Mas isso tinha sido há muitos anos, ainda ela nem era nascida. Contava-se que fechara as portas no dia em que soube que o filho tinha morrido na guerra, e que depois endoidecera.

Mas Cláudia não o achava mesmo nada louco. Murinelo tinha uma balança quase tão velha e tão torta como ele para pesar cartão e jornais, e nunca se enganava nas contas. Antes se enganasse: dois quilos de papel por

vinte e cinco tostões era uma sovínice dos diabos. Cláudia e as amigas chegavam a levar-lhe dez carregamentos num só dia, em vésperas de festas ou quando apareciam umas calças de ganga verdadeiramente americana nas lojas.

As máscaras de Murinelo eram deslumbrantes mas cheiravam a naftalina e a chichi de gato, como ele. Além disso, pareciam ter pelo menos dez séculos de pó em cima. Mas aquela farda verde estava impecavelmente limpa. Os galões dourados cintilavam-lhe sobre os ombros. Cláudia ficou fascinada a olhar para a figura quase loira que marchava sobre um par de botas reluzentes. Nunca tinha reparado que o velho tinha o cabelo loiro. Normalmente andava tão porco e desgrenhado que era impossível perceber-se onde é que começava o cabelo e acabava a pasta de poeira. De repente, Murinelo parecia um cavalheiro de meia-idade, resplandecente como o avô Matias.

Até aos seis anos de idade, o grande sonho de Cláudia era andar de avião ou assistir a um enterro. As pessoas crescidas troçavam dela, o que a princípio a irritava um bocado. Um dia Cláudia percebeu que as pessoas, coitadas, não compreendiam o que ela lhes estava a dizer e deixou de se enervar. Limitou-se a dizer-lhes menos coisas, para não ter que lhes ver aqueles esgares patéticos. Claro que aos cinco anos Cláudia não pensava por estas palavras, pela simples razão de que não as conhecia, mas pensava por outras um bocadinho mais brutais que iam dar ao mesmo.

O sonho de Cláudia tornara-se absolutamente sério e cheio de lógica. Se as pessoas que morriam iam para o céu, era porque alguém as levava ao colo, num escadote enorme, até à primeira nuvem. Portanto, quando os aviões atravessavam as nuvens, as pessoas vivas olhavam através do vidro para as pessoas mortas, perguntavam-lhes se estavam boas, conversavam um bocadinho com elas e diziam-lhes adeus, até à próxima. Por isso é que as viagens aéreas estavam tão caras e toda a gente gostava tanto e tinha tanto medo de andar de avião. Era preciso ter muito cuidado. às vezes o piloto do avião distraía-se a conversar com um amigo que encontrava numa nuvem e o avião caía. Claro que Cláudia nunca contou esta história inteirinha às pessoas crescidas, porque as pessoas crescidas rebentavam a rir mal ela lhes dizia que o seu sonho era andar de avião ou ir a um enterro. Fazia pena. Se calhar, cismava Cláudia, elas não gostam de ouvir falar em mortos porque já estão muito velhas e não lhes apetece ainda passar para o outro mundo. Devia ser por isso que começavam logo a fazer-lhe festas na

cabeça e a berrar que aquela criança era uma gracinha e a mudar de assunto. As pessoas crescidas têm a mania de fazer um grande alarido por qualquer coisinha. No dia em que os homens chegaram à Lua, que por sinal foi de noite, como se viu na televisão, fartaram-se de lhe pegar ao colo e de a abanar e de lhe gritar aos ouvidos: "Tu sabes o que isto significa? Tu estás a ver? Os homens chegaram à Lua num foguetão, percebes!". Como se ela fosse burra e como se a Lua não estivesse mesmo ali, à vista de toda a gente.

Só o avô Matias se parecia com ela, nisso de vaiar os espantos em vez de os tomar por surpresas.

4

A água pesava sobre os remos, mas era preciso chegar àquele salgueiro, lá adiante. "Rema, rema, avô"—incitava ela -

"mais depressa!" E o avô não estava disposto a perder o grau de herói por causa de dois pedaços de madeira e um bocadinho de rio.

Quando o homem apitou, regressaram à margem, saltaram do barco, compraram dois gelados e passearam pela cidade. Matias escolhia as ruas mais movimentadas, onde sempre aparecia um amigo a dizer: "Que linda neta que tu tens! E é tão parecida contigo!" Cláudia franzia as sobrancelhas, a magiciar que se calhar os velhos achavam que as pessoas eram todas parecidas.

É que por mais que olhasse, não conseguia perceber. O avô Matias tinha rugas, olhos azuis, cabelos loiros e lisos. Ela tinha a pele completamente esticada e os olhos castanhos como os cabelos, aos caracóis. E sobre os caracóis dela havia um lacinho, coisa que o avô só usava sobre o colarinho da camisa.

Imaginar o avô com um lacinho em cima da cabeça deu-lhe uma desbragada vontade de rir. Mas o avô achou que Cláudia se ria de o ouvir explicar ao amigo que andava ali a passear :, porque a menina gostava de ver gente, e ficou amuado.

Tratava-se de um lamentável equívoco; Cláudia nunca denunciaria a meiga vaidade do avô, porque ficava fascinada com o brilho que essa vaidade punha nos olhos dele. Além disso, para ser sincera, adorava que as pessoas dissessem que era bonita. O mais engraçado é que as pessoas pensavam que ela não percebia os elogios, porque era muito pequena. Então Cláudia fazia-se distraída e julgava-se um génio de perspicácia, embora por outras palavras. Era assim: se os crescidos a achavam pequena de mais para perceber o que diziam dela, era porque no tempo em que eram pequenos não percebiam o que diziam deles. Logo, ela era mais esperta do que o normal numa pessoa tão pequena.

Mas agora o avô puxava-lhe pela mão, amuado, informando-a de que tinham que ir para casa porque a avó Lurdes os esperava para lanchar. Ainda mal tinham aberto a porta, já a avó despejava o seu rosário de

lamúrias:—O quê, tão cedo, lá vêm vocês sujar-me tudo, ainda nem tive tempo para preparar o lanche, tenho tanta coisa para fazer, e dói-me tanto a cabeça!

As dores de cabeça da avó Lurdes tinham pelo menos os sessenta e cinco anos dela. O avô Matias riu-se, dobrou-se até chegar ao ouvido de Cláudia, murmurou-lhe: "Vamos fugir os dois!", agarrou-lhe na mão e desarvoraram a correr pela escada abaixo.

A avó Lurdes brandia contra o mundo a fina perversidade da resignação, o que lhe valia o título de santa, pelo menos entre a vizinhança. Cláudia não conseguia entender como é que uma mulher que nunca sorria, que nunca tinha um rebuçado no bolso e que nunca parava de rezingar podia ser uma santa.

Santo era o avô Matias, e foi isso mesmo o que ela disse uma vez alto e bom som à tia Dulce. A senhora ficou com a cara esquisita que a própria avó Lurdes tinha posto daquela vez que estava na sala a comentar com umas amigas a pouca-vergonha da gravidez de uma rapariga solteira e Cláudia esclarecera que a rapariga não tinha culpa porque os filhos apareciam por vontade de Deus. Por mais que magicasse, Cláudia não compreendia a razão das pessoas crescidas ficarem tão caladas quando se lhes dizia aquelas verdades elementares. Na catequese ensinavam-lhe que os santos eram alegres e bonzinhos e que os bebês eram presentes de Deus. Cá fora, parecia que as coisas estavam todas ao contrário. A avó Lurdes, que já nascera com dores de cabeça e a detestar passeios, praias, cinemas, televisão e crianças, era uma santa. Só se era por ir a todos os enterros da cidade. Nos dias de funerais, a avó Lurdes nunca tinha dores. Acordava cedo, arrumava a casa muito depressa, arranjava o cabelo, punha o seu melhor vestido, que era preto, e saía de casa a passo ligeiro, com os olhos a brilhar, sem se zangar com ninguém. Mas Cláudia não gostava do brilho dos olhos da avó Lurdes. Era uma faísca fria, metálica.

às vezes Matias sentia que casara com uma alma penada disfarçada de mulher. Namoraram-se pouco tempo, e quase sempre de janela para janela. Lurdes tinha uns longes interessantes.

Quando a viu de perto, Matias percebeu que aqueles olhos encovados não ocultavam mistério algum, a não ser o do mais irrecuperável embaciamento. Mas nessa altura já se encontrava casado com ela, para o melhor e para o pior. Lurdes devia estar desatenta quando o padre mencionou "o melhor", e jamais lhe ocorreu que acompanhar o marido nas

suas missões ao estrangeiro ou sair com ele ao domingo pudesse fazer parte das atribuições conjugais. Ou talvez nunca tivesse pensado nisso.

Na noite de núpcias, Lurdes mostrou ao marido a arca onde guardava a sua roupa de defunta e o terço que ele lhe havia de meter entre os dedos. Depois saiu do quarto para vestir a camisa de flanela e pediu-lhe que fechasse a luz antes de entrar. Caiu sobre a cama, suspirou, disse-lhe que lhe doía a cabeça e entregou-se-lhe com a rígida indiferença de uma morta.

Por infelicidade, Lurdes nunca teve sequer uma gripe. Esta absoluta ausência de tragédia forçava-a a terríveis malabarismos de imaginação. Teve que ampliar cem vezes os padecimentos do parto para conseguir estimular as compaixões.

Inventou ferros de tortura, feridas sem retorno, para poder explicar o acto do nascimento. E avisou Matias da impossibilidade de um próximo filho. Matias ainda argumentou que uma criança precisa de um irmão para crescer com alegria.

Mas Lurdes interrompeu-o logo com a sua voz magrinha e lamentosa, alegando que as crianças trazem em si alegria que chega e sobra, e que quanto mais cedo perceberem que viemos ao mundo para expiar os nossos pecados, pois tanto melhor, e que ela própria também tinha sido filha única e não se queixava, e que ainda por cima a vida estava muito cara para esses luxos de meninos, e que bem se via que não era ele quem os paria, e que além de tudo ela estava muito velha para ter mais filhos.

Lurdes tinha só trinta e dois anos quando deu à luz a menina que havia de vir a ser mãe de Cláudia, mas Matias nem protestou. Podia ter-se amaldiçoado por não ter casado mais cedo, com uma daquelas camponesas sadias que catrapiscavam os rapazes fardados, ou com uma chinesa de olhos planos, que as havia tão gentis em Macau. Mas o arrependimento não era o seu forte. Adiarda a paixão definitiva porque cada viagem o deslumbrava. Lurdes encontrara-o chapado em frente da sua janela porque nunca lhe passara pela cabeça procurar fosse o que fosse para além dela. Matias soube depois que só uma vez Lurdes saíra daquela cidadezinha, aos quinze anos e a rogo de uma amiga, para ir à praia, ali a vinte quilómetros. Foi muda durante toda a viagem e, quando lá chegou, olhou para o mar e perguntou aos pais da companheira se faltava muito para voltarem para casa. Durante os breves meses do noivado, Matias tomara os suspiros da sua eleita por ânsias incontidas, e os seus longos silêncios por cismas de paraíso. Caíra na

emboscada recorrente das almas expansivas, que é a de contundirem alheamento e timidez, e de se apaixonarem perdidamente por essa profunda ilusão.

Atiraram-se para o primeiro banco do jardim, já sem fôlego. O avô apertou-a com toda a força e encheu-a de beijos. Os amuos do avô Matias eram sempre rápidos e inesperados como um vendaval que se esquecia logo. O avô tirou um lápis e um caderno do bolso para lhe ensinar as letras, mas Cláudia saltou para o chão e disse que só lhe apetecia dançar.

Cláudia julga que se lembra de todas as conversas e brincadeiras que teve com o avô Matias. De como ele lhe escondia as bonecas, só para troçar de a ver furiosa, quando era muito pequenina, ou de como ele a pendurava pelos pés quando ela se engasgava, até que o rebuçado caísse no tapete.

E depois, muito depois, quando ela andava na escola primária e ele lhe contava a História de Portugal de uma maneira distinta de toda a gente. O avô só fizera a escola primária porque tinha sido muito pobre, e não pudera estudar tudo o que queria.

Lurdes rabujara horas a fio quando Matias decidiu que a filha iria para Lisboa tirar um curso, por muitos sacrifícios que isso lhes custasse e por mais que as más-línguas soltassem as suas profecias de escândalo. E agora Lurdes ralhava-lhe de manhã à noite porque ele se metera a estudar, depois de reformado. Chamava-lhe velho baboso, velho jarreta e outras coisas assim, insignificantes, que Cláudia derretia com uma só frase: "Sabes tantas coisas, avô!"

O avô falava-lhe daqueles dias em que os livros eram reproduzidos à mão pelo calor do chumbo—ou antes ainda, quando os manuscritos sobreviviam aos mares, à força de braços. Então os caminhos repartiam-se em dois. Ousava-se até à glória ou até à morte, fosse ela de esquecimento ou de estátuas. Havia palavras grandes como Eternidade, e as pequenas escreviam-se com maiúsculas, como Fé. "Nós, portugueses, sempre preferimos o luxo ao conforto; sempre preferimos descobrir a investir. Deitávamos bois pelas ameias quando estávamos a morrer de fome, para que os inimigos não suspeitassem da nossa miséria. Vestíamos-nos dos mais finos brocados quando os dinheiros das índias se escoavam. Sempre soubemos desprezar as necessidades primárias em favor de frivolidades extraordinárias. Percebes, Cláudia?" Cláudia fazia que sim, mesmo quando não percebia muito bem. Adorava aqueles versos do Camões para

Dinamene, que o avô recitava de cor como se estivesse no teatro, mas não percebia o que é que a raposa que estava lá no céu eternamente tinha a ver com a "alma minha gentil que te partiste / tão cedo desta vida descontente".

Fazia-se tarde. O rio puxava o sol com a delicadeza que as mães costumam usar para tirar a chupeta da boca dos bebês adormecidos. A essa hora voltavam os dois para a casa velha onde estava a velha avó a rabujar porque era quase Primavera e as andorinhas estavam de volta e iam fazer ninhos debaixo das suas telhas e iam sujar-lhe os vidros todos.

Cláudia colava o nariz ao vidro a olhar para Murinelo-militar e a lembrar-se do cabelo do avô Matias, loiro e frágil sobre o lençol do hospital, há exactamente cinco anos. Começava o calor, havia uma multidão de gente feliz na rua com cravos na mão, a cantar coisas tontas, cativantes. A mãe de Cláudia fazia a barba ao avô Matias, muito devagarinho, e ia-lhe dizendo: "Houve uma revolução, percebe, paizinho? Os capitães como o paizinho juntaram-se todos e acabaram com a ditadura, percebe paizinho? É uma festa, paizinho." A mãe de Cláudia estava muito triste porque o pai estava a morrer sem saber o que se passava. Mas Cláudia jura que viu os olhos dele a brilhar de marotice, como se tivesse acabado de lhe roubar a boneca favorita, só para a enganar.

5

Roubar gasolina era a missa de sexta-feira à noite. Tinha um lado prático—salvá-los do inferno da imobilidade, e um lado metafísico—uni-los pelos laços da cumplicidade. As raparigas faziam de vigilantes, com grande profissionalismo.

Infelizmente, não havia palmas. Mas havia alguma coisa de melhor e maior: a honra intensa de defenderem os seus rapazes.

O ar queimava como gelo debaixo da pele. Esperavam há quase duas horas que o turno da polícia mudasse e que o Bigodes aparecesse. O Bigodes dominava as artes da sociabilidade; sabia cavaquear, sempre que acendia um cigarro oferecia outro e adivinhava o instante exacto em que devia mudar de passeio para deixar os rapazes entregues ao seu trabalho. Em tudo se distinguia do Troca-passo, que andava para ali noites inteiras sozinho, sem falar a viva-voz, com o modo turvo dos deserdados do mundo. Havia que ter paciência.

Era quase meia-noite, hora limite das donzelas, quando o labor arrancou. Cláudia instigava os mancebos a que se despachassem, sob pena de passarem a noite seguinte a dançar uns com os outros. Filipe fez-lhe notar que as meninas das vivendas haviam de lá estar todas, mui suspirantes, à espera da pura reencarnação de Marlon Brando que era a sua pessoa.

As meninas das vivendas eram o grande trunfo dos rapazes; conferiam-lhes a força quimérica de uma instituição de modo a manterem as suas raparigas em sentido. Cláudia e as outras tratavam de as desdenhar com aplicação, em análises ácidas que começavam pela biqueira dos sapatos e acabavam no último caracol de cabelo. "São umas pirosas", concluía, muito senhoras de si. E uns dias mais tarde, apareciam com uns fios de ouro ou umas pérolas maternas debaixo dos blusões de ganga.

Mas certa vez, depois de uma festa particularmente torturante, Teresa estragou tudo; surgiu vestida à menina das vivendas -saia de pregas, soquete branca, brincos dourados, cabelo em cascata—e foi recebida com um coro de enxovalhos. Nem Isabel lhe poupou gargalhadas, porque aquele excesso

comprometia toda uma trajetória de mansas diligências em prol da extinção das meninas das vivendas.

Não era possível sequer ter pena de Teresa, porque a pena que ela tinha por si própria cavava um fosso de seriedade entre ela e o mundo, e não há maior antídoto para a ternura do que a sisudez. Teresa era uma sentimental e julgava-se romântica; sobrestimava-se na ideia de amar toda a gente. Ora um amor alheado de estímulo apresenta-se, no mínimo, como uma ofensa, uma incitação à crueldade. Teresa sentia-se dilaceradamente acima do comum dos mortais, e encontrava nessa divina fatalidade o ali mento da sua sobrevivência. Jamais lhe ocorrera que aquele seu sentimento de excepcionalidade pudesse ser a causa do ostracismo a que os rapazes a votavam nas festas. Como todas as pessoas vaidosas, julgava-se um poço de obscuridade e era um lago de impúdicas transparências.

Assim, Teresa estava convencida de que os rapazes a deixavam sentada a um canto porque não lhe encontravam a fútil beleza das outras. A futilidade era o seu grande consolo e a sua tremenda impossibilidade. Era míope, mas preferia não ver a usar óculos. Passava horas ao espelho a combinar saias e blusas, mas nunca conseguia nada que se assemelhasse a uma imagem de descontraída elegância.

Cláudia decidiu ignorar a história das meninas das vivendas e cobrir de ridículo a imagem cinematográfica de Filipe. Disse qualquer coisa acerca de Brandos das viúvas da sorte. Pôs toda a gente a rir e Isabel com aquela vontade de chorar seca e funda em que ninguém reparava. Nem sequer Filipe, que se sossegava na ideia de que a amava muito, e muito bem.

Filipe cultivava a maior das misoginias, que é a de compreender as mulheres. Costumava dizer que havia três variedades de Belas Adormecidas: as mais baratas eram as que não acordavam nunca; dentro da gama mais sofisticada, que acorda com um beijo, havia as que tinham um mecanismo para adormecer outra vez e as que não voltavam a adormecer, por mais que se lhes fizesse—e eram estas, evidentemente, as que saíam mais caras.

Isabel esforçava-se por relembrar constantemente o instante redentor. Fazia um calor húmido. O chão do café estava forrado de beatas. O empregado demorava horas entre uma cerveja e outra. Sim, ela lembrava-se de tudo. Da camisa azul, do isqueiro que não funcionava, das flores tortas que ela ia desenhando no guardanapo de papel, sempre a repetir que não

tinha jeito nenhum. às tantas, Filipe disse-lhe que as flores ficavam tortas porque tinham vergonha.

— Vergonha de quê?—perguntou.

—Vergonha de serem só flores, ao pé dos teus dedos. - respondeu ele.

Hoje, custa-lhe a acreditar que ele tenha mesmo dito um disparate daqueles. E que tudo fosse verdade. Fazia um calor húmido e mal se conheciam. A sedução não é íntima da perversidade. Move-se no terreno seguro do jogo. Ele olhava, ela ria-se, a mão dela tremia e ele tecia-lhe elogios desajeitados aos dedos. Era tudo tão óbvio. Depois o jogo acabou. Disseram tudo, e disseram que tudo havia de ser para sempre. E desde então, ficaram sem recordações.

Isabel nunca soube o que era a leviandade, o que a tornou casta e desastrada na expressão dos amores. Sobressaía; era a mais alta das três raparigas que formavam a barreira de protecção nas manobras de transferência de combustível. Olhava a distância como um faroleiro disciplinado, mas não via; limitava-se a sentir o desconforto daquela noite igual a milhares de outras. As vozes dos amigos chegavam-lhe lentas, longínquas como sopros de outra vida. Falavam agora de roupas, fatos de festa, saldos.

De repente, no fim do Inverno, parecia que estava tudo em saldo. Saldavam-se as contas com o passado, verificava-se que afinal nada tinha sido exactamente assim, revolviam-se as gavetas para deitar fora o que já não prestava, compravam-se roupas novas em lojas de promoção, remexia-se, renegava-se.

As meninas adquiriam a bom preço o bafio das modas anteriores, com aquele ar espertalhão de desafio ao futuro. Saias sem forro, calças que picavam, fibra sintética que parecia mesmo mesmo lã, napa em vez de cabedal. Mas amanhã era festa, o ritual do traje tinha que se cumprir a rigor.

— E tu, Isabel, o que é que vais levar?

Encolheu os ombros, informou sumidamente que qualquer coisa.

Ou uma coisa qualquer, melhor dito. Umas calças, que os vestidos não lhe ficavam bem. Filipe discordava: de mini-saia e salto-agulha é que ela havia de deslumbrar multidões. Isabel detestava-se a si própria quando o ouvia perorar sobre estética feminina, porque era obrigada a desprezá-lo. É certo que não tivera forças para deitar fora os sapatos de cetim vermelho que lhe oferecera, mas escondera-os na arrecadação. Recriminava-se: "Não sei gostar dele, porque não consigo deixar de ver o mau gosto dele.

Adoro-o mas não sei gostar dele, o que quer dizer que não sei gostar de ninguém. Aliás, se ele não tivesse mau gosto, também não gostava de mim." às vezes Isabel tinha a impressão que, no fundo, Teresa era o sonho de Filipe. Chegava mesmo a sentir ciúmes, porque Filipe costumava elogiar as bijutarias farfalhudas que Teresa usava. E, o que era pior, Teresa ficava engraçada com aquelas bugigangas excessivas.

Teresa estava sempre tão ocupada a desmerecer-se que não dava por nada. Sentia pena de não fazer um género, como as outras duas. Os vestidos tornavam-na demasiado menina, as calças de ganga demasiado banal. Mas desta vez nada disso importava, porque o João pedira-lhe para o :, ajudar a escolher umas calças e uma camisa, na manhã seguinte.

— Amanhã vou às compras com o João, e logo decido.

— declarou, afastando da testa a franja de cabelos escorridos, quase a explodir de orgulho.

— Ah, é verdade, Teresoca. Esqueci-me de te dizer que amanhã afinal não vou contigo. Fiquei de ir a casa da Alexandra arranjar-lhe as dobradiças da escrivaninha, e depois ela vai escolher a roupa comigo.

Teresa já nem ouviu os comentários a propósito das múltiplas espécies de dobradiças existentes no mercado e sobre a forma de as consertar, nem as dissertações acerca do súbito apego de João aos trabalhos manuais. Disse:—Deixa lá, não faz mal.—e tratou de se concentrar na espinhosa tarefa da contenção do choro.

Teresa chorava com uma facilidade prodigiosa. Isabel admirava-lhe sinceramente a técnica.

Já estavam a arrumar o tubo de aspiração e as ferramentas quando o Linhos chegou bradando que o automóvel que haviam acabado de esvaziar era o do pai dele. Ninguém sabia que o pai do Linhos tinha mudado de carro. Voltaram a despejar a gasolina no depósito, puseram as meninas em casa e foram para o Luar de Angola beber cerveja, discutir política e treinar os instintos.

Só às cinco da manhã, bêbados e abraçados e perfumados pelos mesmos corpos de mulher é que se revelavam mansos, dolentes, apaixonados. Ricardo Luz era a excepção.

Acompanhava os outros nos copos e nas conversas, mas ficava no bar enquanto eles iam lá para dentro com as raparigas. Ninguém tratava de averiguar das causas daquela abstinência, até porque nenhum deles queria

que Ricardo pensasse que as raparigas lhes davam mais prazer se tivessem estado com ele primeiro. A omissão era uma das principais regras da amizade masculina. No estado sóbrio, os homens não se tocavam, nem para um aperto de mão. Cumprimentavam-se com ligeiros acenos de cabeça. Em momentos especiais—mortes na família, problemas com a polícia ou com as motas, fins de namoro - admitiam-se pequenas demonstrações de calor humano: encontrões, safanões, caneladas ou sopapos. A regra servia também para as relações de amizade entre raparigas e rapazes, o que fazia com que todos se esfolassem por arranjar namoradas.

Filipe apresentava-se naquela noite particularmente ardente, e garantia a quem o quisesse ouvir que se mataria no dia em que a sua princesa o deixasse. Ricardo Luz recordava-lhe os tratos de polé a que ele submetia a pequena, mas Filipe contrapunha-lhe argumentos sólidos; se às vezes a mandava para casa era por amor. Por amor a sério. Para a proteger do pessoal das barracas, que tinha a mania de se pôr a olhar para ela com olhos de fome. E para ver se ela estudava. Para o bem dela. O Radar comentou que também devia ser para o bem dela que ele a fazia chorar tanto. Para ver se ela não fazia chichi na cama.

O Radar esmifrava-se para ter graça; o que o salvava era que já ninguém o ouvia. Sobrava-lhe em idade o que lhe faltava em tamanho -excepto nas orelhas. Chegara a desafiar Ricardo Luz e acabara espancado, em cuecas, no meio da rua. Desde então tentara tornar-se a voz do chefe, mas falhava sempre o tom. Tomava a fidelidade por uma categoria de eco, e havia entre eles a ideia de que os papagaios não são de fiar. Ricardo Luz olhava de esquelha o seu infeliz porta-voz.

Estava mesmo a vê-lo a passar-se para o bando de drogados do Traficâncias ou dos catitas das vivendas. Bastava que lhe dessem trela, ou um cheirinho a fêmea. Pelo sim pelo não, mantinha-se o Radar a milhas de qualquer ajuste de contas.

Nunca o chamavam quando era preciso dar uma tarefa em alguém.

Ele nem sequer sabia que o grupo tinha máscaras de ataque à maneira dos assaltantes das séries americanas. Um dia o João roubou o cofre do pai. O Radar soube pelas porteiras que o pai do João tinha sido assaltado. Entrou no café em grande alarido de solidariedade, urrando contra o descaramento desses miseráveis que se atreviam a roubar a família de João Caetano de Brito. Ninguém lhe prestou atenção. Radar deduziu que os homens se querem imperturbáveis, e calou-se. Não era agora o caso:

— Pois, pois. Também deve ser para o bem dela que a fazes chorar tanto. Para ver se a miúda não faz chichi na cama.

Ricardo começava a cansar-se da moralidade da conversa.

Limitou-se a acrescentar, já num encolher de ombros, que devia ser a bem de Isabel que Filipe se punha na frente dela a fazer concursos de linguado com as gémeas. Mas foi uma tirada infeliz; Filipe recordava-se muito bem de o ver no forrobodó com as duas pecadoras. Lembrava-se até de o ouvir dizer que se Cláudia tivesse dado um beijo que fosse na boca de alguém, já não lhe servia. Ricardo jurou que não tinha voltado a tocar nas malucas, desde que começara a namorar Cláudia.

— Enjoaste, foi o que foi.—concluiu Radar, numa segunda tentativa falhada.

As gémeas Luísa e Laura viviam a expensas da lei da indiferenciação. Nem a avó, que lhes servia de mãe, era capaz de as distinguir. Os mesmos redondos olhos azuis, os mesmos estudados passos de boneca, a mesma pele leitosa, a mesma voz de vidro. Pareciam réplicas animadas de uma pintura de altar.

A avó tinha-as na conta de santas e educara-as nas roupas e trejeitos das artistas de Hollywood; passava os serões a talhar folhos de cores chamejantes para alindar as suas meninas, e recusava-se a vê-las crescer. As gémeas perceberam rapidamente que bastava que uma delas estivesse em casa pelas duas, e divertiam-se em noites alternadas. Os pais tinham fugido para a África do Sul durante a revolução, antes que alguém lhes viesse perguntar que género de trabalho era o deles, na antiga polícia política. Prometeram que mandariam buscar as filhas assim que pudessem. Agora a avó escrevia-lhes longas cartas explicando que não era justo fazer com que as crianças interrompessem os estudos e se separassem dos amigos, que eram muitos. Às vezes a avó levava uma tarde inteira para pintar as unhas às meninas, porque as campainhas da porta e do telefone não lhes davam cinco minutos de descanso.

A ausência dos pais de Laura e Luísa conduziu a casa a uma época de recessão. As gémeas não estavam habituadas a ter desejos impossíveis, e começaram a jogar com o seu capital de mistério. Durante uns tempos conseguiram levar os rapazes a apostar dinheiro sobre as suas identidades. Este recurso esgotou-se-lhes quando os jogadores perceberam que não havia maneira de ganhar. Foi então que decidiram pôr os seus beijos a concurso, mais ou menos como tinham visto nos filmes.

Fixavam um preço para o beijo mais comprido, deitavam-se lado a lado com os respectivos concorrentes e deleitavam-se a competir uma com a outra. De qualquer maneira, o prémio ia para um mealheiro comum, e o balanço das vitórias redundava num fraterno empate. Laura possuía melhores pulmões, mas tinha o cuidado de fechar rapidamente a boca ao terceiro beijo, para assegurar a igualdade da irmã. Quanto aos parceiros de jogo, vencedores ou vencidos, pagavam religiosamente. Era essa a principal semelhança entre este concurso e os tais filmes com barraquinhas de vender beijos.

Luísa e Laura apaixonavam-se pelos mesmos homens. Aliás, o que as apaixonava era o espectáculo da paixão, e não o homem.

Dormiam juntas numa cama larga debruada a laços cor-de-rosa, e entretinham-se a comparar as qualidades dos seus muitos pretendentes, antes de adormecerem. Adormeciam abraçadas desde a nascença. A avó era capaz de ficar horas, enternecida, a vê-las dormir assim, Luísa sobre o peito de Laura, os caracóis louros misturados entre os lençóis. Nenhuma fotografia as fixara nesta íntima doçura; ninguém as conseguia unir em frente à câmara. Havia apenas aquele retrato desfocado, tinham elas seis meses, onde se adivinhava o brusco desfazer de um enlace. No dia do primeiro aniversário, a família tentou imortalizá-las de mãos dadas, mas as gémeas cerraram os punhos e berraram em uníssonos até que as deixassem em paz.

Não gostavam de raparigas, apreciavam os rapazes, desde que se apresentassem aos pares e estivessem dispostos a pagar-lhes os beijos. Dizia-se que a cicatriz que rasgava a face direita do Traficâncias fora desenhada por uma delas. De qualquer forma, viam-nas muitas vezes com o bando do Traficâncias, e erguiam-se rumores acerca de negócios de droga. Sempre que ia à janela e via Filipe na conversa com Luísa ou Laura, Isabel repetia para si mesma que só podia ser por causa do haxixe que, de tempos a tempos e entre homens, Filipe gostava de fumar. Fazia por apagar da memória aquela festa em que Filipe participara nos nojentos concursos delas, diante do seu nariz.

Afinal de contas, ele pedira-lhe desculpa logo a seguir. E a culpa era toda do sonso do João, que passava a vida a provocá-lo. Filipe só queria provar que tinha muito mais fôlego do que João. Além de que fica mal um homem recusar-se a uma mulher, ela tinha que perceber isso. Isabel queria perceber, sabia que era essa a lei. Pressentia, no entanto, que podia não ser a

única lei, que talvez houvesse um outro mundo, um mundo macio, logo ali ao lado. Mas tinha medo de investigar, medo de ficar sozinha. Luísa e Laura estavam livres desse pavor. Jamais saberiam o que era a solidão. As raparigas curvavam-se sobre as carteiras do liceu para ver se era verdade que as gémeas traziam navalhas presas nas ligas.

Mas as gémeas eram rapidíssimas:—Oh coisinha, estás interessada nas pernas da minha irmã?

Nunca se conseguia perceber em que é que elas estavam a pensar. Decidiu-se que as gémeas, pura e simplesmente, não pensavam. Era a melhor maneira de lidar com aqueles quatro olhos iguais, atterradoramente inexpressivos. Batiam as pestanas a compasso e eram sempre as primeiras a pôr o dedo no ar, nas aulas. Não brilhavam em nada, mas tinham boas notas a tudo. Houve um ano em que experimentaram separá-las, a conselho do psicólogo da escola; apresentaram tão bons resultados que os professores suspeitaram que uma delas estaria a responder aos testes das duas. É que a letra de Luísa era a cópia da letra de Laura, ou vice-versa. Os rapazes punham brios de detective nos beijos, mas não conseguiam chegar a qualquer conclusão. A língua de Luísa tinha o peso e o toque da língua de Laura, a mesma água e o mesmo sabor açucarado. As gémeas espalhavam um perfume de lenha e anis que excitava sem perturbar.

— O que se faz com as gémeas não conta. Elas não são namoradas de ninguém, por isso as nossas namoradas não têm nada que se ralar com elas. —disse o Linhos, que não tinha namorada.

Filipe rematou a conversa clamando que, seja como for, um homem não é de pau, e que se uma pessoa havia de ficar a matutar numa garota qualquer, mais valia despachar logo o assunto.

— A Isabel é outra coisa. A Isabel é a minha mulher.

Claudia acordou ao som da milionésima sexta sinfonia conjugal.

A música era sempre a mesma, em allegro troppo forte, com um coro de fundos suspiros. Nem as palavras mudavam. Estás a imaginar coisas, dizia ele. E daquela vez que vos encontrei de mão dada, dizia ela. Foi uma loucura passageira, dizia ele.

Quero o divórcio. Há mais de um ano que. O que é que queres que eu faça? Quero que morras. Estúpida. Brutamontes medieval.

Olha a nossa filha. O quê? Pode ouvir. É bom que saiba. Estás a imaginar coisas. Pões-me doida. Queres pôr-me doida, mas eu não deixo. Já te jurei mais de mil vezes. Se ao menos eu conseguisse esquecer as tuas

promessas. Se nunca as tivesse ouvido. Mas. Qual mas. Eu era uma menina, e depois tu disseste-me que ninguém corre atrás de um comboio quando já vai lá dentro, lembras-te. Não. Nunca se lembram, vocês. Nós?

Os acordes finais deste glorioso dueto já não os ouviu Cláudia, que se raspou pela porta de serviço, sem banho nem nada.

A ressonância do mar alimentava a atmosfera daquele sítio seco feito de arranha-céus sem rasgo. O mar era ali uma entidade invisível, aparentemente inexistente. Havia uma ou outra nesga disponível à vista das varandas dos últimos andares, que por isso mesmo eram os primeiros a ser vendidos. Só os habitantes permanentes podiam sentir o odor das marés e ouvir aquele eco, misturado ao rolar espaçado dos comboios, pela noite fora, quando o silêncio crescia até à insuportabilidade dos sons mínimos. Mas a visão do mar excedia os limites da vida submersa. Não havia memória de que alguém tivesse sugerido sequer um passeio até aos cafés da marginal. Como se qualquer trajecto que extravasasse o perímetro traçado pelo bloco de prédios perpetuamente inacabados fosse uma traição à ordem das coisas e à coesão do grupo. Transpunha-se a fronteira de manhã cedo, para tomar o comboio que levava ao liceu, e regressava-se de vez à pátria à hora do almoço.

O tempo começava para lá dos confins do território conhecido Enquanto todos permanecessem ali, nada se alteraria. A História conservar-se-ia entre parênteses e a idade seria eterna. Jogavam às cartas dias a fio. A evolução do campeonato de King estava pregada na parede do quarto de Ricardo Luz, mas ninguém se lembrava da data de início da competição nem se previa que tivesse fim. A parede ia ficando cheia de totais parciais, e todos eles podiam ainda ganhar. As raras saídas faziam-se para praias distantes, onde se chegava de mota com o pó e o suor de uma viagem. As viagens são pretextos desse medo maior que é o de não podermos fugir de nós. Viaja-se como se dorme. Todas as fotografias são sonhos quase perfeitos, quase reais e por isso serenamente mortos.

Cláudia caminhava pela primeira vez sem destino. Seguiu o cheiro e o som até encontrar o mar inteiro diante dela, um azul imenso, duro e dócil, que transformava a luz numa outra coisa mais forte e escura. Não soube quantas horas ficou sentada naquela rocha, porque subitamente o tempo aparecera para apagar os traços domésticos da existência. Perdeu o domínio

do mundo e sentiu-se embriagada por um riso estranho, interior, que não tinha qualquer relação com o seu velho hábito de rir.

6

"As tuas mãos nos meus ombros, lentas como uma maldição. Os meus cabelos e os teus dedos. O teu perfume igual à minha vontade de mim."

Foram estas as frases que ficaram no diário de Cláudia depois de uma noite inteira de escrita. A primeira página do caderno amarelecido ficou completamente riscada. A segunda também.

Desesperava e teimava ("ai, que feio, que sujo que isto está a ficar"), explodia se não escrevesse aquelas coisas miseráveis e exaltantes que sentia e não havia palavras para as dizer, não havia forma. Parecia-lhe que a Teresa havia de saber as palavras certinhas, certeiras: "mas também, a Teresa nunca sentiu nada de parecido, de certeza, escrevia à força de imaginar, ai, se ao menos eu tivesse um bocado de imaginação que me salvasse deste choque bruto, deste coração tão violento, verdadeiro, inútil, ignóbil, será assim que se escreve ou leva um e?"

O diário era de uma vulgaridade insustentável, um rapaz e uma rapariga de mãos dadas, em perfil, à contraluz. O esforço que ela tinha feito para sorrir e agradecer e dizer à tia que era muito bonito. sim senhora. E a tia a meter-lhe as unhas de cabeleireira por dentro da franja, a fazer um esgar moderno de cumplicidade:—É romântico, não é, queridinha? É para tu guardares os teus primeiros segredinhos de amor e te lembrares da tua tia que gosta muito de ti.

Cláudia tinha doze anos e ficou arrepiada a olhar para a tia, meditando que a partir de certa idade as pessoas tendem ao despudor. Logo aquela tia, tão católica apostólica romana, porque é que não aceitava o seu doce papel de tia e se macaqueava assim. Uma mulher velha a piscar o olho à juventude perdida; eis a imagem maciça do apodrecimento.

O diário repugnante, banido durante tantos anos para o fundo do armário, era agora o seu único amigo seguro, por causa da chave que a defendia da ameaça do exterior. Mesmo assim, tratou de proteger candidamente o nome do criminoso: "Sinid, Sinid, roma ad ahnim adiv!", escreveu ela, mas riscou logo a correr, porque Sinid ficava feio, horrível, estragava o som daquele latim em código, acabadinho de inventar. O nome dele não tinha substituição nem fuga possível. Era melhor calá-lo, pura e

simplesmente, ou transformá-lo em príncipe, anjo da perdição, loucura infernal, a ver se dito aquilo se tornava real e contornável como, pensava ela, um conto de fadas, uma história de entreter.

A paixão é o rosto visível desse sentimento trágico que mina a alma e lhe retira qualquer possibilidade de história. As mais perfeitas obras humanas comungam da imobilidade sem apelo dos milhares de homens e mulheres que um dia partem sem deixar qualquer rasto, por ténue que seja. A perfeição só tem par na devoção da inutilidade de que é o exemplo absoluto; a História não é mais do que a continua tentativa de escapar à sublime cegueira desta luz. Por isso é que Cláudia escreve, febrilmente, ela que nunca precisou de palavras. Cláudia persegue a história de que já se exilou. Aos quinze anos as pessoas são ainda demasiado requintadas para as estratégias da perversidade, pelo que Dinis Marta nem sequer ficou muito surpreendido quando Cláudia lhe tocou à porta, naquela manhã de domingo, mal a família acabara de sair para a missa.

— Vais-te rir, mas passei a noite a sonhar contigo.—disse ela, e a voz tremia-lhe tanto que se lhe punha alta e rija, como se desse uma ordem.

Aquela confissão era tão verdadeira que só podia exprimir-se através da mentira; Cláudia não sonhara com Dinis pela simples razão de que nem sequer, a bem dizer, pregara olho. A réstea de lucidez que o sol encontrou nela, empregou-a nuns saltos vigorosos sobre a cama para apagar as pistas da directa literária. Depois fechou as persianas todas, saiu em bicos dos pés, sem acordar viva alma, correu até ao prédio dele e sentou-se nas escadas do patamar de cima à espera que a família saísse ao encontro do Senhor.

— Entra. Vou-me vestir. É só um instante.

Era óbvio que Dinis Marta atravessara a noite num sono de justo. Trazia a almofada marcada na cara e limpava os olhos com as costas da mão. Ela queria lá saber. Só queria livrar-se daquele lume, pegar nos dedos dele pelo tempo necessário à percepção da sua realidade, torná-lo humano até ao esquecimento.

A luz repousava sobre uma tranquila desordem de almofadas, livros, tricots interrompidos. As paredes da sala estavam forradas a estantes de mogno cobertas de livros com encadernações pomposas. Cláudia viria a descobrir mais tarde que aquela fila de lombadas era só um cenário de cartões colados, por detrás do qual se empilhavam filas sucessivas de livros verdadeiros, esfacelados, com cheiro de alfarrabista.

"Os meus velhos são assim", desabafaria Dinis, engasgado de vergonha. "Dantes, diziam que era por causa dos livros proibidos. Quem me dera que ainda houvesse livros proibidos, para não ter que perceber que eles acham esta labreguice uma coisa fina." E havia três enormes aquários cheios de vegetação onde flutuavam peixes de todas as cores. A casa fervia de silêncios, como se fosse um prolongamento dos aquários imateriais. Cláudia olhava para Dinis e parecia-lhe que ele se movia com gestos de peixe, ondulantes e misteriosos. O que o teria levado à festa da véspera? Dinis Marta nunca aparecia naquelas festas. A Isabel dizia que ele se julgava muito superior, que tinha a mania que era bom. Mas os irmãos são prisioneiros do sangue, que sempre turva a justiça.

Ele entrou tarde, por dentro do escuro, à hora em que a rispidez dos corpos se esgotara já em estratégias de aproximação. Agora, as cabeças das meninas abandonavam-se sobre os ombros dos rapazes, as luzes resumiam-se a um ténue foco azul e a música alagava o ar de imponderabilidade. No fim, haviam de fazer de conta que aqueles abraços demorados significavam apenas o cumprimento de um ritual, uma forma de passar o tempo. Cláudia estava nos braços de Ricardo quando o viu, num clarão rapidíssimo. Dinis sentara-se debaixo da única luz e folheava uma revista. De repente ergueu os olhos e ela inventou-lhos dourados, grandes na serenidade e na doçura.

— Ricardo, estou tão cansada, vamos parar.

Dinis continuava a ler a revista, indiferente afinal; talvez aquele olhar imenso, estonteante, fixo, pertencesse ao reino das alucinações. Cláudia nunca se cruzara com um homem que não olhasse para ela; esse havia de ser sempre o terrível trunfo de Dinis Marta. Ele não olhava para ela nem para ninguém, e Cláudia de repente disse:

— Vamos fazer um jogo. Para variar,—disse ela. Cada um escreve o seu nome num papel e depois misturam-se os papéis em dois montinhos. Mulheres de um lado, homens do outro. E cada um vai dançar com a pessoa que lhe calhar no papel. E se a sorte juntar dois namorados, cada um deles vai ter de se ajoelhar e fazer uma declaração de amor pública e bem explicada. Como se estivessem num tribunal, a justificar um crime,—disse ela, e toda a gente se riu.—Ninguém pode ficar de fora, declarou Cláudia, e começou a rasgar uma folha. Deu o pedaço maior a Dinis Marta, foi buscar esse papel ao monte, como que por acaso. E disse que lhe apetecia ouvir aquela canção da Billie Holiday. "Comes a rain storm, put your rubbers on/_ comes a snowstorm, you can get a little heat/comes love, nothing can

be done." Depois a memória acabou, caiu, despenhou-se inteira nas mãos dele, ali, na cintura dela. Fechou os olhos, desejou morrer dentro daquele :, peito que lhe escaldava o coração: "onde é que eu estou, onde é que eu começo, não sei de mim, de onde vem esta alegria que me dói tanto, se ao menos eu conseguisse parar de tremer."

— Estás com frio?—Dinis havia de ser sempre assim, fulminante, cirúrgico.

— O quê?

— Estás a tremer tanto. Perguntei-te se tinhas frio?

Cláudia perdera a voz; abanou a cabeça e abraçou-o com mais força. Não sabia ainda que terminavam ali os seus dias rotineiros de sedutora. Seduzia porque era imune à sedução; naquela noite, ganhava o direito ao desprezo e à humilhação, ao prazer e à dor que o incendeia.

— Já tomaste o pequeno-almoço?—perguntava-lhe agora Dinis.

Cláudia não conseguia engolir nada; trincou uma torrada, bebeu um golo de leite, ouviu-o falar sobre música e concordou com tudo. Que era uma tristeza assistir à alienação dos jovens pela pseudomúsica de consumo americana. Que era só barulho.

Prostituição sonora, dizia ele, e ela repetia sim, sim, pois é, furiosa por se negar a si própria, os nomes com que crescera, as coisas que até então amara. Que aquela festa tinha sido uma experiência muito interessante, uma experiência de carácter sociológico, mas que não contava reincidir. Uma seca, como diria o Eça. Ah, pois, o Eça é muito giro, atreveu-se ela, mas arrependeu-se nos segundos imediatos.

Giro? O que é isso, giro, tornava ele com um sorriso desdenhoso, esta juventude não sabe nada, se te perguntar a data da fundação de Portugal se calhar também não sabes, e nem o que é a CEE, e onde é que fica a China, sabes? E Mozart, sabes quem era? Sabes distingui-lo, de ouvido? Pois é, e falam vocês de música, hereges. Cláudia corava cada vez mais; como não sabia o que queria dizer herege, achou por bem perguntar:

— Vocês, quem? Só cá estou eu.

— Vocês,—continuou ele,—os meninos das motas, das festas. Vocês, que não querem pensar a sério em nada. Vocês todos.

— Não te zangues comigo, Dinis. Por favor, não me ralhes.

Explica-me essas coisas todas, mas não me ralhes.

As lágrimas acorreram em seu socorro, num caudal eficiente.

Dinis calou-se e comoveu-se. Acariciou-lhe os dedos e ela caiu-lhe nos braços, para que todas as datas e todos os factos e todos os números, de Mozart à CEE, ficassem diluídos no oceano de insignificância que une as eras. O oceano trágico, invisível, vulnerável que normalmente começa com um beijo.

Ora Cláudia presumia-se especialista na arte de beijar.

Dissertava longamente com as amigas sobre o assunto, e formara uma tabela de referências bem fundamentada. Havia os beijos teatrais, feitos de uma ginasticada ênfase de língua. "Beijos cheios de técnica", explicava ela, "fujam deles como do Diabo; vêm de bocas mais interessadas em fazer-se notar do que em dedicar-se a amar." o exemplo costumeiro destes ósculos era Filipe, com grande desgosto de Isabel, que não apreciava o esforço da desilusão. E havia os beijos encharcados, moles, viscosos, denunciadores imediatos de naturezas flácidas, infantis, dependentes. E os beijos repenicados, rápidos, repetidos, cheios de bons sentimentos. "Demasiado amaricados", instruía Cláudia, que tinha conceitos sólidos sobre a virilidade masculina. E os beijos preguiçosos, aplicados por rapazes embasbacados, que se limitavam a ficar de boca aberta à espera da acção feminina. Enfim, perfeitos eram os beijos à cinema, como os que o Clark Gable mostrava em "E Tudo o Vento Levou". Mas aquele beijo, o beijo de Dinis, Cláudia jamais o conseguiria classificar. Para dizer a verdade, Cláudia nunca mais pôde falar de beijos; aquele beijo era apenas O beijo. O primeiro. O último.

— Quando é que voltamos a ver-nos?

— Tu é que sabes.—respondeu Dinis, com um sorriso magnânimo.

Nas semanas seguintes Cláudia viveu a honra aflita de uma vida dupla e conheceu na mentira um grau superior do afecto. Mentir magoava-a, mas não havia outra forma de resguardar os outros.

A situação prestava-se a análises maledicentes; quem a apreciasse do exterior, diria que era por comodidade que Cláudia mantinha o namoro com Ricardo Luz. Mas a força das circunstâncias e os cuidados de Cláudia impediram o equívoco das interpretações desapaixonadas, que habitualmente pecam pela surda frieza da inveja. Cláudia sentia tudo menos conforto. Tinha sobre ela, antes de mais, o sufocante peso de um segredo; às vezes já nem sabia se aquela necessidade permanente de Dinis era pura paixão ou sede de desabafo. Uma sede que permanecia para lá dos encontros furtivos, até porque Dinis Marta não lhe alimentava os arroubos

confessionais. A atitude do perfeito-cavalheiro, deliberava Cláudia, que se tornou por esses dias hábil em camuflar de razões qualquer fio de decepção.

Vinha da pele de Dinis com um excesso de beleza no corpo e uma irresistível ausência na alma. As amigas viam-se obrigadas a gabar-lhe a cor e o porte. Cláudia ria-se; dizia que era da Primavera e dos treinos intensos para o campeonato de ginástica. Faltava agora às aulas todas, e ninguém dava por isso. Estudava sofregamente matérias estranhas, literatura, cinema, música, lia pela noite fora, mostrava-se séria e sensata. Ricardo achava-a mais meiga do que nunca, e era verdade. Cláudia afastava-se irremediavelmente dele, o que lhe punha nos gestos o atencioso ardor da melancolia. Ia deixá-lo, e por isso fazia amor com ele com uma sinceridade que até então desconhecia. Chegava a premiá-lo com a desenvoltura aprendida no corpo de Dinis.

A um olhar masculino, pode ser que estas transposições pareçam insuportáveis de promiscuidade. É que os homens têm geralmente do acto sexual uma ideia estanque, factual, cheia de alíneas, como uma cerimónia de consagração. Ora as mulheres tendem a ver no exercício físico do amor uma das muitas encarnações possíveis da generosidade, que nelas faz as vezes da entrega.

Isso habilita-as a distribuir as mesmas palavras de amor e os mesmos gestos a homens diferentes, sem escândalo íntimo nem confusão alguma; o vocabulário do amor é curto para a disponibilidade que as anima. É nas minúcias da pele que as diferenças e as vertigens se lhes cavam; na realidade, é até provável que sejam mais pródigas em juras e carinhos para com o menos amado. Porque a culpa é feminina e filha dilecta dessa admirável capacidade humana a que chamamos compaixão.

Cláudia esvaia-se em paixão por Dinis e compaixão por Ricardo.

Não tinha sequer tempo para pensar em si própria. Punha um desvelo de rigor em tudo o que contava, para não cair em contradições embaraçosas. Mantinha-se em estado de alerta perante as reacções alheias, e as pessoas começaram a tomá-la por confidente. Teresa contou-lhe a desgraça da sua paixão por João e o vexame pavoroso de ficar sentada a um canto, festas a fio. Cláudia pegou num cigarro e desatou a falar das vezes que o pai tirava o cinto das calças para lhe bater, das denúncias da porteira, da falta de um irmão, das horríveis gargalhadas que as outras soltavam na aula quando a professora de ginástica lhe chamava "pata de elefante" e das noites em que a obrigavam a ficar em casa para estudar.

— Pois.—disse a Teresa—Mas isso é tudo por fora. São coisas que se passam à tua volta. Mas bolas. Tu és a mais bonita, a melhor, a namorada do Ricardo Luz.

— Não é bem assim. Eu sou a namorada do Ricardo Luz enquanto for a mais bonita e a melhor. E sou a mais bonita e a melhor enquanto for a namorada do Ricardo Luz. E ser a melhor, aqui neste bairro, é armar aos cucos, espingardar como um rufia e namorar como a Virgem Maria. Aqui é assim, e, para te dizer a verdade, estou a ficar farta.

— Se eu fosse bonita como tu, também podia dar-me ao luxo de estar farta. Tu nunca ficarás sozinha.

— Achas? Vamos ver. Lembras-te do Nuno do 59? Quando teve aquele desastre enorme e ficou coxo a Rita nunca mais quis saber dele. Noutra dia perguntei ao Ricardo se ele continuaria a gostar de mim se eu tivesse um desastre daqueles. Ele riu-se e disse para eu me deixar de disparates. Às vezes penso que se eu fosse gorda e feia tinha a certeza de que quem gostasse de mim gostava mesmo a sério, percebes?

— Só que ninguém havia de gostar de ti. Olha para mim.

— Mas tu não és nenhum monstro, minha parva! O teu problema é que ninguém acredita em ti porque tu também não acreditas.

Para ser sincera, as tuas paixões já dão vontade de rir aos rapazes. Até a mim. Tu apaixonas-te pelo primeiro que aparece.

Assim ninguém te leva a sério.

— Se eu fosse bonita, só me tinha apaixonado por um rapaz.

Juro-te. Ele apaixonava-se por mim e eu era-lhe fiel para sempre.

— Não duvido. Só que isso também não queria dizer nada.

— Olha a Mariana. Era gorda e matou-se por causa disso.

Ninguém gostava dela.

— O que é que tu sabias da Mariana? Ela até se pode ter atirado da janela para fugir a um apaixonado inoportuno. Ou até podia ter sido esse apaixonado a matá-la, furioso de ciúmes.

— Não brinques com a morte. É perigoso.

— Pois. Por isso mesmo é que eu brinco. Só as coisas perigosas é que são interessantes. Esta é a única coisa que eu sei de certeza.

Isabel, que nunca se confessava, confessou a Cláudia a solidão de ser amada por um homem que a inventava e ofendia. Até Laura, uma das gémeas-tabu, veio cair-lhe no colo, num intervalo de liceu, pedindo-lhe

duas aspirinas para as dores menstruais e inquirindo, como quem não quer a coisa, sobre as melhores marcas de pílulas.

O rastilho deste foguetório de confidências não se encontrava apenas na disponibilidade de Cláudia. As outras raparigas intuíaam agora nela o travo da experiência. Cláudia era pressentiam-no, uma mulher, ou seja, alguém que trazia na carne a tatuagem do amor. E, no entanto, Cláudia fazia amor com Ricardo há quase um ano. Claro que ninguém suspeitava de tais intimidades. Para Cláudia, tratara-se de garantir a sua independência. Ricardo aceitara essa alteração radical às leis da existência, desde que ficasse no segredo dos deuses, que eram eles. E se algum dia os outros descobrissem a infracção, considerá-la-iam um simples privilégio de reis. O intercâmbio sexual entre o chefe do grupo e a sua mulher não arriscava a coesão do mundo. Não oferecia perigos de mudança. Até porque a namorada do chefe era, por definição, imutável. A defesa de Cláudia consistia na sua imunidade à paixão. Ricardo amava-a estremosamente, e fazia questão de a fazer gemer de gozo. Com Ricardo apurara as virtudes da fantasia. Mas agora, nos braços de Dinis, Cláudia perdia a noção do tempo, do corpo, do espaço e da vida. Não precisava de fantasiar nada. "Não tenhas pressa", era tudo o que Dinis lhe dizia, enquanto ascendiam ao sétimo céu, num vagar feroz. :, Assim que desciam à Terra, desatava a atazaná-la; se ela lhe dizia:

— Amo-te

ele perguntava-lhe se andava a ensaiar para estrela de telenovela. Cláudia decifrava-lhe o cinismo como resgate do namoro dela com Ricardo, ciúmes fundos de mais para manifestações evidentes. Adivinhava-o triste, e em parte acertava. Mas errava, pela vaidade própria dos apaixonados, na substância dessa tristeza, que nada tinha de passageiro ou circunstancial. Dinis era triste como outros são bonitos ou feios. Antes fosse mau, porque a maldade é uma deliberação da vontade, uma reacção à ferida própria dos grandes amantes. A tristeza, quando se apresenta assim de raiz, provoca danos irreparáveis. Porque a tristeza tem um único antídoto de sobrevivência, que é a crueldade.

Foi numa noite de chuva torrencial. Já ninguém acreditava que a chuva pudesse voltar com aquela raiva, quando os dias se faziam mornos e maiores. Cláudia estivera na véspera com Dinis, era sexta-feira, disse em casa que ia ao cinema, disse no café que ia jantar a casa de uma tia, deu

uma volta enorme pelas traseiras dos prédios, com o coração na boca. Os Martas tinham partido para um fim-de-semana na Quinta dos Regatos.

Isabel estava de amuo com Filipe e decidira acompanhar a família, de forma a tornar mútua a penitência. Só Dinis ficara, o que desatou a euforia de Cláudia: Dinis escusara-se à viagem por causa dela. Inventou novas mentiras para aquele sábado de chuva ("vou estudar com a Isabel, mãe, tenho um ponto difícil na segunda, Ricardo") e telefonou para Dinis.

— Ofereces-me jantar?

— Eu oferecia-te, mas já não há cá nada de jeito. Ia mesmo agora abrir uma lata de sardinhas. É só o que há.

— Então até já.

Cláudia leu na história da lata de sardinhas uma declaração de saudade e um apelo de salvação. Atirou-se sorrateiramente ao frigorífico e à despensa e encheu um saco de iguarias.

Esqueceu-se do chapéu-de-chuva. Quando Dinis abriu a porta surgiu-lhe uma rapariga gloriosa, de olhos pintados e caracóis encharcados:

— Olha para o nosso banquete!

Nem do vinho se esquecera, quando o pai desse por falta daquela garrafa ia ser o bom e o bonito. O futuro apresentava-se-lhe coberto de deveres e recriminações, visto de qualquer ângulo. Antigamente, o futuro era apenas um portão largo por onde ela passaria ao volante de um descapotável vermelho. Não sabia a marca do automóvel, nem porque é que havia de ser vermelho e descapotável. Gostava de idealizar a velocidade e o efeito dos seus cabelos negros sobre a carroceria fulva. Dedicava-se particularmente a esta visão enquanto o pai lhe batia. A imagem atingia nesses momentos o nítido rigor de uma narrativa. às vezes olhava para o banco de trás e via um velho morto. Ou então o velho surgia-lhe vivo, de joelhos, pedindo perdão, no meio da estrada. Só o desenlace se repetia: o velho era projectado para a berma e o automóvel levantava voo, como no filme de Walt Disney. O pai dizia-lhe: "Isto custa-me mais a mim do que a ti" e Cláudia deixava-se cair sobre a cama, sem uma palavra, cheia de pena do pobre homem que no futuro ia matar. Agora interessava-lhe descobrir o que podia haver para lá do fim do futuro.

Pressentia o risco de um trajecto sem retorno, e esse risco aumentava consideravelmente a excepcionalidade de Dinis Marta.

— Vinho branco, com este frio?

— Oh, Dinis, não sejas desmancha-prazeres, dá-me uma toalha para secar o cabelo, liga o aquecedor, vais ver, vai ser um jantar fabuloso.

Nunca houve menu mais celebrado. Dinis juntou copiosamente e Cláudia elogiou cada pormenor da refeição, incluindo o bordado da toalha. Quase não tocou na comida, pretextando excessos de peso que o induzissem ao galanteio. Dinis encolheu os ombros e comentou: "Mais fica." Cláudia concluiu de imediato que o laconismo do amante se devia à timidez própria das grandes paixões, e lançou-lhe um sorriso embevecido. Mas no segundo exacto em que estendeu os dedos para lhe afagar os cabelos Dinis olhou o relógio:

— Desculpa, mas eu tenho de ir dormir. Estou muito cansado e amanhã quero-me levantar cedo para estudar.

E deu-lhe um beijo na cara. Cláudia levantou-se, atordoada.

Quando recuperou a fala já estava no patamar, em frente à porta fechada. As lágrimas arrastaram-lhe para longe a raiva e o orgulho. Concentrou-se na esperança durante alguns minutos.

Ele ia reconsiderar, arrepender-se, abrir a porta, gritar o nome dela. Ele ia. Era impossível que não fosse, depois de tudo. Seria no mínimo ilógico. Até mesmo irracional. E infame.

Como se ele pudesse ser infame. Não. Ouvia passos, tinha a certeza de ouvir passos, era ele, voltava, corria para ela.

Não. Afinal era no andar de cima. Ele não voltaria. Tinha de ganhar coragem e tocar à campainha. Ele abriria a porta, os olhos dele trariam aquela luz quente, e ela havia de o enlouquecer outra vez. Dinis apareceu com um ar enfadado.

Cláudia suplicou-lhe que por amor de Deus a deixasse ficar ali só mais um bocadinho, que precisava de beber qualquer coisa e não lhe apetecia ir já para casa. O que há-de ser? Um whisky, disse Cláudia, que odiava o cheiro do whisky e nunca fora capaz de aguentar sequer um gole. Bem forte, acrescentou. Sem água. Ele cumpriu as indicações dela sem pestanejar e repetiu:—Tenho de ir dormir. Até amanhã. Podes ficar aí à vontade.

Meia hora depois o telefone tocou. Cláudia voltou-se para a parede, bebeu gole sobre gole, fez todo o barulho que podia com o copo, mas ele pousou o auscultador e voltou para o quarto como se ela nem estivesse ali. Cláudia chorou baixinho durante muito tempo, na sala dele e na cama dela,

até o sol nascer. Quando as lágrimas secaram, Cláudia decidiu que Dinis a rejeitara porque estava perdidamente apaixonado e não suportava sabê-la com outro. Ou então porque estava perdidamente apaixonado e não suportava fazê-la sofrer, forçá-la a abandonar os amigos, a vida real. Nesse mesmo dia, Cláudia disse a Ricardo Luz que estava tudo acabado.

7

Para começar, explicava Teresa, deve evitar-se qualquer menção de trivialidades quotidianas. É errado começar uma carta de amor assim: "Querida Alexandra. Estava a pôr o lixo no caixote quando me lembrei do teu sorriso encantador."

— Grande estúpida, achas que eu ia falar-lhe do lixo?

Teresa teve vontade de responder que sim, que o lixo era o mote mais apropriado para uma parva daquelas. Mas não ia adiantar nada. Só conseguiria zangá-lo, afastá-lo, e já era tão bom que ele a tivesse escolhido a ela para cúmplice suprema.

— Teresinha, fofa, não digas a ninguém mas eu quero escrever uma carta de amor à Alexandra. Tenho de lhe dizer. E não consigo. Não sei como é que se diz. Ajudas-me?

Teresa pôs-se então a desenvolver. As adolescentes são admiravelmente imunes aos dotes domésticos de um rapaz, dizia ela. Isso não as seduz. Nesta idade, elas ainda mantêm a plena maturidade da infância; prendem-se apenas ao essencial.

— A Alexandra não é criança nenhuma.

— Não é isso que eu estou a dizer, burro. Antes fosse.

— O quê?

— Nada. Vê se percebes. As raparigas não gostam de rapazes bonzinhos.

O que lhes interessa avaliar num namorado é a qualidade da exposição ("ou seja," dizia "se ele vai andar de mão dada na rua ou não"), a quantidade de ar que ele consegue guardar no peito ("ou seja," dizia "se ele é capaz de fazer com que um só beijo dure cerca de uma hora"), a variedade da conversação ("ou seja," dizia "se ele sabe falar de outras coisas para além de motas, futebol e rock") e a sensibilidade do coração ("ou seja," dizia "se ele é capaz de a acompanhar ao dentista e ao supermercado ou se apenas está disponível para festas e cinemas").

— É só isto o que lhes interessa, e já não é pouco.

Entendido?

João fazia covinhas na cara quando sorria assim, com um jeito malandro.

— Entendido, senhora doutora. E a beleza, não é fundamental?

A minha cara linda, não serve para nada?

— A beleza, meu filho, para as raparigas, é uma coisa espiritual. Sem explicação nem medida. É por isso que é muito difícil encontrar duas raparigas com a mesma opinião sobre a beleza de um rapaz. As mulheres não são todas iguais, como os homens. Até são capazes de gostar de um monstro como tu.

— O quê?

— Nada.

Há sempre um halo fúnebre de um ouro cego sobre a cabeça do ser amado, pelo menos nos primeiros tempos, contava ela. É o medo que temos de que ele não olhe para nós, que nos abandone de súbito ou que simplesmente se esfume nos céus estrangeiros de onde veio. Os amados nunca são mortais como nós. São deuses, heróis mitológicos, ou, no mínimo, génios. Nunca devemos esquecer-nos disto quando lhes escrevemos. É preciso ter cuidado no manejo do grau comparativo do adjectivo, que jamais deverá utilizar-se em relação a outros seres humanos.

— Livra-te de lhe dizeres que ela é tão bonita como a Marilyn.

— Mas julgas que eu sou estúpido ou quê?

— Pois. Ainda por cima ela tem cara de Neanderthal.

— Cara de quê?

— Nada, esquece.

Para além de deusas e ninfas, pode acrescentar-se à lista das comparações permitidas algumas flores ("rosa mas não gladiolo," especificava ela "orquídea mas não glicínia, não vá a pequena pensar que está a ser comparada à vizinha do lado"), todas as estrelas ("do céu e do mar") e alguns outros elementos da natureza, como o Sol ou a Lua.

Um elemento estilístico de efeito garantido, explicava, é a surpresa. Junte-se a um substantivo um adjectivo improvável e obter-se-á um resultado estrondoso. Exemplos, meditava ela.

Coração guloso, pernas angelicais, olhos inflamáveis.

— Uf, nunca pensei que isto fosse tão complicado.

— Chiu. Ouve.

A subtilidade é o segredo do sucesso, dizia ela. Reticências e pontos de exclamação são de evitar, por redundantes.

— O que é que quer dizer redundante?

Se a paixão é tão forte que te tolhe o discernimento, continuava ela, o melhor será mesmo começar por um simples superlativo absoluto.

— O quê?

— Belíssima princesa, por exemplo.

Não. Belíssima princesa serve muito bem para uma segunda ou terceira carta. É que na primeira, para dizer a verdade, a vigilância deve igualar a coragem. "De modo a domesticar a caça, percebes?" Sim, a caça ele percebia.

— Temos que admitir a hipótese de o nosso alvo ainda não ter reparado em nós.

— Em nós?

Um cerco suave é o que é preciso, prosseguia ela. Menina bonita. Sim, menina bonita parece-me uma introdução adequada a uma primeira exposição do problema. "Menina bonita. Nestes últimos dias tenho pensado muito em ti. Não sei porquê. Podes explicar-me? Espero um sinal teu. O teu sorriso bonito. Uma luz secreta sobre a tua pele."

As frases curtas dão muito arranjo, até porque se pode trocar-lhes a ordem, caso se pretenda tornar a coisa mais críptica e original. Ou caso se queira escrever duas cartas a duas pessoas diferentes de uma assentada.

— Estás a gozar comigo?

Deve sempre fazer-se um rascunho, tanto para assegurar a elegância final do trabalho como para garantir a nossa segurança pessoal. Guardando o esboço prevenimos simultaneamente a limpeza do trabalho ("uma carta cheia de riscos e erros impressiona mal") e a possibilidade de uma catastrófica repetição.

— Repetição? Eu só quero escrever-lhe esta carta.

Pois, dizia ela. Pode ser que a Alexandra da tua actual predilecção não conheça a Adozinda do teu futuro, mas—Adozinda? Que nome horrível.

— mas é melhor não arriscar. Imagina que um dia o objecto um se cruza com o objecto dois numa festa qualquer. Podem chegar à conclusão que ambas amaram aquela interessante pessoa. Podem depois mostrar mutuamente as cartas que receberam, de mulher para mulher. É por isso que convém puxar pela imaginação.

Nunca repetir.

— Mas eu hei-de gostar da Alexandra a vida toda.

— Hás-de, pois.

— Quê?

— Nada.

E há também a poesia. Uma declaração de amor por escrito pode ser apenas um poema.

— Poemas, eu?

"Teresinha, fofa, não digas a ninguém. Só tu e eu. Não sei como é que se diz." Uma vez abriu devagar os lábios: "Tão querida". Duas palavras insuportavelmente quentes escapando-lhe por entre os dentes brancos, um murmúrio que nem sequer ele mesmo recordava.

— Podes simplesmente copiar, com uma caligrafia bem apurada, um belo poema de um profissional. Mas tens que resistir à tentação de fazer passar a obra por coisa tua. Mais vale parecer erudito do que mentiroso.

— Parecer o quê?

Teresa olhou para ele com tristeza e disse que talvez a poesia não fosse uma grande ideia. Até porque é difícil procurar poemas para um amor completamente novo. Os melhores poemas são sempre feitos de um amor já muito antigo, pensou ela, e temperados com mágoas, intimidades e memórias cheias de musgo.

As cartas de amor escrevem-se sempre à noite e deixam-se de molho, num bom caudal de lágrimas, até à manhã seguinte.

Depois relêem-se e, infelizmente, rasgam-se.

— Toma João. Tens aqui o rascunho.

— Está tão bonito. Onde é que vais buscar frases assim?

"Estou sempre ocupado a reparar em toda a gente e ninguém repara em mim.

Desculpa lá estas lamechices. Pareço uma menina palerma. Mas é que passei duas tardes inteirinhas a marrar para o ponto de Português e a estúpida da Cristina voltou a ter a melhor nota.

E depois ainda vem cheia de falinhas mansas a dizer que eu merecia. Engraxa aquela professora de tal maneira que até faz aflição e ainda consegue ser a queridinha de toda a gente, a boazinha da escola.

Ainda por cima engordei. Como montes de bolachas com o nervoso dos pontos. E depois ninguém vê. Prometo-te solenemente começar a fazer dieta a partir de amanhã. E nunca mais falto ao judo. Estou tão parvo que até prometo coisas a um caderno de linhas. Ao menos tu és obrigado a ouvir-me. A mãe comprou-me umas calças de ganga :, horríveis em vez das

Levis que eu queria. Nem sequer tem marca. Hei-de meter-me com elas no mar para ver se apodrecem depressa. Para a minha excelentíssima irmãzinha são vestidos novos todos os meses. Ainda tem o desplante de dizer que as raparigas precisam mais de roupa.

E por falar em raparigas, zero sobre zero. Ela hoje estava linda: o cabelo solto, a saia branca que eu adoro. Mas não é para mim que ela se põe bonita. Ou se calhar é, só para me ver sofrer. Mandeilhe aquele poema do Eugénio de Andrade que começa assim: "Tu és a esperança, a madrugada/_ Nasceste nas tardes de Setembro/quando a luz é perfeita e mais doirada."

Nem sequer é o poema de que eu gosto mais, mas, como ela nasceu a 8 de Setembro, achei que talvez se comovesse. Mas nada. Nem sequer agradeceu. Ontem perguntei-lhe se ela tinha gostado do poema, assim como quem não quer a coisa, e ela riu-se e disse que não percebe muito de poesia. Às vezes penso que ela talvez seja apenas tímida. Dói-me o corpo todo quando me lembro dela agarradinha ao convencido do João, naquela festa. Mas deve ter sido só para me provocar. Ela não é do género de se embeijar por meninos de motas. Não pode ser.

Ando a juntar dinheiro para comprar uma Casal para a levar a passear. Ela há-de ver que eu a mereço. Hei-de ser famoso e ela há-de vir procurar-me, de lágrimas nos olhos. Ninguém vê como eu sofro. Sou sensível de mais para este tempo. Mas eles hão-de ver. É impossível que a minha paixão não pegue fogo ao coração dela. Ninguém me vê, ninguém me compreende." ; Eles haviam de ver. Quando o Linhos acorreu alarmado da cozinha já toda a gente tinha visto o seu diário. O Radar declamava, de pé, em cima do cadeirão. As botas enlameadas, em cima do cadeirão favorito do pai, mas isso era o menos. O

pior, aflitivo, tenebroso, é que ele declamava aquele diário secreto. A página mais íntima. Não, isso ainda não era o pior.

O pior é que aquilo nunca teria acontecido se o Linhos não fosse um paspalho. Um parvo, papalvo distinto, armado em bonzinho da paróquia. O Linhos tinha ido à cozinha preparar-lhes um lanchinho e eles vingaram-se. Deram-lhe o desprezo devido a uma criada de servir. Estava mesmo a pedir.

Querida que o seu bom coração saltasse à vista, e ali estava ele, obscuro, na voz do Radar. Figura caricata, o Radar, minúscula, o bobo da corte em cima do cadeirão do pai, um sucesso. O Linhos atirou-se a ele, embrulharam-se, reboavam no chão e os outros ululavam, as meninas

atiravam almofadas, era a guerra. E de repente as folhas voaram, o diário secreto do Linhos esfrangalhou-se, desfez-se entre risos agudos. Mas o pior, o pior é que o Linhos também se ria, carregado de raiva e humilhação e desprezo, faça-se em mim segundo a vossa vontade, não me abandonem, por amor de Deus, o Linhos ria como se pedisse desculpa, como se promettesse desexistir para sempre. Depois levantou-se e disse:—Então vou buscar o banquete.

A Isabel ficou com tanta pena que disse:—Deixa, eu vou lá.

Porque há um limite para a humilhação e o Linhos não sabia, não queria saber, esforçava-se tanto por ser um deles indiferente, másculo, se possível. E não, nunca era possível.

Seguiu a Isabel para a cozinha, ainda por cima com um dito de espírito:

—Ai, Isabela, não vás sozinha que é um desperdício.

— Ouve, parvo. Gostas de ser o bombo da festa?

Que não, respondeu o Linhos, confundido, baralhado, embrutecido. "Não percebo nada", repetiu ele em falsete, que nervos, andava a mudar de voz há mais de quatro anos, nunca mais conseguia talar à homem, e logo agora. Estava ali a esfolar-se para parecer igual aos outros, e a Isabel encostava-o à porta da despensa a gritar:—Ouve, parvo. Gostas de ser o bombo da festa, é?

A gritar, numa fúria, a Isabel, nem parecia ela, não podia ser ela.

— O que é que se passa?

— Passa-se que eu sou tua amiga, e custa-me ver-te nestas tristes figuras.

O Linhos enterneceu-se, respirou fundo, lembrou-se de Humphrey Bogart e pegou-lhe no queixo:—Don't worry, baby. I'll be fine.

A porta da rua bateu. Cláudia saía de vez.

— Acabou, Ricardo. Não me procures mais.

8

A rejeição apresenta-se às mulheres como um dos rostos da glória. Naquela noite, Ricardo Luz telefonou três vezes a Cláudia, que por três vezes desligou o telefone sem dizer uma palavra. O sofrimento dele incomodava-a, era uma ingerência absurda na dor que ela desejava intacta. Ricardo estragava-lhe o prazer de ser a mais infeliz, a única infeliz. São assim cruéis, da pior crueldade que é a da inocência, os amores novos. "Ora. Há-de passar-lhe depressa", considerava, de meia em meia hora, num rasgo de sensatez. Mas era uma sensatez postiça, sem convicção, que a punha mais melancólica do que trágica, como se andasse aos tropeções numa floresta desconhecida. Queria uma desgraça faustosa, daquelas que oferecem de brinde a aura férrea da dignidade, e afinal sentia-se tão desamparada que só lhe apetecia ir a correr para os braços do amante indiferente. Não foi o medo de uma segunda rejeição o que a reteve; essa possibilidade exaltava-a, porque a conduziria ao Éden das grandes apaixonadas. Reteve-a, isso sim, o pavor da promiscuidade, que nem por um segundo a tolhera enquanto se dedicara aplicadamente a uma vida dupla. Abandonar Ricardo tinha sido um acto de fraqueza, uma cedência ao egoísmo.

Cláudia percebia agora o comprazimento que as mulheres experimentam em serem rejeitadas; é que rejeitar é uma deliberação da razão inadequada à grandeza da alma. Procurar imediatamente Dinis seria incorrer num segundo erro de voluntarismo. Na cabeça de Cláudia, semelhantes considerações traduziam-se assim: "O que é que o Dinis pensará de mim se eu for a correr ter com ele para lhe dizer que me livrei do Ricardo?"

Deste modo pensava Cláudia, e nem sequer pensava mal, porque nada incomoda tanto os homens como as atitudes de ostensiva arrumação que as mulheres gostam de tomar. As mulheres são muito mais dadas aos exercícios da razão do que os homens; é por isso que o Poder, repetitivo e ritual como um jogo de crianças, as atrai tão pouco. É também por isso que sobrestimam as estratégias masculinas, sem que lhes ocorra que os homens possam simplesmente mostrar-se tal como são.

— Cláudia, não te importas de ir atender o telefone, que eu estou na cozinha?

Telefonista de família é a definição profissional dos adolescentes. Começa-se a atender o telefone aos quatro ou cinco anos, num revolucionário ímpeto de afirmação, e acaba-se como secretário do sistema. Cada toque do telefone é pretexto para uma denúncia da escravatura materna e uma exibição da supremacia paterna. A mãe não pode atender, porque é a criada, o pai não deve atender, porque é o senhor.

— Mãe, é a tia Vera.

— Vou já.

À superfície, evidentemente, as coisas são um pouco mais subtis. O pai não atende o telefone porque está a ver televisão, e de qualquer forma, como o próprio sublinha com um certo azedume, a chamada nunca é para ele. Quanto à mãe.

Estava com as mãos molhadas, e de qualquer forma, como a própria insinua com uma certa malícia, a chamada é quase sempre para a sua encantadora filha. O certo é que, quando Cláudia não está em casa, o toque do telefone é o gongo que anuncia o início de uma trepidante peleja:— Podes ir atender, filho?

Ao primeiro, ao segundo, e mesmo ao terceiro grito, o filho, que a lei reconhece como marido, compenetra-se no seu papel de surdo. Estava absorto, seguia as importantes guerras do mundo.

À quarta interpelação, o tom de voz da mulher cresceu muito, até porque ela já se aproximou da sala.

— Desculpa lá, querida, estava aqui a ver isto, não te ouvi.

Mas passaram já muitos anos sobre a primeira representação desta cena, e agora a palavra "querida" enfurece-a. Se por acaso ainda está alguém do outro lado da linha, ela começa a falar, trémula de raiva. Se por uma estranha coincidência quem chama é uma amiga dela, a guerra esboroa-se, a pouco e pouco.

Ele há-de murmurar, ciumento e púdico, que os telefones se fizeram para dar recados rápidos, e ela há-de encolher os ombros, vítima vitoriosa.

Estes episódios criam nos adolescentes uma espécie de piedade para com os adultos. Aos quinze anos as pessoas são demasiado sérias para que a trivialidade as possa entreter.

Prefere-se o tédio à questiúncula, o silêncio às palavras pequenas. Cláudia tinha pena dos pais. Por mais que folheasse os álbuns antigos, não conseguia acreditar que aquele par radioso de juventude pudesse ter habitado os corpos deles.

Pareciam saídos de um filme mítico; ele chamava-se Gregory Peck, ela Ingrid Bergman, e o mundo ruía aos pés daquele amor.

Um dia, a mãe contara-lhe que o seu casamento tinha uma história ainda mais romântica: o pai ia tornar-se padre, e conheceu-a à beira dos votos definitivos. A Igreja assustou-se, a mãe dele desatou a pedir a Deus que não o deixasse fugir, e o jovem seminarista foi enviado para o Vaticano, em honrosa missão de esclarecimento espiritual. Mas a amada desafiou as seduções divinas, e entrou a salto no estado sagrado. A mãe contara-lhe, mas Cláudia não conseguia encontrar nos olhos dela essa rapariga capaz de voar para Itália para roubar um homem ao próprio Deus.

— Não foi fácil, não, filha. Ainda por cima, as viagens eram caras e eu não tinha dinheiro nenhum. Felizmente, o teu avô ajudou-me. às escondidas da tua avó, claro. Acho que ainda hoje ela não sabe que foi ele quem me deu o dinheiro.

E então ria-se. Quando a mãe ria assim, de repente, era possível ver nela uma garota resplandecente, pronta para as maiores ousadias.

— Mas então porquê?

— Porquê o quê, filhinha?

"Por que é que vocês são tão infelizes, mãe. Por que é que são tão iguais aos outros todos, mãe. Por que é que quando eu fiz quinze anos tu me deste um livro ridículo sobre o amor e a vida, para meninas dos oito aos catorze anos, mãe. Por que é que tu não vês que eu sou uma mulher." Cláudia trazia estas perguntas entaladas na garganta mas tinha pena de mais. E sentia a voz longínqua do avô Matias, pedindo-lhe que não exigisse respostas humanas para o que não é humano.

— Vai ser mãe solteira, imagina. Que grande desgosto não hão-de sentir aqueles pais.

Era assim que falava agora a salteadora do Vaticano. De cada vez que ouvia a mãe conversar com a tia Vera, Cláudia decidia bater com a porta, sair de casa para sempre. E fechava-se à chave no quarto, para que os pais entendessem que ela não morava ali.

Sonhava cada vez mais, ou antes, lembrava-se cada vez mais do que sonhava. Num dos mais insistentes sonhos, Cláudia comemorava o seu aniversário. Entrava pelo braço de Ricardo num restaurante elegante. Os empregados curvavam-se diante dela, davam-lhe os parabéns e conduziam-na até a uma mesa junto da janela. Um pianista acompanhava as refeições, tocando canções românticas do Sinatra e dos Beatles. Os amigos iam chegando, davam-lhe prendas, riam, sentavam-se à mesa com eles. Era uma mesa redonda, que parecia alargar infinitamente, à medida que as pessoas chegavam. Quando Cláudia acabava de almoçar, o pianista levantava-se e os empregados empurravam o piano, que tinha rodas, até junto da mesa dela. Então Cláudia dizia:

— Que simpático! É tão bom poder tocar piano logo depois do almoço!

E começava a dedilhar o piano. De repente lembrava-se que não sabia tocar piano, mas os seus dedos percorriam as teclas e as notas saíam certas. Cláudia tocava as mesmas músicas que o pianista tinha tocado, e toda a gente aplaudia. Até que, sem querer, olhava para a janela e via Dinis, do lado de fora, com os olhos fixos nela. Num instante, o sol desaparecera, era noite cerrada, Dinis entrava pelo restaurante e as toalhas floridas voavam das mesas levadas por uma tremenda ventania.

Ricardo levantava-se, os outros riam-se cada vez mais alto, Dinis empurrava-a delicadamente, sem olhar para ela, sentava-se ao piano e dizia: —Vou ensinar-vos o que é a música, grandes bestas.

E começava a tocar a abertura dos Mestres Cantores, de Wagner.

Cláudia suspirava de alívio, mas de súbito aparecia um velho senhor, com um rosto lívido e solene, que lhe sussurrava ao ouvido:

— Há respostas humanas para o que não é humano.

E o coração dela começava a bater muito depressa. Sentia que se tinha esquecido de alguma coisa muito grave. O bebé! Era isso. Ela tinha um bebé tão pequenino que se estava sempre a esquecer dele. Tinha posto o bebé dentro do forno, antes de sair, numa casca de noz, porque estava muito frio e ele não podia constipar-se. E tinha-se esquecido de apagar o forno.

Que horror, que horas são? Quanto tempo passou? Queria correr, mas as pernas pesavam-lhe como chumbo. Arrastava-se penosamente para a saída do restaurante. Quando finalmente conseguia abrir a porta, deparava-se-lhe uma figura assustadora. Era uma mulher gorda e branca, muito gorda e muito branca e muito maquilhada, que lhe sorria. Cláudia não conseguia andar porque a mulher ocupava o espaço todo. A mulher tinha o cabelo

cinzento e desgrenhado, e disse:—Que simpático! É tão bom poder tocar piano depois de morta!

Sangue. A boca daquela mulher escorria sangue. Então Cláudia acordava, em pânico, convencida de que o bebê afinal dormia junto dela e apavorada de o ter esmagado durante o sono.

Depois ficava o dia inteiro a matutar naquela mulher gorda e branca. Tinha a certeza que a conhecia de uma outra vida protegida pela memória. Aquela mulher era uma menina velha.

Mariana? Mas o que é que Mariana podia querer de Cláudia?

Ainda não se inventou melhor guardiã dos bons costumes do que a luz do dia. A noite, como se sabe, é a culpada de tudo. Dos amores emboscados e das emboscadas que se disfarçam de amor, dos assassinios cruéis e da crueldade de não ter ninguém à mão para assassinar, só por uma noite. Confiados nesta teoria cósmica, os papás das meninas mostravam-se-lhes avaros nos horários nocturnos. É um método de educação ingénuo, este, e os educadores estariam provavelmente conscientes disso. Mas afinal, não há senão ingenuidade -ou a presunção que lhe é parente próxima -em qualquer método de educação.

Destas coisas práticas entendem as mães bem mais do que os pais. Por isso se afadigavam a explicar às suas descendentes que não deviam andar até tarde pelos cafés "porque parecia mal". Neste discurso do mal parecer transmitiam às raparigas uma tranquilizadora cumplicidade; as meninas percebiam que a vergonha não estava nos actos, mas na publicidade deles, e aprendiam as artes do segredo e da astúcia, em que normalmente os rapazes não têm o privilégio de se iniciar. Os pais acreditavam firmemente que as regras que impunham eram cumpridas na íntegra, sem que lhes ocorresse que as leis da família pudessem suscitar os imaginativos desvios que eles próprios encontravam para as leis fiscais.

Levavam tão a sério o seu papel de chefes que não lhes passava pela ideia que pudessem ser desobedecidos; se os filhos tinham boas notas e estavam a horas em casa, era porque se mantinham castos e imunes a qualquer delinquência. Este sistema de deduções simples garantiria a harmonia familiar, se não fosse aplicado com a mesma linearidade no sentido oposto: más notas eram sinónimo de droga-loucura-morte; horários fluidos, sinal certo da mais negra gandulagem.

Iniciadas pelas mães na boa estratégia das aparências, as raparigas conseguiam uma liberdade de movimentos bem mais ampla do que os

rapazes; tratavam de estudar o suficiente para que as deixassem em paz. Arrumavam disciplinadamente os quartos, eram pontuais ao jantar, contavam à mesa mil e um pormenores irrelevantes do seu quotidiano. Ninguém lhes fazia perguntas. De quando em quando concediam pequenas confidências à mãe, pedindo-lhe por Deus que não contasse ao pai. As mães sorriam e intercediam por elas na hora das festas.

Ora se a luz do dia nunca foi tropeço aos ardores do namoro, é verdade que sempre se mostra travão seguro às paixões desamparadas. Enquanto havia sol, Cláudia pensava friamente que Dinis é que havia de a procurar. Quem a procurou, entretanto, foi Teresa, cheia de recados e juras de eterno amor da parte de Ricardo.

— Não o quero.—repetia Cláudia.

Teresa não via como argumentar, face a tão curtas palavras.

Também não se esforçou por aí além; estava farta de ser mediadora de amores alheios, e cismava, mais coisa menos coisa, que dá Deus nozes a quem não tem dentes. Tratou portanto de se dedicar ao consolo do abandonado, a ver se punha nos olhos do cruel João uns meigos laivos de ciúme.

Hão-de concordar que é difícil espicaçar quem se não vê; Teresa, pelo menos, assim se viu forçada a concluir.

Aparentemente, João desertara. Dizia-se que passava dia e noite rondando a casa da tal Alexandra, que pelos vistos se mostrara sensível à carta amatória que Teresa diligentemente escrevera, como se fosse para si mesma.

Mas Alexandra bocejava enquanto fazia dançar o gelo dentro do copo. João contava-lhe coisas, histórias de anjos sobre rodas ou marinheiros surfistas, heroísmos valorosamente inventados.

Pois é, dizia-lhe ela. A princípio ainda levantava a cabeça, a engolir o sono e a fazer-se fatal como nos filmes, os olhos muito esticados debaixo do rímel da mãe. Pois é, dizia ela no ponto parágrafo, já a mexer-se na cadeira e a coçar o nariz, daquela maneira que nunca se viu nos filmes românticos. às tantas pôs-se a olhar para o relógio e a meditar na vida. Mais ou menos assim: "Vamos ficar aqui a empatar toda a noite e eu que tinha tanto que estudar."

Impaciente, mencionou os livros, tenho tantos livros para ler, disse ela. João aproveitou para se fazer interessante; declarou que viver lhe parecia muito mais importante do que ler. Pois é, disse ela, fartinha.

— Pois é. Olha, sabes, isto é muito engraçado, mas eu ainda não tenho idade para bares. Quando tiver trinta anos acho que vou gostar de ficar aqui sentada a conversar. Mas hoje não tenho grande coisa para dizer. Gosto é de discotecas, percebes?

— Percebes? Já não gosto do Ricardo. Se calhar nunca gostei.

Isabel não respondia. Ouvia-a e sorria-lhe com doçura. Cláudia começou a procurar Isabel em todos os intervalos do liceu, só porque aquele sorriso era exactamente o de Dinis. O espelho turvo da paixão oferece às vezes derivações de igual intensidade. Numa semana, Isabel e Cláudia tornaram-se inseparáveis.

9

Isabel anotava as frases das pessoas:—Estes saltos altos matam-me. Já não tenho idade para andar tanto.

— Vamos só até àquela loja. Quero comprar-te o lenço que está na montra.

— Mas eu não faço anos.

— Tu nunca fizeste anos. Estás é a começar a ficar rezingona.

— Não me puxes pelo braço, homem! Agora já não te fujo, está descansado. E o que é que havemos de dar à nossa neta?

— Ela já tem tudo. Tu estraga-la com mimos.

— Os mimos não estragam ninguém. Já tinhas idade para perceber isso.

Sobretudo as frases das pessoas velhas. Tinha um cândido fascínio pelos rostos enrugados. Envelhecer é revelarmo-nos à transparência, cismava ela, embora esta premonição lhe surgisse de outra maneira.

— São tão verdadeiros, os velhos.

— Pois. É uma tristeza, não é?

— Uma tristeza, Cláudia? Quem me dera já ser assim velha.

Como aquele casal que ali vai, vês? Não têm medo, nem ciúmes.

Não têm este horror de não saber nada.

— Lá isso é verdade.—atalhava Cláudia.—Não têm nada.

Isabel olhou para Cláudia, e depois para o caderno onde escrevera aquele comovente diálogo. Pelo menos a ela, parecia-lhe comovente. Mas tinha a certeza de que Cláudia não pensava assim. Cláudia, a bela, sabia que na velhice como na adolescência a alma sobra-nos de um corpo demasiado pesado, destrambelhado, horrivelmente nosso. Um corpo assustadoramente estranho, inútil como um relógio avariado. Um corpo fora do tempo, porque a data que nele marcam os olhares dos outros não coincide com a data que nele marcam os desejos que o animam.

Os velhos estão tão perto da morte como os adolescentes do suicídio—por excesso de idade. Aos adolescentes salva-os o sonho como aos velhos a memória.

— Eu não gosto de velhos.—declarava Cláudia.—O único velho a que acho uma certa graça é Murinelo. Porque é um bocado esquisito, acho. Nem

parece bem um velho.

— Havias de conhecer a avó Céu. Ias adorá-la. Até o Dinis a adora.

Isabel utilizava sempre Dinis como referente, em casos limite de sensibilidade.

— Ah, é? E porque é que o Dinis gosta tanto dessa avó?

Cláudia caía na armadilha, com a inocência própria do destempero, que nem sequer poupa as mulheres fatais.

— Porque ela é feiticeira. Só pode ser. É preciso bruxedo para o Dinis gostar de alguém.

— Ele nunca teve nenhuma namorada?

— Nunca. Só amantes.

Só amantes, amores de recato, intransmissíveis pelo escândalo, que serve como anestesia de desejos. Havia uma seriedade mais grave do que qualquer devassidão no tom que Isabel punha naquela palavra: "Amantes." Um império de lumes, luminoso como uma lâmina. O desejo demorado de dor. O corpo a aprender tudo ao contrário, perro de pudor e depois preso de paixão. Da primeira vez julgaram que era só uma noite de lua cheia. Da segunda vez estremeceram. E depois? "Depois nunca mais houve, Dinis. Nunca mais houve depois, percebes?"

— Se percebo, o quê?

Aquele tempo doente, parado como uma faca dentro do coração dela, tortura sufocada, sem espectáculo.

— Esta noite não tem fim.

Foi só isto o que ela lhe disse ao ouvido, entre beijos e beijos e beijos. Nessa noite, trocaram o coração pelo corpo todo. Havia cartazes de cinema nas paredes e um silêncio que já não se adequava à vida.

Cláudia morria de vontade de contar tudo a Isabel: "Estou doida pelo teu irmão, sabes, quero estar sempre ao pé de ti porque trazes o cheiro da casa dele, e o mesmo modo de falar pouco, o mesmo olhar distante, Isabel, se eu fosse rapaz apaixonava-me por ti por causa dele, vê lá tu, arrancava-te a essa submissão tranquila, se pudesse, mas posso tão pouco, nem amante dele soube ser, ele não me quer, Isabel, se ao menos eu pudesse esquecer. Porque ele quis-me tanto, se tu soubesses, :, tanto e tão devagar, a minha pele ficou suspensa. A minha pele prendeu-se no tempo, sim, agora nunca mais poderei ser feliz, sou uma desgraçada, tive a revelação da felicidade inteira, já não posso envelhecer nem posso continuar a ser jovem, radiosa, veloz." Os hinos publicitários exaltam as formas do corpo como higiene de

protecção face aos abismos da alma. Os caminhos perigosos da sensualidade são substituídos por uma sexualidade bem ordenada, estudada como a decoração de uma casa, em zonas convenientes de luz e sombra.

Entregarmo-nos é despedirmo-nos da presunção da escolha, da vaidade dos limites. "E agora estou presa num céu terrível, oco, dentro do meu corpo não há nada, Isabel, ele sorveu o tempo todo que eu tinha guardado debaixo da pele, beijou-me com violentíssimo rigor, amou-me com tal método que me deixou sem mim, não me fales de velhos, Isabel, da serenidade das rugas que eu já não poderei ter, ele condenou-me à adolescência eterna, à beleza desprezada."

— Eu disse alguma coisa?

— Pareceu-me que me perguntavas se eu percebia não seio quê.

— Nem eu. Devo estar a ficar maluca. Noutro dia tive um sonho horrível, já te contei?

Não, lembrava-se muito bem de não ter contado. Nem sabia porque é que ia contar agora aquele sonho da festa de anos e do piano e da mulher morta. Omitiu certos pormenores, evidentemente. Queria apenas mudar de assunto; julgava ela que era possível, simplesmente, mudar de assunto.

— Tem graça. Já ouvi essa frase em algum lado. Qual frase?

— Bom. Não estás nos teus dias, pois não, pipoca?

Os epítetos ternos de Isabel eram um bocadinho invulgares.

Desde há uns dias, passara a referir-se a si própria como goíinha e a Cláudia como pipoca. Não era um tratamento constante; reservava-o aos momentos de maior intimidade, que se apresentavam sob a forma de pontapés e encontrões.

— Acho que não.

— Essa frase do teu sonho: "Há respostas humanas para o que não é humano." Já a ouvi, não sei onde.

Um dos encantos de Isabel era a delicadeza. Tirava um prazer erudito das desgraças dos amigos. Dizia que é muito fácil ser-se amável quando tudo nos corre bem. Observava atentamente as pessoas quando a adversidade as atingia, para ver como é que elas encontravam energia para continuar. Não confiava nas palavras; nunca fazia perguntas embaraçosas, nunca tentava devassar a tristeza alheia. Limitava-se à cumplicidade de uma pausa. Depois retomava o diálogo, como se nada fosse. Para que Cláudia entendesse que estava tudo bem, e que podia dizer o que quisesse, quando quisesse.

— Se calhar, é de algum filme. Sabes como é, nos sonhos mistura-se tudo.

— Não, não era filme. Se fosse, eu não a tinha fixado.

Lembro-me que foi uma pessoa. E que foi muito esquisito. E não foi há muito tempo.

— Não estou a ver o teu Filipão a largar filosofias dessas.

— Pronto. Tinhas que ser mazinha, não é? :, Infelizmente, Isabel era muito dada a melindres. Cláudia aprendera a dissolver-lhe os arrufos numa só tirada; punha os olhos em alvo e clamava:

— Oh, ervilha rabitesa, salta desse colchão, não me incomodes a princesa!

Isabel desatava a rir, e estava o caso encerrado. Mas desde que Cláudia se tornara uma rapariga sensível perdera a pontaria do humor. Agarrou-se aos beijos a Isabel, que a enxotou, vociferando que era o que mais lhe faltava, ser lambuzada por mulheres.

Cláudia sentiu-se humilhada e ofendida; ser rejeitada pela própria personificação da meiguice, era de mais. Virou costas, furiosa de memórias adocicadas: Isabel a fazer festas na cabeça do Linhos, daquela vez em que ele ia a correr atrás da Alexandra e o Radar lhe pregou uma rasteira que o estatelou no meio da rua, para gáudio das massas; Isabel de mão dada com o João. Isabel de mão dada, até com o bruto do Tó de Luanda. E o Galaró das barracas? Pois. Nem à ralé ela negava mimos. Mimos simples, sem complicações femininas, de carinhosa maria-rapaz.

Tão antigos e castos que nunca o zeloso Filipe os vetara.

Se o sentimento não lhe tolhesse a atenção, Cláudia verificaria que nenhuma daquelas imagens incluía outras raparigas. Isabel manifestava um pudor absoluto no contacto com o seu sexo, como frequentemente acontece com as mulheres desconfiadas da sua luz interior. Quanto mais amava uma amiga, mais impensáveis se lhe tornavam essas familiaridades.

Pareciam-lhe ridículas, ou antes, invivíveis de redundância.

Isabel tinha muito mais medo de ser abandonada pelas amigas do que pelos namorados; por isso, inconscientemente, fugira sempre de ser a maior amiga de alguém. Julgava-se insípida, incapaz de merecer o empenho permanente de uma amizade absoluta. Que mulher poderia encontrar nela o seu eco embelezado? Espantava-a bastante a solícitude de Cláudia, e recriminava-se secretamente pelos maus pensamentos que tivera acerca dela. Considerara-a sempre uma exibicionista a tender, na melhor das

hipóteses, para a perfídia. Afinal, Cláudia era uma alma bondosa, o que só a fazia sentir-se ainda mais burra do que era costume. às vezes, duvidava da generosidade da amiga; cismava que aquele súbito affecto era movido por um qualquer objectivo recôndito. Por exemplo, Dinis. Cláudia corava quando ouvia o nome dele. Ou seria impressão sua? Mas não era também feia acção estar sempre a pôr a amiga à prova, com conversas malévolas acerca das amantes de Dinis? Por outro lado, era muito esquisito que Cláudia nem tivesse perguntado o que é que ela queria dizer com aquilo das amantes.

As lágrimas actuam como uma espécie de amaciador sobre os affectos ressentidos. Convém, no entanto, ter mão nelas; quando se soltam a intervalos regulares tornam-se previsíveis, e a previsibilidade contraria a misericórdia. Cláudia havia de meditar nisto quando Dinis a visse chorar pela terceira ou quarta vez. Mas Isabel estava pouco acostumada ao favor dos prantos alheios; conhecia as lágrimas apenas pelo travor do sal no seu próprio rosto. Por isso, o choro de Cláudia caiu-lhe na zanga como um presente quase impúdico de luxo:—Desculpa, desculpa, desculpa, Claudette querida! Sou uma parva, uma estúpida, uma bruta, uma ordinária. Perdoas a uma goínha desgraçada que gosta muito de ti?

O perfume, outra vez o titânico-inebriante-divino perfume dele nos cabelos dela, "ai Isabel não digas nada, não me abandones, abraça-me com mais força."

— Ai, Isabel, a parva, estúpida, bruta sou eu que te ando a mentir. Não me deixes, goínha, eu vou-te dizer tudo mas primeiro preciso que me jures que és a minha maior amiga e que nada neste mundo pode mudar isso. Jura que vai ser sempre assim. Jura.

— Eu juro tudo o que tu quiseres, mas não chores, por favor, não chores mais, pipoca.

— Com sangue. Tem de ser um juramento a sério, com sangue.

— Com sangue? O caso é assim tão sério? O que é que tu tens para me dizer?

— Temos que trocar de sangue, Isabel. Senão não tenho coragem. É um segredo horrível, goínha.

Isabel abriu a mala, procurou o estojo de desenho e picou o pulso esquerdo com o bico do compasso, sem mais perguntas.

Cláudia estava tão atrapalhada que se preparava para picar o pulso direito, mas a amiga travou-lhe o gesto:—O esquerdo, tonta. O coração fica

do lado esquerdo.

Misturavam riso nas lágrimas, esfregando aplicadamente os pulsos para que as duas gotas de sangue trocassem de corpo. O

riso impunha-se cada vez mais, sacudindo para longe a incómoda memória do choro. Foi a rir que Isabel disse:—Pronto. Agora somos irmãs.

Foi a rir que Cláudia respondeu:—Oh! Nem sabes como!

— Como?

— Estou apaixonada pelo teu irmão. Sou, ou fui, ou serei, amante dele.

— Foste? És? Ou isso são coisas da tua cabeça?

— Da cabeça, do corpo, do passado, do futuro, que diferença faz? Que diferença faz, hem? Ou se é amante, ou não se é.

Desde sempre, para todo o sempre, sabes? É uma maldição, a melhor maldição, a única que existe, as bruxas das histórias é que tinham razão. Não há mais nada no mundo.

10

Apaixonou-se por um homem aos quatro anos e meio e pelo medo aos cinco. O objecto da sua primeira paixão era louro, de olhos azuis e muito mais velho. Teresa passava tardes no quarto dos brinquedos a imaginar que o seu amor estava à morte (um incêndio, um afogamento, um despiste, um tiro) e que ela perdia a vida para o salvar. Entretanto, as pessoas crescidas julgavam que Teresa odiava o rapaz, porque fugia dele a sete pés. Habitou-se a falar mais com amigos imaginários do que com pessoas reais, como se habituou ao gosto das paixões dilacerantes.

Esse primeiro amor sumira-se no mundo muito antes da adolescência. Agora Teresa escrevia cartas de amor a um namorado inexistente. Passava as tardes de sábado assim, a escrever. Eram cartas longas, porque havia ainda o domingo.

Abria e fechava o envelope azul, durante todo o fim-de-semana.

Havia sempre mais alguma coisa para contar. Depois lambia o selo muito devagarinho. Escrevia o nome dele no envelope, em letras grandes. O nome dele era a sua única morada. Talvez um dia algum carteiro o encontrasse. às vezes sentia-lhe a presença como um excesso de corpo que a deixava paralisada.

Acontecia-lhe pensar que ele podia ainda não ter nascido. E apetecia-lhe morrer para nascer no tempo dele.

— E se ele vive do outro lado do mundo? E se ele já viveu antes de mim? E se ele está triste e eu não sei?

Teresa acreditava num homem de olhos transparentes que esperava por ela para conquistar a cor. E procurava, magoava-se em amores casuais porque era a única maneira de conservar intacta essa imagem de si.

O amante imaginário tornava-se particularmente nítido nas fases de maior provação. Como aqueles dias em que o João e a Alexandra estavam ali na sala ao lado. Passavam as manhãs enroscados um no outro; de vez em quando, Teresa batia à porta a pretexto de um livro, de um lápis perdido. Era pródiga em arranjar pretextos que lhe acirrassem a dor. Se assim não fosse, teria recusado o pedido de João: a Alexandra tinha chumbado por

faltas, os pais não podiam saber, ela tinha de sair na mesma todas as manhãs, às oito e meia, como se fosse para o liceu.

— E só tu nos podes salvar, Teresocas. És a única que só tem aulas à tarde. E os teus pais saem cedo para o trabalho, não saem? Vá lá, fofinha. Ajuda-nos. Ainda por cima, a Xana gosta tanto de ti.

— Claro. Como é que ela não havia de gostar? Escrevi-lhe a carta de amor mais bonita que ela há-de ter na vida.

— Tu não lhe vais contar que foste tu, pois não? É um segredo só nosso, não é, chocolate?

— Não me chames chocolate. Nem fofinha. Não precisas dessa manteiga toda.

— Mas não é manteiga, Teresinha! É amizade, pura amizade, juro.

— Pior ainda.

— Vá lá, não sejas assim, eu sei que tu és boazinha...

— As raparigas dividem-se em duas espécies: as boazinhas e as boas, não é?

— O que te vale é que eu gosto de mulheres retorcidas, como tu.

Teresa disse-lhe que sim, por causa do beijo que ele pousou na ponta do nariz dela, como remate de conversa. Disse-lhe que sim, e agora andava pelos cantos da casa a chorar. Virgínia, a criada, não se cansava de lhe ralar:—Julgas que o conquistas por lhe arranjares um ninho, a ele e a essa galdéria?

Para Virgínia, galdérias eram todas as raparigas que namoravam as paixões de Teresa, o que deixava de fora, por junto, duas garotas. Virgínia olhava cada amor como uma guerra constituída por batalhas ininterruptas e assanhadas; o homem era um castelo a tomar aos infiéis, que eram todas as mulheres do mundo. Mentir, difamar, morder, envenenar todos os processos eram lícitos desde que servissem a vitória. Certa vez, contava ela, a outra tentara roubar-lhe o homem com uma magia negra que consistia em misturar umas gotas de sangue menstrual ao molho dos morangos. Por azar, a vítima que Virgínia tanto amava adorava morangos, comia todos os que lhe pusessem à frente. Por sorte, a bruxa excedeu-se na dose; o rapaz começou a sofrer de afrontamentos, vômitos, alucinações, tonturas infernais.

— Mirrou, coitadinho. Era um dó de alma, uma coisa nunca vista. Parecia que nem tinha entendimento. Era mesmo isso o que ela queria,

aquela cabra; que o homem ficasse um farrapo, um pau mandado nas mãos dela. Ah, mas enganou-se bem, a desgraçada.

Primeiro, Virgínia arrastou-o para o médico, que não descortinou a origem do mal mas o carregou de vitaminas e fortificantes à prova de qualquer feitiço. Depois, inquiriu por portas e travessas até descobrir o nome da bruxa a que a outra recorrera.

— Mas como é que tu sabias que a mulher tinha ido à bruxa?

— Oh, filhinha, aquilo bastava a gente olhar para a cara dele.

Apressou-se a comprar o sigilo deontológico da especialista com as poupanças para o enxoval. A maga confessou-lhe a receita e vendeu-lhe o antídoto. Resultou, mas seis meses mais tarde apareceu outra galdéria que sem bruxedo nenhum lhe levou de vez o Helder.

— É o destino, querida. Quando o destino quer, não há nada a fazer. O que a gente não pode é desistir às primeiras.

Esta filosofia intrépida conduziu Virgínia quase às portas da morte. O Chico reclamara-lhe a virgindade como definitiva prova de amor e imprescindível passaporte para o casamento. E ela acabara por ceder, num dos primeiros domingos de sol.

Chegara a casa aos risinhos, com os olhos a brilhar e metade da caruma da mata dentro da roupa. Mas o Chico nunca mais apareceu. Um dia, ela perdeu a vergonha e telefonou-lhe. Ouviu então um Chico desconhecido que lhe explicava que não podia casar com uma mulher que já fora de outros.

— De outros?

Que não armasse em santinha, aconselhava a voz. Não tinha havido sangue, e ele não era parvo nenhum. Só não lhe tinha dito que tinha reparado para ela não ficar embarçada. Sim, porque ele era um homem de bem. A partir daquela tarde, estava o caso encerrado, era escusado falar mais disso. E não adiantava que ela jurasse e rejurasse. Só conseguia enervá-lo, com aquelas desculpas de má pagadora. Então ele não sabia o que era uma mulher virgem? Ora adeus, vai contar essa a outro.

Nem quando soube da gravidez Virgínia voltou a procurá-lo.

Teresa fartou-se de insistir, mas Virgínia abanava a cabeça, resignada e orgulhosa:

— A gente também tem que ter dignidade, Teresinha. É o destino.

Teresa não sabia que fazer de tanto destino. Virgínia preparava-se para ir bater à porta da primeira autodidacta do desmancho, quando Teresa se

lembrou de Ana Carolina.

— Tu não vais a lado nenhum antes de eu falar com a minha Mestra.

— Por amor de Deus, não vás incomodar a menina Carolina por minha causa, que eu morro de vergonha.

— Morres agora. A Carolina é que há-de arranjar uma maneira de tu não morreres.

Ana Carolina tinha trinta anos e começara por ser a explicadora de matemática de Teresa. A pouco e pouco, Teresa perdeu o susto dos números e as explicações transformaram-se em grandes conversas. Um dia Ana Carolina disse:

— Temos que acabar com este teatro de estudo, miúda. Tu já te entendes perfeitamente com as contas, e não é justo que os teus pais estejam a pagar as nossas sessões de terapia sentimental.

Agora encontravam-se regularmente no café, e divertiam-se com a confusão que aquela amizade provocava nas pessoas. Uma vez a mãe de Teresa chegara a agradecer a Carolina a paciência que tinha para aturar a filha.

— Por favor.—respondera—Não me ofenda. A Teresa é minha amiga.

Aquela relação perturbava os pais de Teresa. Sentiam que a filha usava, contra eles, a prerrogativa adulta de escolher os seus próprios parentes. A delimitação etária das amizades tinha vindo atenuar o declínio da instituição familiar. Os bandos de jovens criados pelo desmoronamento das famílias confirmavam-nas ainda como lugares insubstituíveis. A família deixou-nos em herança o interdito das gerações, para que a sua memória não fosse perturbada pela liberdade dos encontros emocionais. Nada inquieta tanto o poder que circula entre pais e filhos como as afeições estabelecidas à revelia dos acordos de idade. É possível que a consciência de uma infracção temporal tenha facilitado o nivelamento dos laços entre discípula e professora. Mas a diferença dos anos concedia-lhes sobretudo uma experiência de eternidade. Corrigiam-se uma à outra, continuamente, e era como se a memória e o sonho pudessem cruzar-se para vencer a fúnebre inércia das cronologias.

Ana Carolina estava longe da vida de Teresa, não pertencia ao seu meio habitual, o que limitava os perigos das promiscuidades bem-intencionadas. Não lhe era próxima, e por isso podia ser-lhe íntima. Quando Virgínia entrou amparada em Ana Carolina, Teresa disse-lhe que não se preocupasse com a casa nem com nada, que os crescidos nunca haviam de saber. Fez as

camas, passou a ferro, fez a sopa, limpou o pó, enquanto, deitada no seu quarto de criada, Virgínia chorava baixinho. Ao fim do dia sentou-se ao espelho, e penteou muito devagar os cabelos longos. Orgulhava-se da cabeleira forte e farta que costumava escovar com gestos enérgicos. Para lhe puxar o lustro, dizia ela.

— Deixa-te estar deitadinha, tonta, dizemos que estás com gripe.

— Nem pensar, menina, a mãezinha pode desconfiar.

— Ah, agora sou a menina?

— É para me habituar, Teresinha, não vá acontecer como no outro dia, lembras-te, quando te tratei por tu à frente do paizinho?

O episódio originara um verdadeiro drama caseiro, mas rendia-lhes agora um excelente lote de gargalhadas. Teresa ajudou Virgínia a levantar-se, deu-lhe um chá e cobriu-a de beijos. Passou a noite a ajudá-la subrepticamente: um copo que o pai pedia, o pão que faltava na mesa, a louça na máquina. A mãe louvou-lhe a prestabilidade e Virgínia piscava-lhe o olho sempre que se cruzava com ela. Os dias foram passando, neste ritmo aparentemente tranquilo, até àquele sábado em que Virgínia se sentiu tão mal que Teresa chamou um táxi para a levar ao hospital. Um serviço mal feito, foi o que disse a enfermeira.

— E agora não chores, aguenta. Ou também choravas quando estavas debaixo dele, hem?

No domingo à noite, Virgínia acordou e sorriu para Teresa:—Ainda bem que isto aconteceu logo no fim-de-semana em que os paizinhos foram a passeio. Tenho que dar graças a Deus da sorte que tenho.

Depois fechou os olhos e pediu:—Lê outra vez aquele bocadinho em que ela vê o príncipe no navio iluminado.

Era um navio que havia de voltar a Teresa muitos anos mais tarde.

"Havia lá em casa uma rapariga de dezoito anos que mal sabia ler. Na mesa de cabeceira do quarto dela, que era na altura o quarto da criada, estavam um frasco de água-de-colónia e o saco de crochet que ela abria no colo depois do almoço e do jantar, enquanto ouvia a radionovela. Na mesa de cabeceira do quarto dela estava, de vez em quando, a fotografia de um namorado—mas isso era mesmo só de vez em quando.

Normalmente ela guardava as fotografias no fundo das gavetas ou debaixo das almofadas, desesperada consigo mesma porque não as

conseguia rasgar. Nunca me lembro de ter visto um livro na mesa de cabeceira dela, e, no entanto, foi ela quem me atizou o vício dos livros.

O banco da cozinha era nesse tempo muito alto e branco, e os pés balouçavam-me longe do chão. Passávamos assim tardes inteiras; ela lavava a loiça, descascava batatas, passava a ferro, e eu lia em voz alta. A nossa afinidade literária era total; nunca nos cansávamos de reler a deslumbrante odisseia da Sereiazinha apaixonada pela estátua naufragada de um príncipe demasiado terreno, e sonhávamos ir um dia ter com a estátua dela a esse extremo de Copenhaga dos postais ilustrados.

— Lê outra vez aquele bocadinho em que ela vê o príncipe no navio iluminado.—pedia-me ela (nós tratávamo-nos por tu às escondidas), e eu lia outra vez e outra vez ainda. A casca de batata ficava suspensa no imóvel bico da faca e eu nunca mais conseguia parar de ler.

Quando as pessoas crescidas chegavam, ao fim da tarde, achavam-me já enroscada no canto da varanda do meu quarto, com um livro muito silencioso nas mãos, e ralhavam-me meigamente:—Essa luz não chega, cansa os olhos.

Os livros contraem-se assim irremediavelmente, tragicamente.

Não importa por onde comece a contaminação; há um cheiro, um restolhar de papel, e depois a gulodice alastra. Começa-se a ler muito antes de se saber localizar literaturas, nomes, géneros, e há nesse estrebuchar inicial qualquer coisa de sublime que definitivamente se perde quando crescemos e aprendemos a seleccionar o bom e o mau. Lembro-me de vaguear inebriada pelas prateleiras das livrarias, folheando as prateleiras de baixo à procura do livro que eu queria e não sabia qual era, revoltada com a ideia de que talvez o tal livro estivesse nas prateleiras de cima. Lembro-me dos dias em que um título, uma frase, me faziam trazer para casa ratoeiras onde os dedos se entalavam e os olhos esmoreciam.

Lembro-me de contar os dias que faltavam para a próxima mesada, jurando a mim mesma que desta vez não me precipitaria.

Lembro-me, sobretudo, daquela rapariga de dezoito anos que nunca mais voltei a ver."

11

As pessoas felizes adoram exemplos; contendem com os prazeres do corpo, mas descansam muito a alma. As porteiras trocavam impressões sobre o fim do namoro de Cláudia, que lhes parecia um presságio divino para as raparigas do bairro. Talvez as outras olhassem para aquele modelo, verrumavam, e deixassem de andar pelas ruas com rapazes de mau porte. As porteiras eram o mais rápido e eficaz boletim noticioso da zona; não havia beijo ou bofetada que lhes escapasse, fosse qual fosse a hora do dia ou da noite.

Mantinhavam uma contabilidade apurada das riquezas e misérias das casas; cuidavam de manter olhos e ouvidos bem alerta, enquanto tricotavam ou varriam ou lavavam os vidros. Velhas ou novas, todas evidenciavam uma notável capacidade de ouvir duas conversas ao mesmo tempo enquanto elas próprias tagarelavam.

Disponham de uma vasta e eficaz rede de correspondentes; um verdadeiro batalhão de criadas de servir ou mulheres-a-dias, sempre dispostas a fornecer informação classificada a troco de uma boa palavra, ou de um desabafo cúmplice sobre madames exploradoras.

Por extraordinário que pareça, nenhuma destas militantes da notícia tomou conhecimento do romance de Cláudia e Dinis.

Rejeitando Ricardo Luz, Cláudia afastava-se dos holofotes da marginalidade. Até porque ninguém a via por cafés ou patamares; passava com livros debaixo do braço, e o seu caminho era sempre o mesmo; a casa de Isabel Marta. Já não ria alto, e os seus passos não provocavam mais do que silêncio e indiferença. Durante algumas noites, as janelas da casa dos seus pais foram alvo de um bombardeamento de cascalho; era a retaliação dos comparsas de Ricardo Luz, mas ninguém lhe deu maior importância do que a devida a uma brincadeira de garotos entediados. Certa vez, o pai de Cláudia irritou-se e desceu de caçadeira na mão, a tempo de ver uma quadrilha de pernas em definitiva fuga. A partir daí, o grupo passou a adoptar estratégias mais subtis, e Cláudia suportou-lhes uma intensa guerrilha de insultos. As cartas e os telefonemas anónimos, carregados de ameaças, não lhe abalavam a alma; o que lhe custava eram os insultos

gritados de lugares indetectáveis, quando ela atravessava o bairro, a horas mortas. Tratou então de evitar as saídas nocturnas; ligava para a mãe e dizia-lhe que ficava a dormir em casa de Isabel. Era verdade, e as famílias sossegavam, enquanto Cláudia abria sorrateiramente a porta do quarto de Dinis.

Não havia perguntas nem respostas; da primeira vez, ele ergueu a cabeça, ofereceu-lhe um sorriso imenso e disse-lhe:—Vem. Não tenhas medo.

Cláudia pegou-lhe na mão, levou-a à boca, e entregou-se-lhe com o ardor das longas esperas, aferventadas pela experiência da dor.

- Diz.—pediu ela.—Diz só hoje.
- Só hoje.—repetiu ele, a rir.
- Não é isso, malandro. É a palavra. Diz lá. Só hoje.
- Só hoje.—insistiu ele.
- Diz: amo-te. Vá lá.
- Por amor de Deus. Eu nunca digo essas barbaridades.
- Nunca? A ninguém? Não acredito que nunca tenhas dito.
- Eu não falo dos meus casos passados.
- Mas então como é que as pessoas sabem se tu gostas delas ou não?
- Acho que não é preciso pôr legendas.

Cláudia suspirou e calou-se. Era-lhe muito difícil conter a torrente de palavras que lhe espirrava do coração; mas se desse rédea àquele tropel de acusações lacerantes, corria o risco de enjoar o amado. Ora esse era o único risco que Cláudia não estava disposta a correr. E foi assim que implicitamente eles se tornaram cúmplices.

Eram cúmplices. Gostavam de ir para a esplanada ouvir as conversas dos outros, como se fossem canções.

Havia um jogo de cartas na mesa ao lado. O marinheiro espreguiçou-se e disse:

- O estrangeiro é um sítio rodeado de Portugal por todos os lados.

Eles riram-se. Eram cúmplices. Nunca falavam de amor. Só falavam dos amores dos outros. A noite encontrava-os nos sítios mais estranhos. Os outros diziam que eles eram muito amigos. Eles não diziam nada. Nem sequer se tocavam, na vida real. Ninguém sabia que ela ficava horas a fio sentada nos degraus dele, à espera. Ninguém sabia nada. Apareciam em toda a parte para melhor se esconderem. Um dia, ele esteve quase a dizer-lhe que não podia passar sem os sentidos dela.

Mas não disse. Dinis Marta entendia que o sublime cintila no centro da vulgaridade. Seduzia. Jogava às cartas com o coração dos outros. Fazia batota. Sempre que perdia, ganhava. Guardar o que ficara perdido era a sua forma de vencer. Queria-se puro e perverso como um recém-nascido e crescia para trás, até se tornar digno das homenagens mais íntimas. Sempre vivera assim, em queda imóvel dentro do seu microscópio de sentimentos.

Isabel gostava de o lembrar aos seis anos, a dizer à avó: "Eu sei que o Pai Natal não existe. Mas não te esqueças de apagar a lareira antes de irmos dormir, que é para ele não se queimar quando vier." Dinis considerava que esta deixa não abonava as suas faculdades intelectuais, e declarava-a infame mentira.

O humor é um poderoso corrosivo dos hábitos de irmãos; neste particular, Dinis e Isabel não constituíam exceção. Isabel alimentava a secreta esperança de ver fenecer o amor de Cláudia, à força purgante do convívio. Mas Dinis orquestrava a sua privacidade com talentos felinos. Cláudia sugeria-lhe cinemas, praias, entrevistas sucessivas. Dinis acedia a um encontro e declinava o seguinte, de um modo doce e fluido que prescindia de qualquer negativa. Furtava-se às marcações, que mascarava de acasos. Quanto mais Isabel porfiava em doutriná-la acerca das fraquezas do irmão, maior se punha o interesse de Cláudia no rapaz. Que ele se fechasse no quarto dias a fio sem motivo aparente, ou que gritasse com a empregada porque as camisas estavam mal passadas, pareciam-lhe apenas singularidades de um ser mítico. Isabel desfiava pormenores de terrena eloquência; era o quarto cheio de roupa suja, as horas em frente ao espelho, o roubo constante da carteira da cozinha, as covardias e as denúncias minúsculas.

Mas Cláudia continuava encostada à janela para o ver chegar.

Dinis aterrorizou-se quando percebeu que o seu amor secreto trocava risos e confidências com a irmã. Passou do terror ao espanto e do espanto a uma sedução maior, porque nada fascina tanto os homens como a inabalável convivência das mulheres.

Tinha a certeza de que Isabel daria dele uma imagem pobre, se não ridícula, e não compreendia que a paixão de Cláudia pudesse sobreviver a essa devassa. Ora as paixões são fantasias e duram o tempo que souberem colher da morte que as inventa. Quanto mais real Dinis lhe surgia, mais Cláudia o recriava em delírios invulneráveis.

Entretanto, ele via-a agora contaminada pela intimidade de Isabel, múltipla, dúbia, veloz e mansa como uma aranha, e sentia-se tentado ao assombroso enlevo daquela teia. Amava-a com um prazer particularmente requintado quando ela escorregava sobre o seu corpo ainda quente dos lençóis de Isabel, que dormia no quarto ao lado. Certos homens fraquejam perante a promiscuidade; recusam-se a entender-lhe a voz oculta, em parte porque, ao contrário das mulheres, são educados para a aritmética da moral, mas sobretudo porque a solidão os desprotege para os fascínios absolutos. Cláudia enternecia-se com os monólogos ingênuos de Dinis. A propósito de coisa nenhuma, ele desfiava histórias de triângulos amorosos, verberando a ambiguidade das mulheres e o sofrimento em que punham os homens. Nada havia a responder. Estas narrativas eram as únicas declarações de amor de que Dinis era capaz. Proferia-as contra si mesmo, às cegas. Expunha-se em plena inconsciência; é essa a mais perigosa forma de exposição—quase sempre masculina.

Filipe reagiu mal à nova amizade de Isabel. A princípio, admoestava-a com manha. Mas cedo se cansou de subtilezas, e desvairou em ordens e proibições. Grosso erro, que o viria a perder; o conforto de uma maior amiga aguça impaciências nas raparigas. Isabel deu em pensar que a amizade resiste às variações climáticas que matam o amor, e decidiu que nada a afastaria de Cláudia. Varado de ciúmes, Filipe pintava a negro o retrato da rapariga que rejeitara Ricardo Luz: fez dela uma devassa de gelo, a última das falsas. Descreveu-lhe as façanhas sexuais com requintes demoníacos. "O Ricardo contou-me que ela só queria aquilo, sabes. Uma ninfomaníaca, enfim." Isabel respondia-lhe com um sorriso mudado. A tristeza que sempre nela o tranquilizara era agora mudo sarcasmo, e Filipe teve medo. Tanto medo que largou em gritos:—Não te quero ver mais com ela, ouviste?

— Ela faz-me bem.

No seu modo sereno, Isabel voltou costas, sem sequer chorar.

Filipe nunca gritara a uma mulher sem que ela retribuísse com lágrimas esse esforço. As lágrimas de Isabel agiam sobre ele como um certificado de habilitações. A ausência das lágrimas havia de o enlouquecer. Filipe não tardaria a confessar-se completamente dependente delas. E nunca percebeu que foi essa dependência subitamente visível, mais do que todas as pobres infâmias mil vezes repetidas, a causa das mudanças que depois vieram.

Mas não é ainda o tempo. Estamos no fim da Primavera e as meninas preocupam-se com os exames. Isabel jura a Filipe que o adora e desculpa-se com os estudos para estar cada vez mais horas com Cláudia. Enquanto suspeitou do amor da amiga pelo irmão, desconfiou da pureza daquela amizade. A confirmação das suspeitas acabou-lhe com as desconfianças, o que só parecerá estranho a quem nunca tiver experimentado uma amizade de mulher.

O mundo inteiro podia ruir. Catástrofes, terremotos, guerras civis, tudo podia acontecer. Isabel e Cláudia sabiam que sobreviveriam de mãos dadas. Eram amigas.

Os amigos. Entrariam por uma casa em chamas para nos salvarem.

Mentem por nós à nossa própria mãe. Sabem de nós mais do que somos capazes de lhes dizer. Jurariam que à hora do crime estávamos a tomar chá com eles. Mesmo que a polícia nos encontrasse com as mãos cheias de sangue. "São rosas, senhores. Andei com ela toda a tarde a cortar rosas, senhores.

Sangue de espinhos, senhores."

Eles exigem-nos coisas de nada. As nossas lágrimas. O nosso lenço de assoar. A pele dos nossos inimigos. As batatas fritas do nosso bife. A nossa melhor roupa, por uma noite. Exigem-nos tudo o que nos dão. É preciso regá-los regularmente: é nos ombros deles que cai toda a água dos nossos olhos. Eles espevitam-nos o sentido de humor quando menos nos apetece. E depois ficam connosco quando as luzes se apagam e toda a gente se foi embora. Só aos amigos é dado o espectáculo da nossa miséria.

A paixão é uma fatalidade fácil. Uma aparição divina, só. Não há maneira de a prender para toda a vida. Por isso a embrulhamos no áspero papel da amizade. Para preservar e esquecer.

à paixão aceitam-se confissões de ciúme, voragens de posse.

à amizade não. Somos capazes de confessar tudo aos nossos amigos menos essa insegurança que nos mói:—Não, não gostes mais dele do que de mim.

Cláudia tinha medo que Isabel se risse dela. Que se cansasse, que lhe fugisse, que a contasse a outras. Não há ciúme maior do que esse, porque os amigos são melhores do que nós a ser o melhor de nós. O sangue claro dos nossos afectos. Logo que olhou para elas, a gata Malvina apanhou este sentimento no ar, com uma destreza que escapa aos humanos. Seduziu-as metodicamente, do lado de lá do vidro, durante dias a fio.

Fazia-se alternadamente órfã e bruxa, comovia-as e irritava-as. Numa manhã dedicava os seus langores a Cláudia, e na manhã seguinte a Isabel. Decidiram que ela tinha de ser das duas, para sempre.

— Para sempre, não. Os gatos morrem mais depressa do que as pessoas.

— Mas têm sete vidas, e nós só temos uma.

— Oh, oh. Nós temos as vidas todas que quisermos ter.

— Foi o Dom Dinis que te ensinou essa filosofia?

— Não estragues, Bel. O Dinis não tem nada a ver connosco.

— Não tem, porquê, pode-se saber? Não foi por causa dele que tu começaste a andar comigo? Não é para ires ter com ele que tu me deixas sozinha durante a noite?

— Eu só vou ter com ele quando tu já estás a dormir. E quem é que vai contigo ao dentista? Quem é que te ajuda a trazer as compras do supermercado? Vá lá, quem é? O Machão das Avenidas?

— Não digas mal do Filipe. É completamente diferente. Eu não me fiz tua amiga para conquistar o Filipe.

— Onde é que tu queres chegar, Isabel Maria?

— A lado nenhum. Só estou a dizer verdades.

— Estás é a chamar-me interesseira. Mas escusas de ter problemas: acabou-se tudo.

— Ah, é? Grande amizade, a tua. Pactos de sangue, promessas, e agora adeus, não é? Já não precisas de mim para o Dinis te dar beijos na boca, pois.

— Tu queres que eu te dê um beijo na boca, é isso? Vê lá se é isso o que tu queres, porque eu sou bem capaz de te agarrar aqui no meio da rua e é para já. Se fosse homem até te pedia namoro, roubava-te àquele parvo que não te merece e calava-te para sempre.

— O que é que tu estás a dizer, pipoca desgraçada?

— Coisas que pelos vistos tu nem mereces ouvir.

— Desculpa. Acho que esta conversa se calhar é uma estupidez.

— Ouve: o teu irmão é, para mal dos meus pecados, o homem da minha vida. Bem gostava que não fosse. Mas é só isso, percebes?

— Só isso?

— Só. O teu irmão é só um homem. E nós somos nós. Pronto. Tu és a minha maior amiga.

— Vou comprar a Malvina para te dar.

— Não sejas parva! Nem tens dinheiro que chegue. E além disso, é de ti que a Malvina gosta.

— Olha, olha! Ainda agorinha estava a fazer beicinho para ti!

— Isso era para te fazer ciúmes, goínha maluca. Já te conhece, é o que é. Os gatos são muito espertos.

— E as gatas muito mais.

12

Sopravam no pescoço uma da outra, e riam-se.

— Deixa lá, não vale a pena. O trabalho de estar a soprar só faz mais calor.

— Uff! E se fôssemos à praia, logo à tarde?

— É que eu...

— Já combinaste outra coisa com o Filipe, não é?

— Não... Pois... Se fosse só o Filipe... É o grupo. Vamos todos à praia. Pensei que tu e o Dinis...

— Sabes como é o Dinis. Nunca combina nada. E, de qualquer maneira, ele odeia praia. Diz que não tem paciência para estar ali a esturrar sem fazer nada.

— Ensina-lhe a fazer coisas.

— Ai, ai.

— Tanto suspiro desperdiçado, meu Deus.

— A propósito de Deus, não estamos a ficar atrasadas para a santa cerimónia da saída da missa?

— Quero lá saber. Não estou para voltar com este carregamento para trás. Mais a mais debaixo deste sol horroroso.

— Onde é que se terá metido o doido do Murinelo?

— Sei lá. Mas se deixou escrito: "Volto já", é porque deve estar aí a chegar.

— Não sei, não. O homem é passado do juízo.

— Achas? Se calhar ele tem mais juízo do que nós todos juntos. às vezes as pessoas inteligentes de mais -poetas, músicos, pintores e assim - parecem malucas às pessoas normais. Eu tenho um primo pintor que é um bocado assim. Por exemplo, põe aranhas nas janelas de propósito para elas fazerem teias, e depois, quando as teias estão prontas, despeja as aranhas no campo outra vez.

— Por que é que ele faz isso?

— Ele diz que é por causa da luz. Gosta da forma como a luz se reflecte nas teias. Mas a mãe dele diz que ele é doido.

Queria que ele fosse engenheiro em vez de pintor. De uma vez até lhe limpou as teias todas do quarto e fez uma fogueira com os quadros dele, para ver se ele desistia de pintar.

— Essa mãe é que deve ter pancada. E forte.

— Eu também acho. Mas as pessoas acham que ele é que é doido.

Tens que ir lá à Quinta. O quarto dele é lindo. Parece um ferro-velho, um sótão cheio de segredos.

— O que é que achas que há ali dentro?

— No casarão do Murinelo? Roupas, milhares de roupas, deve ser. E pó.

— E se entrássemos?

— E se ele chega?

— Explicamos-lhe que só íamos deixar estes jornais.

— Mas temos que receber o dinheiro, não?

— Deixávamos um bilhete ao pé dos jornais e vínhamos cá depois receber.

— És muito pateta! O homem pode ser doido mas não é maluco!

Dizia logo que não tinha recebido jornais nenhuns.

— Até pode ser que esteja alguém lá dentro.

— Quem? A Gata Borralheira?

— O velho pode muito bem ter uma namorada.

— Até podia ser, se não cheirasse tão mal. às vezes ele diz coisas bonitas. Bocados de poemas e assim. Olha, ainda no outro dia, fartei-me de rir. Eu estava na paragem do autocarro, e estava ele, vestido de toureiro, a cantar baixinho um fado muito dramático, sobre pecados. Como é que era? Deixa ver. "Amar de mais foi errado/ foi meu pecado." Era assim, pois. Estás a ver? Nunca ouviste isto na rádio?

— Acho que o meu pai tem o disco. Deve ser da Amália. — Bom. Não interessa. Entretanto chegou a porteira do 39 com a do 21. Vinham a falar da Mariana, e estavam a dizer que, no fundo, ela tinha feito bem em matar-se porque, com aquela gordura toda e aquela cara esquisita que Deus lhe tinha dado havia de ser sempre muito infeliz. E então não é que o bom do Murinelo, que parecia distraído lá nas cantorias dele, se vira para elas de dedo espetado e desata a berrar que elas eram umas víboras e que deviam olhar para o espelho para verem os monstros que são.

— Essa é ótima! E as mulheres?

— Nem imaginas. Puseram-se todas vermelhas e desandaram. Só uns bons metros adiante é que se viraram a apontar os dedos à testa, e a chamarem-lhe doido. Mas foi muito bem feita, não foi?

— Oh, se foi. Adorava ter visto. Não sabia que o Murinelo tinha jeito para defensor dos pobres e oprimidos.

— Pelo menos como espantalho de porteiras, é um espectáculo.

— Fala baixo, que o pano está a subir.

— O quê?

— Chiu! O velho vem aí. Olha que giro, hoje anda de palhaço.

— Onde? Ah, já estou a ver. Ainda bem. A ver se nos despachamos, e apanhamos os meus pais à saída da missa.

— Ah! Afinal sempre estás com medo dos papás! Mas de que é que estás à espera para bater o pé? O Dinis não vai à missa e a tua mãe não o obriga.

— Já obrigou. Mas ele é rapaz, e ela acha que a educação dos rapazes é com os pais. E o meu pai só quer que o deixem em paz. Até nisso o parvo do Dinis tem sorte. A mim ela vem arrancar-me da cama.

— Se tu não te vestisses, ela não podia fazer nada. Não te ia levar à missa em pijama.

— Pois. Mas proibia-me de sair o domingo todo. E além disso, desde que tu venhas comigo, até é divertido. Não custa nada fazer de conta que entramos na igreja e ir lá à saída, pois não ?

— Não, desde que não faça esta caloraça.

— Não estamos aqui tão bem a apanhar solinho? Vamos ficar uns brutos bronzes, só te digo. E ainda por cima, a minha mãe adora-te por causa destas missas.

— Ah, sim?

— Pois. Como eu deixei de refilar e passei a aceitar as missas de cara alegre, ela julga que eu me converti por tua causa. Olha que é raro cair-se nas boas graças da sogra.

— Coitada! Se ela soubesse que é minha sogra dava-lhe um chelique.

— Enganas-te. Adorava-te ainda mais. O filho dela é que não ia gostar nada, pipoca.

13

Malvina revelava poderes sobrenaturais. Ainda presa por detrás do vidro da montra, já influía na ordem do universo. Foi por causa dela que Cláudia e Isabel se tornaram visitas assíduas de Murinelo. Chegaram a ir noite dentro aos caixotes do lixo, em busca de cartões e jornais velhos.

— As meninas não me levam a mal se eu lhes perguntar uma coisinha?

As meninas ficaram a olhar para o homem, estarrecidas. Não havia memória de que Murinelo alguma vez tivesse feito alguma pergunta a alguém. E aquela cortesia devia ser-lhe segredo absoluto; o comum dos mortais tinha-o por incapaz de praticar civilizadamente com tudo o que não pertencesse ao reino das almas penadas.

— Não se assustem, pombas de Deus. Então eu faço assim tanto medo?

Que disparate, medo nenhum, entaramelaram-se as raparigas, cada vez mais zonzas, se não mesmo desasadas. Murinelo queria apenas saber a causa daquela militância pelo papel. Gostou de saber que o que as movia era o amor a uma gata. Dissertou longamente sobre a superior iluminação dos felinos face à cegueira das paixões humanas. E subitamente Isabel disse, numa voz firme que nunca havia de ser a dela:—Há respostas humanas para o que não é humano.

Esgazeado, Murinelo interrompeu o seu discurso, virou-se para o céu e bradou:

— Eu sei, anjo das tormentas, eu sei! Mas que hei-de fazer, se o medo é tudo o que de humano vislumbro sobre este planeta amaldiçoado? Que hei-de fazer, se a morte me conduzirá a um inferno mil vezes pior, onde não se conhece o teu perfume?

Trajava de cavaleiro andante. A capa fora vermelha em épocas mais felizes e os calções enfunados haviam servido a pernas mais convictas; todo ele era pó e raiva. Cláudia ponderava no mau estado daquelas roupagens, estragadas pelo corpo do velho.

Era isso; quando Murinelo despia os fatos, eles faiscavam de indiferença. Só assim se compreendia a perenidade daqueles brocados: Murinelo esmorecia-os, mas a maldição do envelhecimento extinguiu-se no

instante em que eles se libertavam do seu corpo. O velho abriu os braços para o sol e depois curvou-se sobre si mesmo, num rompante de soluços.

As duas amigas afastaram-se, pé ante pé, e foram sentar-se nas escadas do 22. O ar estava carregado de calor. Parecia que os sons circulavam em câmara lenta, esmagados pelo peso impúdico dos cheiros. As coisas tinham decidido cheirar desenfreadamente: o cimento fresco das obras, a roupa a secar nos estendais, o pão quente, os fritos, a fruta em decomposição nos sacos de lixo. Diante dos degraus do 22 as escavações para um novo prédio tinham aberto um lago.

Os trabalhos estavam interrompidos desde que se descobrira que passava por ali uma ribeira que dificultaria a obra. Os moradores do 22 aproveitavam este interlúdio para redigir protestos veementes. Aqueles apartamentos haviam de ser circundados por jardins frondosos, talvez mesmo uma piscina.

Eles tinham visto os desenhos, os projectos todos, e eram encantadores. Até um centro comercial cor-de-rosa e verde existia nas maquetes. Com um cinema. Paragens de autocarro. E

metro, num futuro próximo. Uma aldeia de luxo, toda em torres modernas, ligada à cidade por um simples cordão umbilical. E

afinal só havia prédios e prédios. O 22 recusava-se a acordar virado para as traseiras do próximo. Ainda por cima, um mastodonte de quinze andares, comendo o sol que sempre chegara a todos os dez pisos do 22. Não podia ser, e foi isso mesmo que eles denunciaram na televisão, às três e meia da tarde de uma terça-feira.

Esteve para ir só o administrador do condomínio, como legítimo representante dos interesses gerais. Mas o senhor do 9.o- B

deixara bem claro que sem a sua presença, nada feito. Afinal de contas, ele é que conhecia o operador de câmara do programa, ele é que tinha feito os contactos, ele é que estava em boa posição para. E a senhora do 6.o A acrescentara de imediato que as câmaras intimidam muito, nem se calcula.

Recordava-se perfeitamente de casos de pessoas muito sabedoras que chegavam lá e era uma desgraça. De modo que, explicava a senhora, era preciso experiência, hábito, à-vontade. Graças a Deus ela já tinha ido à televisão uma vez falar da falta de condições da escola em que dava aulas e, por acaso, saíra-se muito bem. Decidiram então formar uma delegação democrática, com elementos de todos os apartamentos. Pediram dispensa nos empregos, avisaram as famílias, e finalmente o apresentador do

programa só deixara entrar o administrador e o amigo do operador de câmara, porque tinha poucas cadeiras na sala, infelizmente, e pouco tempo, infelizmente, os senhores compreendem. Compreenderam mas não gostaram, e, dali para a frente, o 22 passou a ocupar-se mais com as suas lutas internas do que com o monstro que havia de vir roubar-lhe o sol.

Mas enquanto o colosso não nascia, os miúdos das barracas deliciavam-se com a piscina improvisada que o buraco deixava.

Passavam o dia inteiro a mergulhar na água preta, traziam pneus velhos, faziam jangadas, inventavam urros de exploradores da selva. Cláudia e Isabel divertiam-se com este espectáculo, estiradas nas escadas, enquanto bronzeavam a cara e as pernas.

— De onde é que te veio aquela frase, goíinha?

— Do teu sonho, pateta. Não te lembras?

Não, assim de repente não se lembrava. É que está tanto calor.

É que é tão difícil. "É que o Dinis. Ainda ontem. Ah, Isabel, acho que nem posso contar. É tão triste, e eu não consigo parar de o amar. Se ao menos por um segundo, estou tão sozinha. O sonho da festa, e o velho, e a morta Mariana, claro. Mas o Dinis costuma dizer que o sonho da festa é sempre melhor do que a festa, sabes? O Dinis interessa-se tanto pelo mundo todo, a política, o sexo, as ideias, até fico cansada de tentar fixar os nomes, as pessoas, esforço-me tanto, concentro-me e esqueço, esqueço tudo menos os olhos dele, macios, dourados, e o nariz, ele ri-se e o nariz sobe, às vezes ele ri-se muito, distrai-se e ri-se como uma criança, é nessas alturas que acredito. Mas ontem, não imaginas."

— Foi o Murinelo que disse aquela frase do teu sonho, quando o vi lembrei-me.

— Quando?

— à saída do funeral da Mariana.

Um perfume fúnebre de nascimento, rosas crepitando em fogo lento. Souberam desde o primeiro instante que haviam de fazer amor num bruto vagar de vampiro, e tiveram medo. Juntos, não sabiam quem eram. Ela representava tudo aquilo que o irritava nas mulheres: usava dos artifícios e da leveza das bonecas.

Ele não correspondia aos modelos másculos que ela apreciava: não tinha olhos verdes, nem caracóis de ouro, nem músculos viçosos, nem mota, nem vontade de a ter. Comprava a roupa mais barata e gastava o dinheiro todo em discos de música clássica, livros incompreensíveis, filmes arcaicos.

Vinham de mundos avessos e era essa trágica distância que os fascinava, como uma canção piegas nos enerva de comoção. Sentiam-se iguais como duas lágrimas, mas Dinis não fora educado para prantos.

Da primeira vez que ele a amachucou, Isabel aconselhou-a a chorar. Cláudia nunca precisara de cultivar essa arte, mas saiu-se bem; Dinis comoveu-se o suficiente para dizer:—Sou um cobarde. Sou assim.

Cláudia quis ver nestas palavras um manifesto de amor e um acto de contricção, e foi isso que viu, porque a paixão só cega para as realidades. Apresentava-se em definitivo mudada; dois meses atrás, portava-se como um homem e os homens tornaram-se desesperadamente femininos nas suas mãos. Agora disseminava-se em pó de estrelas em vez de se construir como uma estátua. Ficou feliz quando se achou fértil em lágrimas e estranhou-se quando entendeu que de nada lhe valeria esta abundância. Dinis deixara de se comover, pensou ela. Isabel explicou-lhe que Dinis deixara, pura e simplesmente, de fazer cerimónia com ela. Mas Cláudia preferia mil vezes um amante insensível, e por nada deste mundo o trocava por um homem capaz de se habituar às suas lágrimas.

— à saída do funeral da Mariana? Não me lembro de ver o Murinelo.

— Ultimamente não te lembras de nada, pipoca.

— Mas o que é que o homem ia fazer ao funeral?

— Não sei. Por isso mesmo é que achei estranho. Até me deixei ficar para trás, para ver se era mesmo o velho. E quando ele viu que eu estava a olhar para ele, apontou para mim e disse: "Há respostas humanas para o que não é humano."

— Mas eu nunca ouvi isso. Porque é que havia de sonhar com uma coisa que não sabia?

— Os sonhos são feitos daquilo que não sabemos. É por isso que é tão bom sonhar.

— Detesto sonhar.

Dinis invadia os sonhos de Cláudia, e não há maior poder do que o de invadir os sonhos de alguém. Cláudia gostava de dizer que havia de dormir quando estivesse morta, e Dinis acrescentava que nunca sonhava. Mas Isabel não tinha medo dos sonhos. Quando alguma coisa lhe corria mal, fechava os olhos e concentrava-se no mundo ideal. Conseguia dormir horas sem fim e sonhar tudo o que queria. Não havia desespero ou humilhação capaz de desfazer a muralha de sono que Isabel entrepunha à vida. Ao mínimo alarme, iniciava um habilidoso bordado de explicações; era preciso

que tudo fosse lógico, linear, e, sobretudo, saudável. Isabel dizia muitas vezes a Cláudia que aquela paixão por Dinis não era saudável, e aplicava-se a demonstrar-lhe matematicamente que dali não sairia nada de bom.

— E quem disse que eu estou interessada nessa tua triste vidinha boa?

Cláudia respondia deste modo sem pensar, só para escandalizar e contundir Isabel. Tinha consciência de que, apesar da armadura de bom senso e simplicidade, Isabel era sua irmã na melancolia—caso contrário, porque persistiria em ser torturada por Filipe? A última maldade de Filipe chamava-se Sofia e morava nas vivendas. Sofia resultara de um ultimato:—Sou eu ou ela. Escolhe.

De olhos pregados no chão, Isabel murmurara que nem pensar.

Que não podia escolher um grande amor que lhe exigia o sacrifício da maior amiga. Estupefacto, Filipe só soube berrar que a maior amiga dela era a ovelha negra da zona, uma excomungada, uma alma do demónio. Tinha andado a ver exorcistas de mais. Isabel repetiu, em voz baixa:—Mas é a minha maior amiga.

Quando Filipe se instalou debaixo da janela dos Martas, aos beijos na mais linda das meninas das vivendas, Cláudia suspeitou desta declaração de guerra, mas Isabel negou-a uma, e duas, e três vezes. à quarta, implorou-lhe que não lhe fizesse perguntas e pediu-lhe para a vir ajudar a fazer um bolo de chocolate. Cláudia via assim confirmados os seus pressentimentos e desistiu de ouvir da boca de Isabel a confissão que ansiava:

— Ele mandou-me escolher, e eu escolhi-te a ti. Sofro muito, mas escolhi-te.

Isabel não conseguia expor-se com esta serena abundância. Como Dinis, respeitava as palavras ao pânico do pormenor, ou seja, mantinha-as a bom recato dos sentimentos. Encontrava num só sentimento tantas forças contrárias, tantos novelos de sangue, que qualquer expressão lhe parecia falsa. Escolhera, de facto, Cláudia, ou escolhera merecer a consideração de Filipe?

Movera-a a coragem ou o orgulho ferido? Voltaria a escolher Cláudia, agora que sabia a velocidade com que Filipe recuperava dessa escolha? E se tivesse que deixar matar um dos dois, escolheria o amor ou a amiga? Os silêncios de Isabel eram feitos da lava grossa que crescia debaixo destas perguntas. Cláudia era demasiado vaidosa para acreditar na arrogância alheia, e limitava-se a achar a amiga tocantemente tímida. Por isso estranhava a determinação com que a ouvia agora a dizer:

— Há um mistério entre Mariana e Murinelo, e eu hei-de descobri-lo.

Dois dias mais tarde voltaram ao casarão do louco em missão secreta. Levavam umas magras resmas de jornais, menos por amor à Malvina que as disputava do que por inocência estratégica. Mas foi Malvina quem lhes abriu a porta da casa assombrada.

14

— Entrem.—ordenou o velho.—Tenho uma surpresa para as meninas.

Olharam uma para a outra, como se assim activassem um oculto dispositivo de segurança. A porta de ferro chiou ao peso do corpo do bobo que a empurrava. Murinelo ficava particularmente repelente no papel de bobo, e para lá da porta eram as trevas absolutas. O homem evaporou-se no buraco negro, e Cláudia procurou a mão de Isabel. Aproximaram-se da entrada. Ecos de outras portas que se fechavam. E depois uma nódoa de luz, uma melodia risonha.

— É a Primavera. A primeira das Quatro Estações de Vivaldi.

Resolvi iniciar a educação musical dela. Vejam como ela gosta.

Estirada num cesto forrado a damasco, Malvina ostentava a altiva indolência que nos gatos assinala a felicidade. Cláudia cravou as unhas nos dedos da amiga, tentando estancar a fúria.

Parvas, mil vezes parvas. A culpa é nossa. Denunciámos a Malvina e agora ela é dele. Isabel soltou a mão e avançou para Murinelo:

— Ela é a nossa gata.

— Pois é.—respondeu placidamente o bobo.—Podem levá-la.

Ainda bem que vieram cá hoje, porque eu já começava a habituar-me a ela. As gatas têm muito de mulher, e depois e o diabo. Afeiçoamo-nos. Até aos carunchosos como eu estas coisas se pegam, sabiam, minhas flores?

Isabel afastou a cara, agoniada. Murinelo arregaçava os beiços num esgar fétido. A boca dele parecia uma cidade bombardeada.

Não percebia como é que Cláudia, que tinha horror por qualquer ruga em particular e pela velhice em geral, podia simpatizar tanto com aquele destroço humano. E tratou de explicar, muito depressa, em nome das duas, que agradecia muito a intenção mas não podia aceitar a oferta da Malvina. Queria pagar. Murinelo tornou a sorrir, encolhendo os ombros. Este segundo sorriso flutuava-lhe sobre os lábios conferindo-lhe a inconsciente elegância de uma tristeza antiga, e Cláudia murmurou, no timbre precário que costumava ser de Isabel:—Desculpe. Não o queríamos ofender.

— Ofender? Já não sei o que isso é. Só sei que tenho saudades do tempo em que se podia oferecer o mundo às mulheres, sem que elas sequer se

curvassem para agradecer. Hoje querem pagar tudo, como os homens. Julgam que tudo se pode pagar, como os homens. Os homens querem que eu lhes venda esta casa, que é a minha vida, para construírem um progresso de quinze andares por cima dela. Mas eu não vendo. Nem depois de morto venderei.

Hão-de andar meses a fio à cata do meu cadáver, e não o hão-de encontrar. Vão ter que esperar, e eu a rir-me, do lado de lá.

Querem pagar, infelizes? Então paguem, que nem por isso esta gata deixará de me levar no coração. Paguem, e ela continuará a lembrar-vos de mim, por mais que o não queiram.

Paguem, e hão-de sofrer do pior dos martírios, que é o do remorso. Paguem, que um dia chegarão a velhas e conhecerão a miséria de querer dar um presente e ser rejeitado.

Dizendo isto, o velho girava pela sala como um possesso, arfava, urrava, escabujava, e os seus guizos de bobo faziam-se frenesim lancinante. A gata abriu um olho, espreguiçou-se e pôs-se em sentido. Terminado o discurso, Murinelo virou costas e entrou por uma das três portas que davam para a sala. As raparigas permaneceram imóveis até ao fim do concerto de Vivaldi, que as impedia de escutar os passos tilintantes do homem. Mas quando a música cessou, a casa ficou mergulhada num silêncio absoluto.

Nem uma réstea de sol conseguia transpor as espessas cortinas de veludo negro que forravam as janelas. O ar tinha dificuldade em circular na sala demasiado carregada de sopros bolorentos, apenas iluminada pelo candeeiro de pé, em cima da mesa coberta por uma camilha carcomida pelo labor conjunto dos anos e dos bichos. Aos livros amontoados pelos cantos sobrepunham-se peças soltas de máquinas diversas: uma campainha de bicicleta, um volante de triciclo, um prato de gira-discos, uns binóculos partidos. Só a grafonola de cobre reluzia, sobre uma coisa que talvez tivesse sido a primeira máquina de lavar roupa do mundo. As paredes resumavam humidade e nenhuma das cadeiras se recordava de alguma vez ter tido quatro pernas e conhecido gente. Malvina entretinha-se agora em jogos de equilibrista, saltando gracilmente de um espaldar para outro, gozando os prazeres da instabilidade.

— E se fôssemos lá dentro à procura dele?—sugeriu Cláudia.

— Estás doida, pipoca. O homem era capaz de nos matar. Vamos mas é embora. Não gosto nada disto.

— Saíste-me uma detective de primeira, não há dúvida.

— O bom-senso é a primeira regra de qualquer detective que se preze.

— Chiu! Não fales tão alto!

— Ah! Afinal a nossa pipoca Sherlock também tem medinho!

— Está bem. Vamos embora mas levamos a Malvina.

— Elementar, caro Watson. Não ia deixar a nossa fofinha à mercê daquele doido.

— Coitado. Ele gosta tanto dela como nós.

— Ah, isso não pode. É proibido, ouviste? Ninguém gosta da nossa Malvina como nós, pois não, mimosa?

A mimosa fugiu às carícias de Isabel e saltou para cima das ruínas de um canapé, arqueando a cauda. Cláudia riu-se e declarou que Isabel não sabia entender-se com gatos. Pé ante pé, aproximou-se do bicho e começou a falar-lhe numa linguagem estranha, cheia de "chs" e de requebros de voz. Malvina esticou as orelhas e pulou-lhe para o colo. Isabel amuou; abriu a porta e saiu. Cláudia correu atrás dela, abraçou-a pelos ombros, fez-lhe festas no cabelo, mas nada. A irmã de Dinis sacudia-a e estugava o passo, de cabeça baixa e braços cruzados. Cláudia perseguia-a, inebriada com os ciúmes da amiga, gritando que lhe ensinaria a gramática da língua dos gatos. De súbito, Malvina soltou-se dos braços vitoriosos de Cláudia e correu para os pés de Isabel, que não teve outro remédio senão aceitar, de cara alegre, a reconciliação.

O animal entendeu depressa o poder que tinha sobre aquelas duas almas; as raparigas desunhavam-se pelos favores de sua felina Alteza, e a gata administrava sabiamente mimos, arrufos e patadas. Morava alternadamente em casa de cada uma das donas. Era a solução perfeita para todos—a bem dizer, era mesmo a única solução que os pais das meninas podiam, sem grandes protestos, tolerar.

Mas os primeiros dias de Agosto trouxeram presságios de tempestade: em Setembro, Isabel ia para a Quinta dos Regatos, e reclamava o direito de levar a Malvina consigo. Para mostrar à avó. Para brincar com os primos. Para benefício da espécie, que as gatas precisam de gatos e de gatinhos. E de espaço, de ar puro, de campo. Cláudia batia o pé, chamava-lhe egoísta, argumentava com a saudade.

— Dinis, queres tu dizer. É do Dinis que tu vais sentir a falta, não me venhas com histórias. Só tens olhos para ele. Se a Malvina estivesse à tua espera para comer, já tinha morrido.

Em certos momentos, Cláudia tinha consciência de que ficaria completamente perdida se deixasse de amar Dinis. O mundo conhecido ruíra sob os seus pés para dar lugar a um abismo extático, e ela pressentia agora que sobre o êxtase se fechavam todas as possibilidades de História. A melancolia que a tomava na recordação de um sítio ou de um gesto do grupo dizia-lhe que não havia regresso. Por delicadeza, Isabel omitia-lhe conversas, passeios e intrigas, e crescia entre as duas um silêncio de embaraço e distância. Cláudia dava por si encostada às portas ou colada aos intercomunicadores horas infindas, de respiração suspensa, para ouvir as bisbilhotices das porteiras. Foi assim que soube que Alexandra tinha acabado com João e que Ricardo namorava uma Rosarinho recém-chegada, loura, altiva e de boas famílias. Teve ciúmes, ou pelo menos sofreu como se os tivesse. Mais do que a velocidade sentimental de Ricardo, enervava-a pensar que o grupo se curvava perante Rosarinho como meses antes se curvava diante dela, em deslumbrado desejo. Além disso, o barulho das motorizadas enchia-a de nostalgia.

— O que é que eles dizem de mim?—perguntara um dia a Isabel, como quem não quer a coisa, a caminho do liceu.

— Nada. Eles nunca falam de ti.—respondera Isabel, com a maior naturalidade, mentindo para a proteger. As pequenas frases traem a virtude das almas. Isabel evitava falar-lhe de tudo o que se relacionasse com qualquer deles, incluindo Filipe. Tinha vergonha e medo de admitir que Filipe regressara aos seus braços porque Sofia se enjoara dele; tentava convencer-se de que no fundo, lá bem no fundo, ele nunca amara a outra. No fundo, lá bem no fundo, cismava Isabel, o Filipe era um rapazinho inseguro que só o amor dela podia salvar. No fundo, lá bem no fundo, meditava Cláudia, o Dinis era um menino triste que só a paixão dela podia curar.

Não se imagina como seria a vida sem esta imensa presunção feminina. As mulheres fogem dos homens equilibrados como se de uma doença permanente se tratasse. Elogiam-nos e invejam-nos ostensivamente nas outras, com a mansa maldade de que só elas são capazes. A mesma maldade leve, divina, caridosa,-que louva e promove as diminuições das desfavorecidas da sorte ou da beleza, para melhor as preservar e dominar. As mulheres gabam a felicidade alheia com o sorriso terrível dos deuses a quem todos os sacrifícios são devidos porque muito sofreram, e buscam em cada homem um pretexto da imolação que conduz à glória. É por isso que

não lhes interessam os poucos homens lúcidos que ainda resistem; a perspectiva da pura partilha traz um cheiro a anestesia que lhes põe os nervos em pé, em alerta de loucura. Dispõem-se a morrer grandiosamente pelo maior miserável, desde que ele não se arrogue canduras de merecedor; quando correspondidas, elas bocejam, ameigam-se, fingem-se meninas e esfumam-se entre os dedos deles. As mulheres nunca foram meninas, para mal dos bons rapazes.

A Dinis, valeu-lhe o desamor agreste da primeira eleita do seu coração. Tinha quinze anos quando se apaixonou por essa rapariga de dezoito que o amou por despeito enquanto o julgou imune aos seus encantos. Ela escolhia a mesa mais favorável à luz, cruzava as pernas e oferecia-lhe sorrisos esplendorosos que pareciam morrer na sombra inalterável dos olhos dele. Um dia deu-lhe um acesso de acção; levantou-se, dirigiu-se até à mesa dele, pousou um sobrescrito e foi-se embora. Dentro do sobrescrito havia um postal e no postal estava escrito: "Quero-te".

Dinis correu para a rua' onde já não a encontrou, e depois para casa, onde gastou todo o papel de carta de Isabel. àquela tempestade de folhas cor-de-rosa sobreviveram três páginas de arroubos e citações em francês que podiam ser vantajosamente resumidas a um: "idem, idem". E foi isso mesmo o que ela lhe disse? no dia seguinte, assim que acabou a leitura.

— Não se pode dizer que tenhas um grande poder de síntese.

— Ao pé de ti não tenho poder nenhum.—explicou ele, desejando que o sol caísse fulminado pela noite, para que ela não o visse corar daquela maneira.

— Mas ele cora! Um homem que cora, que visão celestial!

Poucos dias depois, ela começou a ter muito trabalho. Deixou de ter tempo para ler as cartas dele, e sugeriu-lhe que se dedicasse mais ao estudo. Ele nunca tinha feito amor com ninguém. Da primeira vez sentiu que entrar no corpo dela era conhecer o Paraíso, e disse-lho. Ela sorriu e fez: "chiu!". Da segunda vez sentiu que a amava desde que nascera, e disse-lho.

Ela zangou-se:

— Por amor de Deus! Daqui a nada vais perguntar-me se foi tão bom para mim como para ti, não é? Olha que não tenho a mínima paciência para essas barbaridades.

— Diz-me. Só hoje. Só uma vez.—suplicava Cláudia.

— Digo o quê?

— Diz-mo a palavra.

— A palavra. Pronto, já disse.

— Não é isso, grande parvo. Diz "amo-te".

— Que horror! Recuso-me a dizer essas barbaridades.

— Amo-te, amo-te, amo-te, amo-te.—repetia Cláudia, muito baixinho.

Que horror, que horror, gritava Dinis e ela sufocava-o de beijos para o calar e ele voltava a entrar nela, cada vez com mais força e mais vagar, até a impedir de falar e de pensar e de ter outra dor que não a do corpo dele. Queria ficar para a eternidade naquele lugar de coma, sem ângulos nem segredos.

Fazia-se depois instantaneamente adormecida no ombro dele, para que ele não parasse de a abraçar, mas ele escorregava para o sono no minuto seguinte, desembaraçando-se dela. Ela teimava em enroscar-se nas costas dele e ele teimava em sacudi-la. Cláudia tentava ofuscar a tristeza com um siso maternal, ele está tão cansado, coitadinho, não repara, está mesmo a dormir. Vigia-lhe o sono até ao nascer do dia; não queria perder um só segundo daqueles escassos fins-de-semana de liberdade absoluta. E sobretudo, apavorava-a a ideia de acordar sozinha na cama dele, como daquela vez.

— Porque é que vieste dormir para aqui?

— Porque estava com insónias.

— Podias ter-me dito. Eu adormecia-te. Não me digas que o sofá da sala cura as insónias.

— Faltava-me espaço. Não gosto de dormir acompanhado.

— Espaço? Quase nunca podemos ficar juntos e tu falas de espaço?

— Pronto, pronto. Que horas são? Estou cheio de fome. Vais ver as torradinhas ótimas que eu sou capaz de fazer.

No princípio de Agosto, Dinis declarara-se firmemente decidido a prescindir das férias de Setembro na Quinta para organizar o ciclo de cinema musical que abriria o novo ano no liceu. Cláudia olhou para o espelho e achou-se pronta para dar autógrafos; dez dias mais tarde encontrou no espelho um espectro alucinado de lágrimas. Dinis mudara de ideias, e nem sequer se dera ao trabalho de a informar. Foi Isabel quem lhe trouxe a notícia.

— Não tenho que prestar contas a ninguém.—roncou ele, muito enfadado.—Nunca te prometi nada. Nada, ouviste? Não sou o teu herói romântico.

— Eu sei, eu sei, desculpa, faz de conta que eu não disse nada, dá-me um beijo, depressa.

— Agora não me apetece, morena. Mas que mania têm as mulheres! As pessoas não tem que andar sempre a lambuzar-se umas às outras, pois não?

No dia da partida ela passou duas horas a escolher a roupa.

Até pintou os olhos com a sombra azul da mãe. Quando conseguiu sentir-se quase bonita, ele já se tinha ido embora.

15

Ana Carolina está sentada no chão, rodeada de cartas amarrotadas. Recita num tom neutro as frases escritas em inglês. às vezes traduz instantaneamente. Recusa-se a ler as frases escritas em norueguês. Diz que já esqueceu, que nunca mais quer ouvir o som daquela língua horrível. Mas não consegue evitar a memória, essa mesa de montagem onde a vida se desfoca até fazer um sentido estranho ao que o filme tinha quando era somente vida.

As mãos dela são angulosas, decididas. Acende o quinto cigarro. Deixou de fumar há meses. Diz que um dia não são dias. Nunca se enganou. Segue com os olhos cada uma das passarolas voadoras. Comenta a estatística ascendente dos acidentes aéreos. Sorri. Oslo, 5 de Fevereiro. O nome da terra bruxuleia no ar, queima a hora louca do lusco-fusco.

"Saudades. Saudades. And more saudades. It's so cold here since you've left!"

É assim que Teresa encontra Ana Carolina, a filósofa da maturidade. Do alto da sua sabedoria, ela costumava dizer:—Poucas coisas há tão infelizes como a maturidade, que é aquela época em que as pessoas têm imensas explicações para não serem capazes de se aturar.

Mas não há antes nem depois na vida, há apenas as coisas importantes e as outras. Aqui está ela, sentada em cartas amarrotadas, rodeada de chão:—Olá! Estava a arrumar umas tralhas e achei estas parvoíces.

Já nem me lembrava.

Era engraçado ver Ana Carolina a mentir com tanta candura. Ela que sabia tanto de tudo. Que se fazia tão desassombrada. Já antes da traição do belo norueguês ela era assim, cheia de discursos auto-suficientes. Dizia que não tinha medo nenhum dos lugares-comuns, e era a absoluta verdade.

Ouvia jazz. Declarava que nesse género musical se retratava a incomunicabilidade do género humano. Passava horas a explicar que todos vivemos no tremendo equívoco de um diálogo de surdos, porque ninguém quer ouvir senão o eco dos seus próprios solos. Achavam-na interessante e

ela achava-se subitamente culta, embora tudo fizesse cada vez menos sentido.

Alimentava-se desses antídotos do medo a que chamamos projectos; lavrava uma elevada opinião de si mesma, que os resultados do seu esforço não justificavam. Se o amor consistia apenas numa fórmula de cortesia do amor-próprio, porque é que a voz dela não chegava para lhe aquecer a casa, nos serões de Inverno? "A música das promessas aparece-me logo misturada com aquele barulho de partir pratos", dizia ela.

Para espairecer, escrevia umas certezas sentimentais, considerações melancólicas sobre o evoluir do mundo. Coisas assim: "Depois de séculos e séculos de existência, cá :, andamos todos muito aflitos a querer ser originais. Os primeiros cantos, as primeiras páginas, tinham um sentido, ou a saudade de um sentido perdido." "Estás-me a dar música" ou "lá vem este com a sua cantiga" eram expressões desconhecidas.

A arrogância com que olhamos os sentimentos dos outros é muito recente. A própria noção de olhar é bem posterior aos olhos castanhos, verdes, azuis ou pretos que se viam distintos, fascinados." Azuis. Eram azuis os olhos do anjo tombado em voo directo para o colo dela, num congresso sobre computadores.

Papéis, ela flutua sobre papéis. Põe-se desprendida a repetir que já nem sabe onde é que tinha as cartas. Quis condená-las ao ostracismo da igualdade. Por isso as despejou naquela caixa de sapatos para onde atira as facturas da água e as cartas de negócios. Tudo contas saldadas. Mas afinal é fácil separá-las desse monte. São envelopes volumosos e esfacelados. A pressa de os abrir ficou ali marcada como uma gargalhada do tempo.

Ana Carolina escangalha-se a rir:—De cada vez que me lembro do preço escandaloso que tive de pagar pelas aulas daquele dialecto ridículo, concluo que as mulheres não têm cura.

Teresa lembra-se das mil vezes que a ouviu repetir Carolina à maneira dele. Que ele punha abracinhos no r dela. Carrrolina, como carrossel e caracol ao mesmo tempo. Teresa lembra-se mas faz de conta que não, faz de conta que o tempo existe e que Carolina tem o dom do esquecimento, esse famoso privilégio da maior idade. Teresa queria ser grande como Ana Carolina, conseguir amar tudo de uma única vez, concentrar-se num só objecto.

Teresa ainda não sabe que todas as paixões são uma, e os objectos amados ficção. Nos sonhos, duas pessoas distintas podem ter o mesmo

rosto. O casamento, a viagem, estava tudo marcado. Daí a três meses ela voaria de vez para a Noruega.

Quatro cartas sem resposta. E depois, o derradeiro telefonema.

Ela repete que já se esqueceu e volta a contar tudo.

— Liguei. Ele atendeu ao terceiro toque. Perguntei-lhe "Are you dead?" e ele fez um silêncio. Depois disse: "I'm sorry".

Assim só. Numa voz sumida. Mas devia ser da ligação, ele devia estar-se nas tintas. "i'm sorry", como se me tivesse pisado no metro. Desliguei logo. Não queria ouvir explicações.

Desligou logo, porque sabia que não ia ouvir explicações. É uma gentileza pouco própria dos homens, esse arranjo de suaves mentiras. Mas Ana Carolina prefere guardar a memória de uma justificação repudiada, pelo menos enquanto Teresa está ali, com a cabeça pousada no seu colo:—é para tu veres como é o amor. Para não teres pena nem pressa. Ele há-de vir, e depois há-de ir-se embora. Vem tudo nos romances.

A noite estremece de calor. Uma nave iluminada levanta voo, quase rente aos telhados. Era uma nave espacial, e lá dentro vinha o Príncipe das Estrelas para a salvar da terrível maldição da identidade. Ela alugou esta casa só por causa dos aviões. Para o ouvir voltar.

— Parece um disparate, mas eu reconhecia o avião dele. Nem precisava de ligar para o aeroporto, a perguntar se ia chegar à tabela. Ficava em casa à espera. Quando ouvia o barulho do avião, saía a correr para ir ter com ele. Nunca me enganei.

Estava farta de ser humana, de se cansar a provar quem era e de se cansar ainda mais a procurar alguém que a amasse assim, por nada. Escondia-se nos números, ria-se dos poemas perdidos nos diários de menina. Sabia agora que a indeterminação atinge a raiz de todos os cálculos e já não esperava nada daquele congresso de informática. Podia começar a envelhecer comodamente. Do amor guardava os destroços costumeiros: hábitos ou hálitos decompostos pelas marés, lumes que se gastam como velas de circunstância. And suddenly.

Depois, só um poema de Sophia aberto sobre a mesa de cabeceira dela.
"Terror de te amar/ num sítio tão frágil como o Mundo./

Mal de te amar neste lugar de imperfeição/ Onde tudo nos quebra e emudece/ Onde tudo nos mente e nos separa."

Ela diz que quer esquecer, mas traz cada fragmento dele colado ao corpo como uma bóia de salvação. A memória mente ao tempo.

Impartilhável, imortal, o cinema do segredo. Um filme encravado, ao arrepio dos dias, debaixo da pele.

Em horas de maior insuportabilidade ela acusa a dispersão do mundo. Porque é perigoso que o ódio ganhe a intensidade da paixão que o gera. Pode morrer-se da humilhação de odiar sem descanso; Ana Carolina corria a sete pés para a glória da fatalidade sempre que sentia o coração à beira do gelo.

— Foram as fronteiras do mundo que mo levaram. — repetia, só para si.

à geografia cabe hoje o papel tirano que dantes cabia às famílias. Pelo menos consola pensar que há um tirano qualquer, uma força maior a moldar a maldade humana. Consola pensar que, no fundo, lá bem no fundo, o louro nórdico é um desvalido dos ventos, violentamente cego de amor. Um anjo caído por engano numa imagem humana.

Nunca mais houve ninguém. Aquele amor apagou o mundo. Quando, muitas lágrimas depois, ressuscitámos, estávamos sozinhos. O

luto do grande amor torna-nos apenas numa pessoa. E ser uma pessoa é muito pouco para quem já foi nada. Para quem já deu tudo. Jurámos que nunca mais. Assim não. Nem pensar. "Não te posso dar nada", dizem os amantes uns aos outros depois de terem dado tudo. O nada é aquilo que nos lembra aos outros, quando morremos de uma das múltiplas mortes que podemos ter para os outros. Agora contamos a história tintim por tintim.

Mas sobra sempre um tuntum. E se ele voltasse? Sim. Se? Chiu.

Deixemos as meninas brincar com este baralho de papéis precários.

"É esta a carta que tu já não vais ler. Se ao menos eu tivesse uma fotografia tua. Assim não te posso rasgar aos :, bocadinhos. If only. É soidade ou saudade que se escreve? Aqui ninguém sabe que tu existes. É por isso que não posso morrer aqui. Ninguém te dizia nada. Ficava sozinha de luz apagada.

Lembro-me da luz. Abria os olhos de propósito para ver o primeiro lume do dia sobre o teu corpo. Parecias-me então apenas um anjo, un ange, tu sais? Como é que estas coisas se dizem no teu português engelhado? Falta-me o desmazelo da tua terrível ternura. Os teus dedos nos meus dentes, de repente.

Era tarde, tão tarde que se ouvia o rio a bater contra as pedras do cais, lá em baixo. Tão tarde que o teu coração ancorava finalmente na minha pele.

Chegávamos à praia e tu desaparecias no mar. Nadavas até muito longe só para me assustares e eu fingia que te admirava por isso. Admirei-te sempre pelas outras coisas que tu eras sem alarde. Mas amava-te tanto e tão sem razão, so quietly deep in my heart, que não tinha mal fazer-me rendida quando tu me querias rendida. Ainda por cima era verdade. Se calhar foi essa verdade que te alarmou. Como é que se diz se calhar em português?

Querias que eu te sacudisse. Que eu te irritasse de vez em quando. Que fosse uma tough girl, une fille méchante ou lá como é que isso se diz na tua língua de fogo. Eu fazia tudo por ti. Podia ter-te traído sem convicção. Podia até matar-te devagarinho, mansamente, numa daquelas conversas em que tu tentavas arrasar-me com os teus factos, datas e nomes. Quem é que quer saber de História em Portugal, país inclinado sobre a água? Mas tu precisavas dessas realidades confirmadas e eu não conseguia deixar de me comover com tanta e tão evidente vulnerabilidade.

Sentia já que te perdia, mas nada podia fazer a não ser pôr-te os trunfos todos na mão. Fiquei sem ti, claro. Mas amei-te com paixão e paixão bastantes para a minha vida inteira. Fui em ti o melhor de mim. É esse o teu peso, a minha calada vingança."

Talvez seja ele, ainda, o segredo do riso dela. Não há memória mais terrível do que a da pele; a cabeça pensa que esquece, o coração sente que passou, e a pele arde, invulnerável ao tempo.

Se adolescentes são os que sabem das paixões como arroubos de morte que ampliam a vida, Ana Carolina é da idade da sua amiga Teresa. Não suportavam demasiada realidade. Gabavam-se demais para poderem ser vaidosas. Apaixonaram-se pelas suas próprias sombras, pelos seus sonhos de si.

16

"Querida Cláudia

Como tu sabes eu tinha dois grandes amigos, agora parece-me que só tenho um. Nem calculas como eu gostava de ser tu.

Eu tinha uma teoria errada sobre aquilo que é a vida, mas tu fizeste com que eu soubesse pensar. Talvez penses que eu devo estar estúpida (talvez tenhas razão) mas eu penso que só agora comecei a pensar como deve ser. Cá na Quinta as noites são lindas. O céu é um mar de estrelas. Todas as noites eu começo a pensar qual será a ideia que as outras pessoas têm de mim, mas fico sempre arrependida porque isso ainda me faz mais infeliz.

Já te disse muito disparate.

Ainda agora estou a pensar como é que eu consegui escrever tanta coisa.

Estou num sítio maravilhoso: é um choupal (não sei se é assim que se escreve), um choupal pequenino, um bocadinho longe da quinta. Vim para aqui de bicicleta, e aqui estou a escrever-te. Estou bem acompanhada pelo ursinho de peluche da Luzia. A Luzia tem três anos e adora histórias de bruxas, pelo menos quando está com raparigas adora, mas quando chega um rapaz põe-se aos gritinhos a dizer que tem muito medo das bruxas, esquisito, não é? Estou sozinha, não se ouve nada além do barulho de um avião que está a passar e do vento a bater nas folhas secas.

Desculpa, pipoca, já é quase uma hora e tenho que ir almoçar.

Olá.

Aqui estou eu a chatear-te outra vez.

Quando cheguei a casa o almoço ainda não estava pronto, tive de esperar.

Já almocei e agora estou outra vez no choupal com o ursinho.

O Filipe chegou ontem. Chegou, estive a ver a casa e depois foi ouvir discos com o Dinis e com os meus primos. Antes do Filipe chegar eu e os meus primos mais novos estivemos a arrumar um sótão que era lixo por todos os lados. Depois do sótão arrumado (por acaso ficou bestial, com luzes encarnadas e tudo) fui tomar banho e mudar de roupa. à noite fomos todos para o sótão ouvir música e jogar às cartas (O Filipe e o Dinis

também foram). Uma das minhas primas (a Rita) começou a propor que fôssemos dançar, mas acabámos por não dançar porque uns não queriam, outros iam-se embora, enfim... Acabámos por ir todos embora.

O Filipe passou a noite inteira com dores de garganta e de cabeça. Desde que chegou ainda não me falou. Tenho a impressão de que ele já não gosta. Não me importo que ele não goste, o que me chateia mais é saber que já não gosto. Dantes gostava tanto que era capaz de morrer por ele. Agora não sinto nada.

Gosto dele como amigo. Tu e ele para mim são os meus maiores amigos, mas para ele penso que já nem isso sou.

Não sei como podias tu gostar de ser eu, passo os dias a pensar no que passou e a chamar a mim mesma estúpida por ter feito coisas que não devia.

Enquanto se gosta muito, é tudo muito bonito, mas quando se deixa de gostar é um inferno. Nunca se olha para as coisas boas, olha-se sempre para as más. Na vida anda sempre tudo ao contrário. Anda-se uns dias feliz e pronto. Razão têm os velhos em dizer que os novos nada percebem da vida. Razão têm os velhos em não nos deixarem fazer certas coisas.

É uma estupidez ser-se gente. Muito gostava eu de ser ave.

Sou estúpida por só pensar em mim. Sou estúpida por não saber ver que as coisas mais simples da vida são as mais difíceis.

Sou estúpida por só achar as coisas estúpidas quando me afectam.

Oh! Nem tu imaginas como eu gostei do Filipe.

Bom. Já deves estar farta de aturar esta goínha taralhouca.

Porta-te bem (que remédio, não é, pipoca?). Vem depressa.

Isabel"

Cláudia ficou aflita com esta carta de Isabel, porque Isabel detestava escrever cartas. Respondia em relatórios curtíssimos às imensas explosões verbais de Cláudia. Dizia que por mais que se esforçasse, as palavras não lhe saíam, e terminava invariavelmente com súplicas ansiosas. "Escreve cartas maiores, pipoca." Desta vez, nem sequer utilizara o código secreto que lhes defendia os segredos, transformando cada letra perigosa num número inofensivo. Faltavam cinco dias, cinco dias subitamente enfunados à dimensão de um século. O pai de Dinis vinha à cidade e levaria Cláudia até à Quinta dos Regatos, para os últimos dias de férias.

— Não digas nada ao Dinis. Quero fazer-lhe a surpresa. -

pedira Cláudia, eufórica, ao telefone.

— Não, não digo. Mas olha que ele não gosta nada de surpresas.

— Ora, não gosta! Tu não conheces o teu irmão, é o que é.

— Pois, pois. Devia apaixonar-me por ele, para o ver tal como é. Aposto que o teu Ni-ni ainda nem te escreveu.—atacou Isabel, com a ferina impiedade dos brandos.

— Eu disse-lhe para não me escrever. Por causa dos meus pais.

A pobreza do argumento aplacava o peso da mentira; Isabel condeu-se e mudou de assunto. Percebia que Cláudia lhe mentia muito a respeito de Dinis, e lastimava-a, porque mais transparentes do que as suas mil e uma comezinhas falsidades eram as vergonhas que entupiam a voz. Mentindo-lhe, a amiga violentava-se, e Isabel gostava do que essa violência lhe dizia de Cláudia.

— Já falei a toda a gente de ti. Estão todos ansiosos por te conhecer.

Isabel sabia que Cláudia precisava desesperadamente de encontrar uma comunidade, ainda que transitória, que lhe devolvesse a estrutura humana que Dinis estilhaçara. Mas às vezes amava-a tanto. Tinha fúrias de a deixar à deriva no mar revolto da paixão que os seus ciúmes pintavam de negro. Um dia Cláudia havia de dar à costa, desmaiada e esquecida, e nessa altura ela estaria lá para a ressuscitar. "Deixá-la chocar contra os rochedos até fazer sangue; só assim ela entenderá que o meu amor por ela vale bem mais que o de Dinis, e aprenderá a vê-lo como reflexo da minha luz."

Ferida por estas imagens, Isabel partira para os Regatos sem formular o convite que Cláudia esperara impacientemente.

Arrependeu-se assim que chegou ao bosque e olhou para o céu.

Concluiu que estava a dar razão a Dinis, que via no amor um artifício do egoísmo; pegou na bicicleta e voou para o primeiro telefone:

— Cláudia. Isto aqui não tem graça nenhuma sem ti. Tens que vir, mesmo que seja só por causa do Dinis. Desculpas uma goíinha egoísta?

Cláudia não tinha nada contra o egoísmo activo de Isabel; o que a enlouquecia lentamente era o egoísmo passivo de Dinis, que nunca lhe dera a honra de uma cena de ciúmes, por pequena que fosse.

Era um show de music-hall. O cenário começara por ser azul, mas agora era já rosa e ouro. O palco estava coberto de folhas secas que faziam música sob os passos da vedeta. Os espectadores tomavam chá e riam-se, à mesa do jardim, enquanto ela esgrimia languidas canções de amor. No fim de cada

canção, pegava na orla do vestido e fazia uma vénia. Percebia-se então que a causa dos seus frequentes desequilíbrios não era a boémia, mas o tamanho dos sapatos de salto alto. Mantinha-se, no entanto, imperturbável. O espectáculo terminou com uma entrevista à estrela. "Diga-nos, Fiona, prefere cantar para as crianças ou para os adultos?", inquiria, solícita, a entrevistadora. A artista pegou num cigarro de chocolate, segurou-o pensativamente nas pontas dos dedos e respondeu, alguns segundos depois: "Prefiro cantar para a idade média."

Fiona tinha nesse Setembro oito anos de idade e outros tantos de carreira. Chamava namorado ao primo Manuel, que tinha trinta anos e lhe dava muitas bonecas, e chamava marido ao Rui da carteira ao lado, que passava o tempo todo a dar-lhe pontapés. Agora chama-se apenas Cláudia e está menos velha; não tem tempo a perder. Preocupa-se cada vez mais com o que os outros pensam dela. Aprendeu a medir as palavras. Suspendeu a vida artística para se dedicar à experiência da maioridade.

Começou a apaixonar-se mais pelos outros do que por ela própria, atitude que nem lhe passaria pela cabeça nesses tempos áureos. às vezes apetece-lhe que muitos e muitos Setembros tivessem passado para que pudesse voltar a ser quem era: Fiona, meiga e mitómana, arguta no desleixe e no dislate.

Cláudia aprenderá com Fiona, a artista temporariamente retirada, que os namorados devem ser sempre velhos e os maridos sempre novos.

17

Quantos metros de dor foram precisos para fazer esta tranquilidade? Maria do Céu está atenta aos mínimos sinais do exterior, e deixa-se contaminar tranquilamente por eles. A serenidade que aparenta é ilusória, como todas as circunstâncias dos afectos. Uma tradução secreta da constante turbação da vida.

São redondas, impiedosas, as mãos dela. Cada afago dos seus dedos convoca um perfume que fere o tempo com a lâmina de uma insuportável doçura. Porque a recordação exige desapego, o gelo branco da saudade, distância, terra, grandes pazadas de terra solta entre o corpo e a alma. Mas Maria do Céu nunca foi assim; cedo a alma lhe desabou sobre a pele, que embranqueceu e se pôs a transluzir. Aos vinte e cinco anos chorou três meses a fio a juventude que um homem lhe roubara, apavorada pelo poder do ódio. Ao cabo desses três meses tinha os olhos cor de violeta e estava pronta para voltar a amar cegamente.

A única coisa acesa é a lareira, mansa, e a voz dela, cada vez mais desprendida dos recatos do tempo, cada vez mais firme, exposta. Ri-se de novo. Como se em gargalhadas fininhas, bordadas, pudesse exorcizar a sufocação que a assombra.

Estranha e íntima desde a infância, nunca sentiu medo de inventar sobre o que aos outros era estrangeiro.

Setembro. As mulheres voltam a comer doces. As paixões tornam-se lentas e carregadas como o céu. As noites crescem prodigiosamente.

— São estranhas, as pessoas da noite.—dizia ela—Têm os olhos cercados de tinta e vontade de deixar o coração por escrito, tatuado na pedra da sepultura.

Setembro. Cultivam-se as antigas artes da caça, breves jogos de morte e de amizade. É por estes dias que os cestos se enchem das uvas que os homens vão pisar até ficarem estonteados, extenuados, quentes e densos como o mosto. Porque é que não se diz de um vinho velho que está "senil"? Porque é que gostamos dos tecidos rugosos das árvores, dos frutos, dos livros antigos, e repudiamos o tempo na nossa própria pele? Os mais

velhos, como as crianças, sabem ter o corpo trôpego, engelhado de tempo. A memória é uma espécie de agente duplo: mata-nos ao mesmo tempo que nos ressuscita.

Maria do Céu dorme de manhã, feliz dessa riqueza maior de não ter horários. Passeia-se pela casa enorme sem ninguém, a folhear papéis velhos longe dos olhos práticos dos outros.

Quanto mais gente tem à volta mais histórias inventa, de acordo com a fórmula criativa da timidez. Gosta da velocidade que existe entre as pessoas. Repete que a História é um acto de fé, e toda a gente acredita.

— Os factos são um candeeiro de pé baixo, iluminam pouco.

— diz, e entretém-se na busca de variantes.—Os factos são só brinquedos de adultos sem imaginação.

Dinis gosta de a contestar um bocadinho, mas ela encolhe os ombros, numa lassidão de rainha:—Tu, meu querido, tens uma alma deliberadamente turística.

Não há nada a fazer, pois não, Cláudia?

Cláudia estremeceu. Quem teria contado à avó Céu? Mas a senhora pega-lhe na mão, puxa-a para si e segreda-lhe:—Desculpa, meu amor. Sou demasiado velha, apanho tudo nos olhos das pessoas. É um transtorno, porque ainda por cima falo pelos cotovelos. Não sei medir consequências. Nunca soube, aliás. Mas não te rales. O Dinis não te merece, e o amor não quer nada com merecimentos. A propósito, já viste os meus amores-perfeitos?

Maria do Céu, Isabel, Cláudia. Todas três estão reunidas em segredo dentro deste corpo de ilusória fragilidade, rindo baixinho do encanto que provocam em quem as olha. Deixam-se admirar, amam pela vertigem do verbo amar, mas não se deixam ver. Procura-se-lhes a alma e elas transparecem, põem-se a esvanecer. Platónicas pragmáticas, dominam as sombras todas, fazem de sombra para melhor sorverem a luz.

— Os melhores corações são os que não têm defesas. Quando os atacam eles crescem e põem-se a faiscar.

Parecia-lhe que só uma generosidade assim, pasmosa de perseverança, poderia vencer a vulgata dos ódios, a exactidão dos engenhos de matar. Uma mulher ama, e isso lhe basta. O cinzel da mágoa talhou-lhe imperceptíveis rigores.: Gere a intuição com uma precisão arquitectónica.

— O problema com o amor, como com quase todos os substantivos abstractos, é que para o definir é preciso senti-lo, e nessa altura estamos

demasiado ocupados para pensar.

Ele assinava-lhe os sapatos antes de sair. Com giz branco.

— às vezes quase me comovia, o dedo dele sobre a sola, muito devagarinho. Muito cheio de medo.

Como se nela se erguesse uma vontade firme para a alegria de cada vez que a vasculhavam triste, fechada na gaiola dos bichos ou das figuras exemplares. Manteve-se arredia dos exemplos, determinada à ironia onde lhe queriam desilusão, determinada ao amor onde lhe queriam a névoa do romantismo separatista. Há nela agora um puro prazer alheio à crueldade do olhar dos outros. Diz-se em verdade e consciência e ganha sempre, mesmo que as palavras a percam.

— Amei muitíssimo. Muitíssimo.

Maria do Céu não resiste ao papel de madrinha de um bom amor de perdição. É por aqui que ela entra a matar e morre mil vezes. É aqui que o medo passa a ser dela e a chamar-se perturbação, derramamento ou fragilidade. à paixão deve a gula pela vida e o pavor do escuro, o horror de ficar sozinha em casa, o desamparo perante as coisas práticas da vida e a aguda luz das suas telas. Esforçou-se durante alguns anos em cópias de salão. Auguravam-lhe um certo talento e ela punha nesses augúrios esperança bastante para persistir. A idade ensinou-lhe a pintar amores-perfeitos de péssima qualidade.

"São tão tronchos os meus amores-perfeitos, não são?" Cláudia discorda, gosta do desacerto das cores, da espessura das pétalas feitas de restos de vestidos pintados, parecem-lhe mais verdadeiras aquelas flores do que as do jardim.

Aliás, os amores-perfeitos botânicos foram ganhando viço e perenidade à medida que Maria do Céu distorcia os tons e as formas das flores pintadas. Floriam agora o ano inteiro; a avó Céu achava que era a natureza a rir-se da sua falta de génio.

Foi o riso que espalhou as estrelas pela noite inteira, diz ela, feroz como uma adolescente. Se fosse hoje uma jovem artista desdenharia o apascentar dos meios e conversaria com os amigos nesse sitio mágico que são as casas, noites sem fim.

Maria do Céu morou sempre num barco estranho onde se sentem as coisas bater. Não há nela a nostalgia que tudo iguala. É

também por isso que Maria do Céu assusta. Ela não se encolheu para caber no tempo, não viveu de menos e por isso não recorda de mais. Sabe

ser beijada na mão. Deixou de fumar. Brinca com os dedos. Há qualquer coisa de Isadora Duncan no movimento dos seus braços. Costuma dizer que, se pudesse, andava sempre de túnica. Desata a dançar de repente, arrastando Henrique, o macambúzio, o eleito, o pintor: "Hás-de vingar a minha falta de talento, querido, mas não consegues bater-me na valsa."

A arte de Henrique herdou dela esse contágio infantil, quase cruel, entre o rigor e o amor. Não procura explicar, nem denunciar ou sequer interrogar. Interessa-lhe ver e sentir, com a corrosiva lucidez das paixões intensas. O saber nunca lhe inibe o desamparo, antes o absorve até à vertigem.

Henrique nunca tropeça nos pequenos delitos das coisas que o fascinam. Abre caminho por dentro dessas imperfeições e constrói com elas um inexpugnável castelo onde o feio surge como uma das mil e uma facetas do belo. Henrique sabe que o kitsch é o outro lado do trágico que é o outro lado do riso que é o outro lado da ternura ou da melancolia dela. Não elabora hierarquias nem selecciona motivos. A razão vem depois, feita exercício de imaginação sobre a descoberta. O

quadro favorito de Cláudia chamava-se "Crime e Castigo" e parecia um daqueles jogos de meninos em que os castigos são ilustrados e os avanços se contam em números.

— É que a dor é bem mais favorável à ilustração do espírito do que a afabilidade.—explicava-lhe Henrique, e Cláudia sentia-se mesquinha porque procurara a companhia dele para espicaçar Dinis, que dera em ignorá-la.

Isabel tinha razão; o mano não apreciava surpresas, achava de mau tom que lhe invadissem o território. Ouviu a travagem do carro, o bater das portas, o vozeirão do pai, as gargalhadas da amante, e correu imediatamente à cozinha informando que ia jantar a casa dos primos. Nessa noite, a avó Céu perguntou por ele com o olhar posto em Cláudia e soube. Na manhã seguinte anunciou que ia organizar um serão de cinema com os filmes da infância dos primos todos, em honra da amiga de Isabel.

Sublinhou estas últimas palavras e acrescentou:—Quero reunir a família toda. Toda. Estás a ouvir, Dinis? E quero ver o teu amigo Filipe, também.

A avó Céu era a única pessoa que Dinis não podia deixar de ouvir. Filipe deixara de falar a Isabel desde que Cláudia chegara, mas Isabel jurava-lhe que aquele amuo já vinha de trás.

— Eu até te escrevi por causa disso, parva. É melhor assim.

Isabel não queria que Cláudia soubesse que Filipe a deixara por causa da vinda dela.

— Mas ela é a namorada do Dinis.

— Mentira. O Dinis diz que não tem nenhum compromisso com ela. Tu achas que alguém pega numa rapariga como ela?

— É uma rapariga como as outras. E o Dinis é um safado.

— Não, não é uma rapariga como as outras.

— Pois não. É a minha melhor amiga. É por isso que ela vem cá. Não é como tu, que te fizeste amigo do Dinis à pressa, para poderes vir connosco.

Afogueado de raiva, Filipe levantou a mão e deu-lhe uma bofetada. Isabel fugiu para o jardim, chorando convulsivamente e jurando que nunca mais o voltaria a amar. Manteve esta decisão por vinte e quatro horas. Quando a carta chegou a Cláudia, já se tinham reconciliado e zangado por causa dela mais duas vezes. Agora, Dinis deixara de falar à irmã porque entendia o convite a Cláudia como uma armadilha, e Filipe acompanhava em absoluto aquele voto de silêncio. Cláudia dedicava-se ao teatro da absoluta alegria, porque a humilhação ia para além de todas as possíveis lágrimas; essa encenação risonha conseguiu torná-la popular entre os primos e acirrar uma embirração crescente em Isabel, que não lhe perdoava o fingimento, depois de todos os sacrifícios que fizera por ela.

Setembro. O nono mês do ano, como se os bebês cheirassem a uvas e compotas, roupa guardada e fotografias antigas, sem a arrepiante acusação do futuro. Fundem-se verdes e castanhos, as cores muito novas ou muito velhas dos seres que habitam os parênteses dos adultos, Cláudia chorando enfim no colo de Maria do Céu:

— Vó Céu, eu quero morrer. Quero morrer já, aqui, para o ver chorar o mal que me fez, para o ouvir chamar-me querida. Vó Céu, eu dei-lhe tudo o que tinha e ele nunca me disse querida.

Ele nem sequer me disse que era bonita, os outros todos diziam e eu nem ouvia, ele nunca disse...

— Queridinha. Agora já sabes ouvir, nunca mais te vais esquecer de ouvir quando alguém te disser essas coisas doces.

— Não, nunca mais quero ouvir nada. Quero morrer já. E por amor de Deus não me diga que sou muito nova, que tenho a vida à minha frente. Por amor de Deus não diga que eu não tenho mais ninguém que me ouça.

— Eu sei, o tempo é terrível. E se fôssemos ver as teias de aranha do nosso Henrique? Podíamos convidá-lo para um piquenique nas vinhas. Está um dia tão bonito, e Setembro está quase no fim... Sabes que o Henrique também escreve?

— Escreve? O quê?

— Poemas, frases, o que lhe vem à cabeça. Milagres inventados, é por aí que se começa. O Dinis é só um pretexto, minha filha. Hás-de arranjar outros, que quando se toma o gosto ao fel não se quer outra coisa. Digo-te eu, que graças a Deus amei muitíssimo. Muitíssimo.

As frases começam-lhe eufóricas e terminam muitas vezes melancólicas. Como se a meio das explicações se desse conta da inutilidade das palavras repetidas, da impossibilidade de passar assim um qualquer testemunho. A sua maior vaidade é deixar de perceber. Cansou-se de ler as linhas ordenadas do mundo. Cada ser é uma constelação de duelos insolúveis, às vezes a espada lampeja e o olhar clareia. Há em cada poeta uma aventura singular que articula o tempo que a vida escolheu para ele e o lugar que ele escolhe para si na vida.

— Tens que levar uns amores-perfeitos, Cláudia. Eu vou apanhá-los num instante.

— Eu vou consigo, vó Céu.

O sol apresentava-se radioso à despedida de Setembro. Porém, no segundo exacto em que Maria do Céu se dobrava para cortar as flores, o azul do dia fez-se cinza e desfez-se em água sobre a sua cabeça. A vó Céu abriu um sorriso resplandecente e comentou:

— Há quanto tempo as minhas florinhas precisavam de uma molha! Deus Nosso Senhor é muito meu amigo!

Cláudia olhava para o rosto angelical da avó Céu e cismava que se o mundo não estivesse todo desaparafusado, ela havia de ter encontrado o avô Matias num jardim de amores-perfeitos, e teriam sido felizes para sempre. Se aquela chuva inesperada atingisse a avó Lurdes, ela havia de praguejar contra o Demónio e contra a sua triste sorte. Recordava-se ainda do prazer demorado que a avó Lurdes punha nas visitas ao cemitério, conferindo um a um os vasos de flores sobre os jazigos, para tecer dissertações intermináveis sobre o desmazelo dos vivos e os pecados dos mortos.

Cláudia foi muda durante toda a viagem para a cidade.

Isabel deixara de lhe falar na véspera. Filipe pegara-se com Dinis, reconciliara-se com Isabel e absolvera Cláudia, desafiando-a para um amável jogo de cartas. Mas Cláudia apanhou-o a fazer batota, insultou-o, e ele retorquiu com uma das suas famosas bofetadas.

— Eu não me chamo Isabel, ouviste? Não sirvo para bombo de festa.— rugiu Cláudia, fora de si, erguendo a mão.

Isabel travou-lhe o gesto e disse:—Livra-te. Não tocas no Filipe. Tu é que começaste.

A indestrutível cumplicidade de Cláudia e Isabel ruiu de um só golpe, por causa de um baralho de cartas e de uma bofetada mal defendida. Um ano mais tarde, Filipe ergueu a mão a Isabel e ela aproveitou aquele movimento para derradeiro adeus.

Nessa época Cláudia já não morava no bairro. Saiu de casa com a mãe pouco tempo antes do fim do grupo, no qual Teresa preencheu o lugar de rainha, durante alguns meses e por exclusão de partes. João namorou-a por despeito e abandonou-a por fastio. Teresa concluiu que homem nenhum valia o seu amante ficcional e encerrou-se em casa a produzir um epistolário. João decidiu que Alexandra nenhuma merecia o sacrifício de um amor simulado e partiu de mota para parte incerta. As gémeas engravidaram ao mesmo tempo, não se sabia de quem, e foram desengravidar para um hospital da África do Sul. Parecia que já não havia maneira de travar o tempo.

Ricardo oficializou-se noivo da Rosarinho das vivendas e Radar disfarçou a orfandade misturando-se aos miúdos da rua.

Já ninguém o conhece por Radar; hoje é o Rei da Criançada, e passa os fins de semana a brincar à apanhada e a roubar gasolina dos carros para a mota. Cláudia mora agora no centro da cidade. Sonha muito com Isabel e às vezes acorda triste, a imaginá-la mãe de um Filipinho mandão que esteve para se chamar Cláudia e para ser mimado por ela. Quanto a Malvina, saltou para o colo da avó Céu e recusou-se a voltar para a cidade, naquele último dia de Setembro. Talvez tivesse pressentido que nem Murinelo estaria lá para a receber.

18

Os sapatos dela estavam todos ali, na escada rolante, degrau a degrau. Expostos e arrumados por épocas como num museu redondo.

Quando a escada acabava o primeiro par voltava a aparecer no degrau de cima. Os primeiros sapatos de salto alto, bambos e cambados de dançar em garagens ou de esperar quietos, tardes inteiras? por um passo que nunca chegou. E as sapatilhas de ginástica, de um branco esfolado pela persistência. E os mocassins largos, que lhe caíam dos pés assim que Dinis a atirava, entre lutas e gargalhadas, para cima da cama. Isabel é que costumava ficar tardes inteiras sentada no muro do liceu a descrever as pessoas que passavam só pela forma e pela cor dos sapatos. Isabel acertava sempre, como é próprio dessas deusas dilacerantes que o pudor da adolescência distingue com o grau de "maior amiga".

O que Isabel se riu desses sapatos altos amarelos. "Ficas uma sonsa", dizia ela. "E o pior é que tu não és uma sonsa. Por isso é que te ficam tão mal, esses sapatos." Ela ajoelhou-se, abriu o saco de viagem e começou a guardá-los, um a um. As pessoas à sua volta falavam tantas línguas que era impossível adivinhar-se ali um país. Mas um aeroporto não precisa de ter identidade. A única coisa que lhe parecia estranha era a tranquilidade com que os sapatos voltavam a aparecer lá em cima depois do último degrau, brilhantes e gastos como se tivessem sido abandonados agora mesmo.

— Senhor Murinelo! Senhor Murinelo!

Cláudia deambulava pelas traseiras da casa com a fotografia de Malvina na mão. Precisava de falar com alguém, precisava desesperadamente da voz do velho, louca e matreira. Sonhava cada vez mais com a morte, deixava-se ficar na cama para prolongar o sonho, primeiro adoecia, em dois dias diziam-lhe que ia morrer, e depois ficava prostrada, branca como uma santa de igreja e bela como uma estrela de cinema, e Dinis soluçava sobre a sua mão.

As lágrimas dele escaldavam, ardiam-lhe nos dedos, causavam-lhe pavorosos padecimentos e ela mordida os lábios para que aquele deleite não cessasse. Temia que Dinis se esvaísse no ar se ela abrisse a boca,

concentrava-se, não queria dizer nenhuma barbaridade, nem uma sílaba de pieguice. "Se ao menos uma vez, Dinis, só uma vez. Diz." Ela desejava que ele dissesse e ele dizia; Ele dizia, em catadupa: "Amo-te, quero-te, és a mulher da minha vida, não morras, por favor não morras." Depois ela morria mesmo e ele chorava muito, e Isabel dava-lhe a mão e choravam juntos. E depois o sonho acabava. Cláudia fechava os olhos com força e robobinava a fita, revia a declaração de amor em câmara lenta, acrescentava-lhe frases: "és a mulher da minha vida e eu fui tão estúpido, tão cego. Tinha medo, percebes? Sou um covarde.

Fui um covarde." Nestas versões mais buriladas Cláudia guardava umas linhas para si, uns estertores de perdão e paixão, e as mãos dele erguendo a cabeça dela para a ajudar a respirar, e o revirar dos olhos. No derradeiro minuto vinha-lhe à ideia que tinha que fechar a boca e os olhos, não podia ficar para ali escancarada, não permitiria que ele a recordasse desfigurada.

— Senhor Murinelo! Onde é que se meteu?—não aguentava tanta aflição, gastara os diários todos, queria escrever tal-qual e não havia tal-qual para aquela doideira.

"A minha cabeça no teu ombro. A tua boca nos meus olhos. Os meus cabelos nos teus dedos. Qual era a canção? O meu corpo tremia tanto. Tinha medo que tu ouvisses o meu coração a bater. Os outros julgavam que estávamos a dançar. Os outros julgavam. Qual era a canção?

A minha boca nos teus dedos. A tua cabeça no meu colo. Os teus olhos nos meus olhos. O sol do nosso tamanho pelas frinchas da persiana. Os teus pais tinham saído nesse fim-de-semana.

Lembras-te?

Os teus olhos nos meus olhos, através do vidro, no liceu.

Compravas-me chocolates. Roubavas-me o saco dos livros.

Rias-te de mim, e era tão bom.

Os teus pais tinham saído. Eram os primeiros dias de calor.

Fizemos refrescos e pudim flan de pacote. Puseste o disco a tocar e baixaste as persianas. Lembras-te?

Eu olhava para ti e faltava-me o ar. Escrevia o teu nome na areia da praia. Ficava horas à janela só para te ver passar de bicicleta. Mesmo quando não olhavas para mim. Onde é que tu estás, agora?

Lembras-te? Jogávamos à verdade e consequência. Ao quarto escuro. Aos namorados. Dávamos beijinhos às escondidas. Eu escrevia-te poemas e

as minhas notas subiram. A minha mãe dizia que eu era uma rapariga sensata. Agora pergunta-me porque é que eu choro tanto. Toda a gente me diz que eu não tenho idade para chorar. E tu não vês. Tu já não me vês.

Um dia vais voltar para mim. Um dia vou parar de chorar. Mas os dias passam tão devagar. E as pessoas crescidas riem-se.

Dizem que eu não tenho idade para desgostos de amor. Que eu vou ter muitos namorados. E eu não quero. Eu quero-te.

Só sei o teu nome. Já não escrevo poemas. Nenhum poema pode fixar a luz que havia debaixo da tua pele.

Contigo eu não precisava de imitar ninguém. O coração da terra batia ao ritmo dos teus passos. De repente tu foste-te embora e ficou tanta coisa por dizer.

Os teus braços na minha cintura. A minha boca na tua boca.

Estava escuro. Havia só a luz do aquário ao lado do gira-discos. Como é que tu já te esqueceste?

Os teus pais tinham saído. Os peixes flutuavam por entre as algas. Fechei os olhos. Era capaz de morrer de amor por ti.

Como é que tu já te esqueceste?"

— Muriiiiinceeeelloooooo!

Murinelos desaparecera; há muitas semanas que ninguém o via. A porta do casarão estava aberta, mas Cláudia não teve coragem de entrar. Passaram muitos e muitos dias; as aulas estavam quase a recomeçar. Os pais de Cláudia admiraram-lhe a domesticidade e o recolhimento. Deduziam que Cláudia passava os dias a estudar; notavam-lhe um ligeiro alheamento, que interpretaram como "fruto da idade."

Nos dias da infância, Cláudia esteve para ser fada. Mas muitas histórias depois, pensou que não devia haver nada mais insuportável do que viver com uma fada.

— Pareces uma fada.

disse-lhe ele, um dia, de repente. Era por isso que nunca poderiam viver juntos, pensou ela. Mesmo porque, na realidade, a frase dele fora outra.

— Pareces uma fada do lar.

disse ele, um dia, escarnecendo-lhe as seduções domésticas.

— Porquê? Não posso lavar a tua loiça?

— Podes. Claro que podes.

Ele deixava-lhe tudo. Só nunca a deixava ser dele.

Zangavam-se por ninharias. Nessas alturas, o silêncio rachava-se ao meio e os ruídos da cidade invadiam o quarto.

Eram buzinas, passos de gente, o chiar das roldanas, os pombos. Mas chegaria sempre o momento em que ela lhe pegava no dedo mindinho para o meter na boca. Muito devagar, o desejo era a única voz. Repetiam incessantemente os mesmos rituais.

Sentada no café onde há dez anos Teresa se encontrava com Ana Carolina, Cláudia folheia uma revista e sorri. Na mesa ao lado, uma mulher de meia-idade conta a história de um bando de jovens desfeito por causa de uma paixão.

— E dizem vocês que as paixões são divertimentos passageiros!

— As mulheres são apaixonadas e os homens são solitários, Carolina. É esse o problema.

à meia-noite o café enche. Uns vêm do cinema, outros tomam o pequeno-almoço. A partir da meia-noite, naquele café, as evidências desaparecem. Até para coisas aparentemente simples, como a distinção entre homens e mulheres. à meia-noite e meia, Cláudia já nem pode jurar que a velhinha encarquilhada que come uma sopa, na mesa do fundo, seja de facto uma velhinha encarquilhada.

Às vezes a polícia aparece e leva toda a gente na rusga: filósofos, velhinhas, escritores consagrados, homens vestidos de mulher, meninas bem comportadas. Os ladrões que a polícia procura são a única espécie não representada neste mostruário; esses flaneiam pelas esquinas próximas, na esperança que a rusga esvazie as redondezas e faça sossegar os passeios onde os automóveis repousam. Cláudia sorri, folheia a revista. São páginas e páginas de receitas "para reavivar a sua vida sexual". Relatórios extensos de posições "originais", "surpreendentes" e "eficazes." Descrições minuciosas dos "pontos-chave". Exortações fervorosas ao malabarismo. Cláudia fecha os olhos e vê-se uma vez mais nos braços dele. Quantos homens a amaram com eficácia e surpresa e originalidade, depois? Todos. Um cardápio de homens dignos dos padrões de qualquer revista, atléticos, simpáticos, sensíveis. E Cláudia a fechar os olhos para encontrar o rosto de Dinis sobre o tempo. A inventá-lo na definição da maioria, com e sem barba, com e sem óculos, combatendo a espessura do tempo.

Cláudia a arrepender-se do instante de fúria em que lhe rasgou os retratos, sempre que acorda com um homem ao seu lado.

Cláudia procurando Dinis às cegas, como naquelas tardes em que lhe rebuscava gavetas e prateleiras em busca de um livro, um caderno, uma frase escrita à margem. Hoje ele está sozinho no quarto e o barco ficou parado no cartaz de cinema.

A morte estava escrita nas horas daqueles corpos. Havia um halo. Uma aura. Um incêndio de água. O prazer preciso da vertigem. Incenso e cinza. água. água. água.

Ainda hoje ele procura no mar o gosto da pele dela. Dói-lhe o corpo, como se lhe faltasse um braço ou aquele dedo pequenino.

Cláudia ganhara coragem para entrar na casa de Murinelo.

Encontramo-la em rota de regresso, na desilusão mansa e funda que é a memória triste de todos os desesperos. Cláudia está cansada e vazia. Tão cansada e tão vazia que confunde as saudades de um amor com o desejo do amante que a decepcionou; cansada demais para perceber que o seu vazio tem o contorno infinito da disponibilidade e que Dinis, o amor antigo, passou definitivamente para aquela assoalhada estética do coração onde se guardam os amores amarelecidos pela decepção, como se a raiva nunca os tivesse desfigurado. Ela ainda ama o homem que a desiludiu, amá-lo-á sempre com essa compaixão meiga que nas almas limpas sucede à paixão para melhor a repetir.

"Não quero lembrar-me dos teus olhos arrefecidos", dizia a carta.

Ela saiu da vida e só sobraram os dias. Zangaram-se tantas vezes, perderam tanto tempo em sofrimentos de refugio.

Amor-próprio, amor-estragado, amor agora morto. Mas nunca falavam de amor. Foi quando o corpo de Mariana desapareceu que ele ancorou naqueles papéis. Eram canções, poemas feitos das palavras que esquecera no corpo dela. Horas perdidas para o medo. Horas em que ela estava viva. Como se fosse para sempre.

Amor pardo, amor avariado, amor entupido. E agora que ela saiu da vida, o que fazer de tanto amor?

Partilhavam um convicto desprezo pela felicidade, incapaz de suportar a febre e a alegria negra do dilaceramento. Viviam de ressurreição em ressurreição. "Como podemos viver depois de encontrarmos o rosto da nossa morte?"

Um império de lumes, luminoso como uma lâmina. O desejo demorado de dor. O corpo a aprender tudo ao contrário, perdoar o pudor e depois preso

de paixão. Da primeira vez julgaram que era só uma noite de lua cheia, da segunda vez tremeram.

Depois, não se lembram exactamente do que aconteceu.

Hoje, os fragmentos que restaram do retrato dele estão ao lado dos cartazes de cinema que lhe deu. Até que os cantos amareleçam e a pele dela fique cor de sépia, ali sentada a olhar para um lábio sem queixo, um olho sem testa.

"Esta noite vai mudar tudo. Nesta noite, nada de novo se pode inventar mais." Não se lembram exactamente do que aconteceu.

Talvez não tenha passado de um sonho. Havia uma telefonia antiga a cantar baixinho coisas de cinema. Eles sabiam que um beijo é só um beijo e o tempo parou para os olhar. Faziam-se interessantes. A saudade pôs cara de sonsa e atacou às escondidas. Sem o seu poder, o amor definha, e quando toma o poder, é o funeral do amor.

Cláudia perdera a noção de fronteira. Tinha a carta na mão e esfregava os olhos, incrédula. Para lá do gigantesco salão do traje ocultava-se um estranho santuário. Em redor do Cristo crucificado, imagens de um jovem oficial—o filho do velho do cartão. E entre os retratos expunha-se uma colecção de roupa íntima de mulher. Uma mulher gorda, gordíssima. Mariana.

"Minha Mariana". Assim começava a carta.

Um dia, ela dissera-lhe que não voltaria a ser dele. Queria crescer, emagrecer e casar. Depois havia de engordar para os filhos e tornar-se outra vez gulosa e flácida como um bebé.

Falava de costas viradas para ele.

— Não quero olhar mais para ti, Murito. Não devias ter vindo visitar-me. Aqui em casa não consigo fazer nada de ti. Há luz a mais, e eu quero que o meu corpo tenha direito à luz. Vou ao médico. Vou ser bonita como as outras. És um velho devasso.

Romântico, mas devasso. Desculpa.

Falava de costas e avançava para a varanda. Ele seguia-a, pé ante pé.

— Deixa ao menos que eu te beije as orelhas, Rainha das Neves. Não precisas de olhar para mim. Tu nunca soubeste resistir ao calor da minha língua.—sussurrava o velho -

Hoje sou o Luís Vaz. Não te recusarás ao glorioso galã da História nacional, pois não, minha flor?

— Larga-me. Cheiras mal, velho.

Murino curvou-se lentamente, pegou nos tornozelos da sua bem-amada, levantou-a e despejou-a da varanda. Mariana ainda tentou agarrar-se às grades de ferro, mas era demasiado pesada para impedir a queda. O velho respirou fundo, atravessou a sala, fechou devagar a porta da rua, entrou no elevador e desceu.

Morta, ela ficara-lhe mais íntima. Nem uma fotografia possuía para a recordar como era, a puxar do eterno à realidade.

"Minha Mariana

Não quero lembrar-me dos teus olhos arrefecidos. A saudade guarda o que ficou por repetir. Não se aprende nada com a experiência. Só o que dói é que se sabe. As histórias mais bonitas não são as que se contam. As coisas mudam, mas o coração fica. E tu dizias: tudo pode acontecer. Eu não queria que tudo pudesse acontecer. Tu eras minha. Querias ir-te embora e eu empurrei-te para o colo dos anjos. Espera por mim.

Eu já não duro muito nesta Terra. Ia contar-te que tínhamos pouco tempo. Parece que adivinhaste. Despediste-te de mim antes que eu pudesse dizer-te adeus. Um dia vamos subir ao céu, os dois, sempre em espiral. Havemos de ter os olhos tristes das paredes do mundo."

Cláudia perdera a chave do crime pelos múltiplos corredores que vão do sonho ao sono, e do sono ao dia.

Um crime perfeito, não fora o poder dos sonhos que crescem ao lado da vida para melhor denunciarem a mão da morte. Cláudia acendeu uma das muitas velas que circundavam as fotografias do jovem oficial e queimou a carta póstuma de Murino. Já ninguém precisava de a ler; os mortos tornam-se secretos para apaziguar a alma dos vivos.

FIM